

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação
VIVIANE CAODAGLIO DA SILVA

**OS SENTIDOS ATRIBUÍDOS POR ALUNOS DO CURSO DE
ADMINISTRAÇÃO À FORMAÇÃO DO ADMINISTRADOR E
AS DISCIPLINAS DE CONTÁBEIS**

**Itatiba
2019**

VIVIANE CAODAGLIO DA SILVA – RA 002201701056

**OS SENTIDOS ATRIBUÍDOS POR ALUNOS DO CURSO DE
ADMINISTRAÇÃO À FORMAÇÃO DO ADMINISTRADOR E
AS DISCIPLINAS DE CONTÁBEIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.
Linha de pesquisa: Educação, Linguagens e Processos Interativos

Orientadora: Profa. Dra. Milena Moretto

**Itatiba
2019**

| | |
|-----------------|--|
| 373.61 S584s | <p>Silva, Viviane Caodaglio da. Os sentidos atribuídos por alunos do curso de Administração à formação e às disciplinas de Contábeis / Viviane Caodaglio da Silva. – Itatiba, 2019. 104 p.</p> <p>Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação <i>Stricto Sensu</i> em Educação da Universidade São Francisco. Orientação de: Milena Moretto.</p> <p>1. Administrador - Formação. 2. Trajetórias de Vida. 3. Contabilidade. 4. Apropriação de Conceitos. I. Moretto, Milena. II. Título.</p> |
|-----------------|--|



UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
EM EDUCAÇÃO

Viviane Caodaglio da Silva defendeu a dissertação "OS SENTIDOS ATRIBUÍDOS POR ALUNOS DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO À FORMAÇÃO E ÀS DISCIPLINAS DE CONTÁBEIS" aprovada no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade São Francisco em 26 de fevereiro de 2019 pela Banca Examinadora constituída pelas professoras:

Milena Moretto

Profa. Dra. Milena Moretto
Orientadora e Presidente

Denise Filomena Bagne Marquesin

Profa. Dra. Denise Filomena Bagne Marquesin
Examinadora

Adair Mendes Nacarato

Profa. Dra. Adair Mendes Nacarato
Examinadora

Aos meus filhos, Nathalie Zuiani e Lucas Zuiani,
pelo amor incondicional que juntos vivemos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, que sempre me propicia sabedoria nos momentos bons e ruins, tornando a minha vida repleta de amor, conquistas e felicidade.

Aos meus pais, que sempre me proporcionaram, dentro do que podiam, o melhor, e, em especial, as minhas irmãs Denise Caodaglio da Silva Rossi, Sandra Caodaglio da Silva e Eliane Caodaglio da Silva, por me apoiarem e incentivarem todos os momentos da minha vida.

A minha professora orientadora, Prof^ª. Dra. Milena Moretto, que pacientemente orientou esse trabalho, com muita dedicação e sabedoria, e que no percurso desse trabalho fui agraciada em participar de dois momentos excepcionais da sua vida, o nascimento da sua primeira filha Letícia, no início desse estudo, e, agora, na etapa de conclusão, aguarda o nascimento da sua segunda filha Larissa. Foi incrível, você é notável.

À Universidade São Francisco, que propiciou a realização desse estudo.

Ao corpo docente do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade São Francisco, que tanto contribuiu para minha formação. Meu agradecimento e admiração. Agradeço, em especial a Prof^ª. Dra. Adair Mendes Nacarato, que sempre se mostrou prestativa e atenciosa nos meus momentos de dúvidas e inquietações; suas palavras e contribuições foram significadas nessa investigação.

À Prof^ª. Dra. Denise Filomena Bagne Marquesin, membro da banca examinadora, que com sua leitura atenta trouxe excelentes colaborações para finalização do trabalho. Foi gratificante conhecê-la.

Aos meus colegas de curso Alessandra Varisco, Felipe Cavalaro, Íris Aparecida Custódio e Rita de Cássia Bento Manfrin, pela convivência, companheirismo, entusiasmo nas aulas. Vocês são especiais.

Aos companheiros pedagógicos Delle Cristina Pereira Pupin, Luis Alberto Borcsik, Miriam Saiki e Valéria de Fátima Tártare Marassato.

A todos os amigos que participaram e contribuíram direta ou indiretamente para essa trajetória.

Muito obrigada!

O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim terás o que colher.

Cora Coralina

SILVA, Viviane Caodaglio. **Os sentidos atribuídos por alunos do curso de Administração à formação e às disciplinas de contábeis**. Dissertação (Mestrado em Educação). 2019. 104p. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação. Universidade São Francisco, Itatiba/SP.

RESUMO

A presente pesquisa, inserida na linha de pesquisa intitulada de Educação, Linguagens e Processos Interativos, tem como objetivo geral analisar que sentidos os discentes do 5º semestre do curso de Administração atribuem à formação nessa área e às disciplinas relacionadas à área contábil. Ainda, como objetivos específicos: 1) Analisar como os discentes narram as suas trajetórias de vida escolar e vão se constituindo a partir delas; 2) Analisar como esses sujeitos vão se apropriando do que é ser um administrador; 3) Analisar as convergências e divergências das histórias de vida dos alunos em relação às dificuldades apresentadas na disciplina de contabilidade. Para alcançarmos esses objetivos, optamos por utilizar do método biográfico a partir do procedimento da entrevista narrativa como produção de dados. Entrevistamos alunos do 5º semestre da graduação de Administração, que já haviam cursado três disciplinas, na área contábil, ministradas pela pesquisadora, quais sejam, Contabilidade Introdutória, Custos Empresariais, Administração de Recursos Financeiros, sendo que estavam cursando a quarta disciplina, intitulada de Planejamento Financeiro e Orçamentário, todas pertencentes à área financeira e contábil. Após a realização das entrevistas, foi realizada a transcrição e posterior textualização das narrativas. Pautamo-nos, para análise, nos aportes teóricos da perspectiva histórico-cultural e enunciativa. Nossas análises mostram que as experiências de vida e os saberes vão constituindo os sujeitos e possibilitando que eles se apropriem de diferentes discursos que circulam socialmente, tanto a partir de suas vivências pessoais quanto profissionais. No entanto, a partir da sua relação com o outro e com o curso em que estão envolvidos, esses estudantes vão ressignificando esses discursos acerca da escolha do curso e da profissão a partir de suas vivências e da narrativa.

Palavras-chave: Formação do Administrador; Trajetórias de Vida; Contabilidade; Apropriação de Conceitos.

ABSTRACT

The present research, inserted in the research line entitled Education, Languages and Interactive Processes, has a general objective to analyze which meanings the students of the 5th semester of the Business Administration course attribute to the degree in this area and to the disciplines related to the accounting area. It also has specific objectives: 1) To analyze how the students narrate their trajectories of school life and are building up from them; 2) Analyze how these subjects take ownership of what it is to be an administrator; 3) Analyze the convergences and divergences of the students' life histories in relation to the difficulties presented in the accounting discipline. To reach these objectives, we chose to use the biographical method from the narrative interview procedure as data collection. We interviewed students from the 5th semester of the Graduation of Business Administration, who had already studied three disciplines in the accounting area: Introductory Accounting, Business Costs, Financial Resources Administration and were attending the fourth discipline entitled Financial Planning and Budget, belonging to the financial and accounting area. After the transcription and textualization of the narrative interviews, based on the theoretical contributions of the historical-cultural and enunciative perspective, we find that life experiences and knowledge are constituting the subjects and enabling them to appropriate different discourses that circulate socially, both from their personal as well as professional experiences.

Palavras-chave: Training of the Administrator; Life trajectories; Accounting; Appropriation of Concepts.

LISTA DE SIGLAS

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

FIES – Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior

FPS – Funções Psicológicas Superiores

PPI – Projeto Pedagógico Institucional

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| Tabela 1. Descrição dos sujeitos | 37 |
|--|----|

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO | 10 |
| CAPÍTULO 1 – OS MUITOS OUTROS QUE ME CONSTITUEM | 13 |
| CAPÍTULO 2 – A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO A PARTIR DA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL E ENUNCIATIVO-DISCURSIVA | 21 |
| 2.1. A linguagem e o processo de significação: o outro constitutivo | 21 |
| 2.2. Dialogia e interação: o outro constitutivo | 27 |
| 2.3. O diálogo entre Bakhtin e Vigotski..... | 29 |
| CAPÍTULO 3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS | 31 |
| 3.1. O contexto da pesquisa..... | 31 |
| 3.2. O porquê da escolha do método biográfico | 32 |
| 3.3. O instrumento utilizado para a produção dos dados: a entrevista narrativa | 34 |
| 3.4. Os sujeitos entrevistados e o procedimento de produção das entrevistas | 35 |
| 3.5. Os procedimentos de análise de dados | 37 |
| CAPÍTULO 4 – TEXTUALIZANDO AS HISTÓRIAS DE VIDA DOS ALUNOS DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO | 38 |
| 4.1. A história de Elise | 38 |
| 4.2. A história de Lola..... | 44 |
| 4.3. A história de Luce | 52 |
| 4.4. A história de Lucas..... | 60 |
| 4.5. A história de Nina | 68 |
| CAPÍTULO 5 – OS SENTIDOS ATRIBUÍDOS PELOS ALUNOS DE ADMINISTRAÇÃO SOBRE A FORMAÇÃO E AS DISCIPLINAS DA ÁREA CONTÁBIL..... | 732 |
| 5.1. Lembranças das trajetórias escolares referentes à educação básica..... | 732 |
| 5.2. A escolha e os sentidos de realizar um curso de Administração | 82 |
| 5.3. Os sentidos da disciplina de Contabilidade para a formação desses sujeitos..... | 91 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 100 |
| REFERÊNCIAS | 103 |

INTRODUÇÃO

Enquanto aluna, no ano de 1990, fiz parte da primeira turma do Bacharelado de Administração nesse mesmo câmpus em que a pesquisa está sendo realizada e, desde essa época, pude perceber a dificuldade que os alunos tinham em relação à disciplina de Contabilidade e, posteriormente, nas disciplinas mais avançadas da área contábil e financeira.

Durante a trajetória da minha prática docente, no curso de Administração, foi possível presenciar que a dificuldade dos alunos na aprendizagem dos conceitos que circulam na área contábil ainda se faz muito presente.

Se considerarmos as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Administração, bacharelado, instituídas por meio da Resolução nº 4, de 13 de julho de 2005, as Instituições de Ensino Superior – IES deverão observar, na organização curricular, que:

(...) Art. 5º Os cursos de graduação em Administração deverão contemplar, em seus projetos pedagógicos e em sua organização curricular, conteúdos que revelem inter-relações com a realidade nacional e internacional, segundo uma perspectiva histórica e contextualizada de sua aplicabilidade no âmbito das organizações e do meio através da utilização de tecnologias inovadoras e que atendam aos seguintes campos interligados de formação: I - Conteúdos de Formação Básica: relacionados com estudos antropológicos, sociológicos, filosóficos, psicológicos, ético-profissionais, políticos, comportamentais, econômicos e contábeis, bem como os relacionados com as tecnologias da comunicação e da informação e das ciências jurídicas [...] (BRASIL, 2005, p. 2).

Nota-se que na organização curricular está inserida a disciplina de Contabilidade e as disciplinas da área financeira, que fazem parte da grade curricular do curso e são oferecidas nos semestres de acordo com cada instituição. O objetivo da área contábil é fornecer informações por meio de relatórios confiáveis que permitam ao usuário tomar decisões gerenciais; esses conceitos são formados através de representações, normas e regras.

Dessa forma, vários questionamentos fizeram-se presentes na construção dessa investigação, pois acreditamos que, dentro da trajetória educacional, devemos considerar não apenas os aspectos burocráticos e normativos, mas também o contexto de vida em que o aluno está inserido. Quem são esses alunos que ingressam no curso de Administração? Quais são as dificuldades encontradas na disciplina de Contabilidade e da área financeira? Como assegurar que o aprendizado vai acontecer na constituição desse sujeito?

Ainda dentro desse contexto, devemos considerar os aspectos burocráticos definidos de acordo com a instituição de ensino, a normatização, a carga horária, o conteúdo programático, a ementa, o plano de ensino e o plano de atividades do curso de Administração.

Será que a carga horária das disciplinas de Contabilidade é suficiente para repassar todos os fundamentos de Contabilidade? O plano de ensino da disciplina de Contabilidade está perfeitamente adequado ao propósito do curso? O contexto de vida do aluno que ingressa na universidade propicia condições para que ocorra o aprendizado?

São questões que nos intrigavam e que nos levaram a desenvolver uma pesquisa que pudesse ouvir os estudantes, uma vez que a disciplina contempla conceitos importantes que não são apropriados por eles, mas são exigidos em disciplinas posteriores relacionadas à área contábil. Cabe ressaltar que, na maioria das vezes, os ingressantes nunca tiveram contato com a Contabilidade durante suas trajetórias de vida e, talvez por essa razão, apresentam dificuldades em compreender os conceitos básicos dessa área do conhecimento.

Foi, dentre tantas indagações, que surgiu o interesse por essa pesquisa, desenvolvida a partir da seguinte questão de investigação: Que sentidos os discentes do 5º semestre de Administração atribuem à formação e às disciplinas relacionadas à Contabilidade? Por isso, este trabalho tem como objetivos específicos: 1) Analisar como os discentes narram as suas trajetórias de vida escolar e vão se constituindo a partir delas; 2) Analisar como esses sujeitos vão se apropriando do que é ser um administrador; 3) Analisar as convergências e divergências das histórias de vida dos alunos em relação às dificuldades apresentadas na disciplina de Contabilidade.

Para realizar a investigação, pautamo-nos na perspectiva histórico-cultural e na teoria enunciativo-discursiva que discutem sobre a constituição do sujeito social, cultural, histórico e ideológico que se faz a partir da mediação semiótica e no método biográfico para a produção dos dados. Utilizamos entrevistas narrativas com alunos do 5º semestre do curso de Administração. Após transcrição e textualização dessas entrevistas, realizamos a análise a partir de três eixos que iriam convergir na fala dos depoentes: 1) Como os sujeitos participantes narram e significam suas trajetórias escolares; 2) A escolha e a significação do curso de Administração e 3) Os sentidos da disciplina de Contabilidade para a formação desses sujeitos.

Diante disso, esse estudo está dividido da seguinte forma. No primeiro capítulo, apresento o meu memorial para esclarecer de que forma cheguei ao objeto de investigação.

No capítulo dois, discorro sobre a fundamentação teórica que embasa essa investigação.

No terceiro capítulo, descrevo os procedimentos metodológicos, o contexto da pesquisa em que foram definidos para essa dissertação; a escolha dos sujeitos e os procedimentos de seleção e análise dos dados.

No quarto capítulo, apresento a textualização das histórias de vida dos alunos participantes dessa investigação.

No capítulo cinco, discorro sobre a análise dos dados.

Ao final do trabalho, apresento as considerações que teço acerca da pesquisa, seguidas das referências bibliográficas consultadas.

CAPÍTULO 1 – OS MUITOS OUTROS QUE ME CONSTITUEM

Eu, Viviane Caodaglio da Silva, nasci no dia 02 de fevereiro de 1970 , em Itatiba, uma cidade no interior de São Paulo. Sou a terceira filha do paulistano “seu” João do radiador, como era então conhecido o meu pai, por ser o único mecânico especializado em radiadores na cidade. Ele era casado com a “dona” Ivone, minha mãe, que deixara sua profissão como tecelã para cuidar dos afazeres domésticos e da família.

Eles se conheceram e se casaram na cidade vizinha, Jundiaí, onde nasceram duas das minhas irmãs, Denise e Sandra. Mas, devido à locomoção diária do meu pai entre as duas cidades, ele acabou instalando sua oficina em Itatiba. Tempos depois, a família aumentou, pelo meu nascimento e pelo da minha irmã caçula, Eliane. A família formada era grande e guardo na lembrança o fato de que nunca tivemos qualquer parente morando na mesma cidade.

Morávamos em um sobrado que tinha uma escadaria muito grande para alcançar o nível da casa, numa das avenidas principais da cidade e não tínhamos muitos vizinhos, pois era uma área comercial. Porém, tínhamos o privilégio de contar com um quintal de terra no andar térreo, onde havia uma goiabeira que me ajudou a aprender a subir em árvores (confesso que não tinha muito jeito pra isso). Foi nesse piso que meu pai montou sua oficina, já que no andar de cima ficava a casa propriamente dita e o quintal cimentado. Portanto, nossa casa era assobradada. Guardo lembranças de muita gente em casa, entrando ou saindo, pois minha mãe não nos deixava brincar na casa dos amigos, mas os amigos podiam brincar em casa, e na cozinha, minha mãe sempre deixava bolo e suco na mesa. À noite, a garotada reunia-se para brincar na calçada, pois naquele tempo a rua ainda era pouco movimentada e, enquanto isso, as mães ficavam por perto conversando animadamente.

Recordo-me de andar de patins, que, na época, tinham rodinhas de rolimã. Era muito joelho esfolado, no meio daquele zum-zum-zum de crianças brincando.

Ao completar seis anos, em 1975, fui matriculada na escola estadual EEPG “Anna Abreu”, a pedido da diretora, pois a instituição acabara de ser inaugurada e precisava preencher as vagas. Mesmo sendo árdua a tarefa de levar e buscar na escola, pois minhas duas irmãs mais velhas estudavam no SESI 13 da cidade, minha mãe efetivou minha matrícula. A

escola ainda cheirava a tinta, as carteiras eram novas e tinha um pátio coberto, onde aconteciam os eventos da escola e também brincávamos na hora do recreio.

Estudei até a segunda série nessa escola, depois fui transferida para o Centro Educacional SESI 13, pois ficava mais fácil todas as irmãs estudarem no mesmo lugar. Foi uma transferência tranquila, já que conhecia da vizinhança alguns colegas da nova sala.

Nessa mesma época, aos oito anos de idade, começou a despertar em mim a vontade de tocar piano. Olhava minha irmã Denise manusear o instrumento e eu também queria aprender também. Não imaginava que se iniciava a tarefa de sentar ali todos os dias, durante uma hora, para estudar piano, pois somente depois do estudo é que eu estava liberada para brincar.

Recordo-me de alguns dias ficar cansada de estudar, então, tocava a mesma música tantas vezes até minha mãe se irritar e me deixar sair para brincar. Somente mais tarde consegui entender o que minha mãe fazia, pois foi graças a essa rotina e obediência que consegui chegar ao conservatório após nove anos de estudo.

Todos os anos havia um concerto no clube central da cidade, chamado Grêmio Recreativo Itatibense, onde várias professoras de piano e flauta inscreviam seus alunos para participar de um concurso para eleger o melhor aluno do ano. Ainda guardo viva na lembrança a sensação de tocar em público. As mãos suavam e as pernas tremiam muito, acertar o banquinho na altura para sentar e colocar a partitura no piano para leitura parecia ser uma eternidade. Achava a tarefa mais difícil do evento. Foram anos participando desse movimento. Minha professora Evoir sempre motivava seus alunos a participar. Até que, em 1987, já adolescente com 17 anos de idade, consegui ganhar a medalha de melhor pianista. Foi um momento de muita emoção. Lembro-me apenas dos meus pais sentados na primeira fileira de cadeiras e guardo com muito carinho as fotos tiradas nos eventos dos quais participei.

Minha infância foi cercada de amigos e amigas que frequentavam assiduamente minha casa e que, muitas vezes, ficavam na sala esperando eu terminar os estudos ao piano. Estávamos na pré-adolescência, saíamos para jogar basquete no Ginásio de Esportes, passear no centro da cidade, e, quando começava a entardecer, era hora de voltar para casa. Naquele tempo, ainda não tínhamos telefone e a ordem dada pelas mães prevalecia. Algumas amigas com as quais construí laços de amizade nessa época permanecem até hoje na minha vida, regularmente encontramos-nos e ficamos relembando os episódios acontecidos. Acho que ficamos saudosistas.

Minha trajetória no ginásio, cursada no Centro Educacional SESI 13, no período de 1978 até 1984, hoje ensino fundamental II, foi tranquila e repleta de boas lembranças. Recordo-me da diretora, Dona Zeca, que exigia muita disciplina na escola; também não me esqueço dos nomes dos professores que fizeram parte dessa etapa da minha vida. Havia a Maria Helena, da oficina e da aula de Educação Moral e Cívica; a Mariazinha, de História e Geografia; a Lúcia, de Inglês; a Ana, de Ciências; a Sônia, de Português; a Martha, de Educação Física e do temido professor Siles, de Matemática.

Quando ele entrava na sala, era motivo de apreensão e medo, pois já chegava apontando os que iriam resolver os exercícios do dever de casa, na lousa, sem olhar no caderno. Isso era assustador naquele momento. E a vida dá tantas voltas. Quem diria que, no ensino médio, voltaria a cursar uma disciplina com ele no curso do Magistério; essa imagem do professor bravo de Matemática desfar-se-ia no decorrer do curso.

Com esse curso, começou uma nova fase da minha trajetória escolar, em 1985, quando ingressei no colegial, hoje chamado Ensino Médio. As duas opções que existiam na cidade eram cursar a escola técnica de contabilidade “Antônio Dutra” ou o curso de Magistério na escola EEPG “Manuel Euclides de Britto”, conhecida como CENEMEB. Fiz a opção de cursar o Magistério. Naquele momento, queria ser professora e várias amigas também tinham escolhido estudar nessa escola. Não imaginava que essa seria minha profissão no futuro.

Quando estava cursando o terceiro ano do magistério, em 1987, consegui meu primeiro emprego como digitadora em uma loja de materiais para construção. A informática estava apenas começando, os computadores tinham válvulas como as de televisão, os arquivos eram gravados em disquetes e a impressora matricial era muito barulhenta. Estava há um ano nessa função quando surgiu a oportunidade de trabalhar no Banco Bradesco S/A, então Banco Brasileiro de Descontos S/A. Nesse momento, eu acabara de concluir o magistério em 1988.

Trabalhar em banco significava ter muita responsabilidade e atenção e, gradualmente, passei por cada setor da agência, sendo que nesse novo momento de aprendizagem surgiu a vontade de fazer carreira dentro da instituição financeira. Foi um período de grandes mudanças na minha vida profissional e pessoal. Era o ano de 1989. Durante esse percurso, casei-me e nasceu minha primeira filha Nathalie, exatamente no dia da queda do Muro de Berlim. Recordo-me das cenas transmitidas pela TV sobre esse momento histórico no quarto da maternidade. Foi uma gravidez agitada e ela acabou nascendo prematuramente, com sete meses, mas veio com saúde e sua chegada foi motivo de muito amor na família, aconchego e proteção. Graças ao apoio e assistência da família, consegui continuar meus estudos. Eu

acabara de fazer cursinho para ingressar na faculdade. Abandonar os estudos nesse momento seria frustrante e, como estava há pouco tempo no emprego, precisava continuar me aprimorando para seguir na carreira bancária.

Foi quando ingressei na universidade como estudante. Era 1990. Minha filha tinha apenas quatro meses, e voltar aos estudos não foi uma tarefa fácil. A Universidade São Francisco tinha acabado de abrir o curso de Administração no câmpus Itatiba e escolher o curso de Administração foi visto como uma grande oportunidade, pois eu tinha a pretensão de seguir carreira no banco. Foram momentos difíceis, pois tive que conciliar a carreira, a maternidade, a dona de casa e a estudante.

O ingresso no curso de Administração abriu novos horizontes. Comecei a perceber quantos caminhos eu poderia explorar dentro desse curso, pois como ele abrangia várias áreas de conhecimento, como Marketing, Recursos Humanos, a área Contábil e Financeira e a logística, suscitou a vontade de não apenas seguir carreira no banco, mas também a possibilidade de trabalhar em uma empresa multinacional. Era o ano de 1993 e chegou a tão desejada formatura: fazer parte da primeira turma da Administração foi uma conquista. Senti um amadurecimento profissional e uma realização pessoal.

Os anos foram se passando e trabalhar no banco começou a ficar desgastante, era preciso cumprir muitas metas de vendas e o clima dentro da instituição começou a ficar muito competitivo. Comecei a refletir se estava no caminho certo após oito anos de carreira. Nesse contexto, em 1995, ocorreu a gravidez e nascimento do meu segundo filho, Lucas, e novas mudanças e perspectivas foram-me apresentadas. Lucas também foi recebido com muito amor e carinho na família; minha gestação (diferentemente anterior) foi muito tranquila.

Foi quando, em 1996, fiquei sabendo de uma vaga para instrutoria na Universidade São Francisco. Fiz a entrevista, participei do processo de seleção e fui contratada para o cargo. Retornava à universidade, então como funcionária e com grande satisfação de fazer parte do curso de Administração, o qual fez meu olhar mudar e, ainda, mais oportunidades surgirem.

Continuei trabalhando no banco durante o dia e, à noite, atuava como instrutora na universidade. Foram oito meses de jornada dupla, o que me levou a fazer a escolha por apenas uma delas. Foi uma decisão muito difícil, pois financeiramente trabalhar no banco era mais vantajoso, mas a perspectiva de crescimento na universidade era maior e a vontade de ser professora acabara de despontar nos meus objetivos. Escolhi ficar apenas na universidade. Foi um recomeço financeiramente muito inferior, mas tive a grande oportunidade de ser instrutora

nas disciplinas da área contábil e financeira, com o professor José Sérgio Bressan, que foi meu professor na graduação. Eu estava muito empolgada em poder trabalhar com ele. Durante o início desse momento profissional totalmente desconhecido, pacientemente, tive a orientação do Prof. Bressan, que compartilhou comigo seu conhecimento, fazendo com que eu me destacasse na instrutoria do curso.

Fiquei dois anos no cargo de instrutora e a experiência de atender os alunos foi fortalecendo meu conhecimento na área contábil e financeira. A vontade de lecionar passou a fazer parte do meu novo objetivo. Em 1999, a universidade abriu um edital com vaga para professor na área contábil, surgindo, então, a oportunidade de prestar o concurso. Assim o fiz. Acabei sendo escolhida no processo de seleção e iniciei a minha trajetória docente no ensino superior. Foi um momento de grande satisfação pessoal e profissional. O começo na nova profissão foi árduo, mas, graças à experiência na tutoria em Contabilidade, procurei elencar quais eram as dúvidas mais frequentes dos alunos em relação à disciplina e assim tentei traçar um plano de aula em que os alunos pudessem habituar-se às nomenclaturas que fazem parte da disciplina e nos passos que envolvem a estrutura da contabilidade, que muitos nunca tinham vivenciado, problema, aliás, que persiste até hoje na disciplina do curso.

O começo da carreira acadêmica foi instigante e tive uma nova surpresa na área profissional. Fui convidada por um amigo que era diretor de uma escola particular, situada ao lado da faculdade, para fazer uma substituição, pois ele estava com uma professora afastada por licença médica e precisava urgentemente de uma professora substituta. Nesse momento, concomitante com a universidade, iniciei minha carreira também no Ensino Fundamental I, na Escola Particular Pequeno Príncipe – Objetivo Júnior, substituindo a professora da terceira série.

O período de substituição acabou e fui contratada para continuar na escola, onde me ofereceram uma sala da Educação Infantil; na época, chamada pré-primário. Permaneci por oito anos e, posteriormente, assumi uma sala da terceira série do Ensino Fundamental I, hoje chamado quarto ano do Ensino Fundamental I, onde lecionei por mais três anos.

A rotina diária não foi fácil: durante o dia lecionar na escola e à noite na faculdade. No entanto, cada vez mais sentia a necessidade de continuar meus estudos para aprimorar meu conhecimento e alavancar minha carreira profissional.

Em 1998, ingressei no programa de pós-graduação *lato sensu* da Universidade São Francisco, onde fiz minha especialização em Administração Financeira. Foi novamente complexo conciliar estudo, profissão e família. Não tive muita escolha, tive abarcar da

maneira que eu conseguia na época, mas hoje vejo essa parte da minha vida como o começo da realização de um sonho, isto é, ingressar no Programa de Pós Graduação Lato Sensu, para que, posteriormente, pudesse ingressar no Stricto Sensu e obter a titulação de mestre.

Meus filhos estavam bem acolhidos na escola onde eu lecionava e eu conseguia acompanhar a rotina escolar deles e também inserir pequenas tarefas para melhorar a convivência familiar, pois no percalço desse caminho nossa família foi constituída por uma nova estrutura, sem a presença do pai. Nesse emaranhado de acontecimentos, ainda adquiri forças para fazer aulas particulares nos finais de semana com o objetivo de ingressar no Mestrado de Contabilidade na Universidade de São Paulo. Após a segunda prova prestada, obtive nota suficiente para o ingresso, mas, abalada emocional e financeiramente, e no meio de tantas mudanças, tive que adiar o plano de cursar o mestrado naquela instituição. Recordo-me dessa situação como um passo que eu queria ter dado, mas que naquele momento não era a hora certa para realizá-lo. Confesso que, na verdade, fiquei um pouco frustrada.

Nesse entremeio de nove anos lecionando na escola Objetivo Júnior, esta foi vendida. Era o ano de 2007. Então, fui convidada para trabalhar em outra escola particular chamada Sociedade Educacional Itatibense – Colégio Integral. Nela, lecionei durante sete anos no Ensino Fundamental I, com alunos de quarto e quinto anos, permanecendo até o ano de 2013. Foi uma experiência gratificante e enriquecedora, pois é uma escola que tem uma particularidade muito especial em trabalhar com alunos que são portadores de alguma síndrome ou deficiência.

A passagem que entristece duramente essa fase da minha vida foi a morte da minha mãe, em 2012, devido a um tumor maligno cerebral que a levou rapidamente do nosso convívio e que deixou emocionalmente fragilizada toda a nossa família. Não tenho palavras para descrever a tristeza e a saudade que a falta dela deixou entre nós.

Nesse momento, meus filhos já estavam quase independentes. Nathalie acabara de completar o ensino superior. Cursou Administração e decidiu fazer intercâmbio em Londres, lá ficando durante seis meses para dominar a língua inglesa, pois seu objetivo era participar do programa de *au pair* nos Estados Unidos. Objetivo alcançado: participou dois anos do programa nos Estados Unidos, um ano na Holanda e regressou a Londres, onde estabeleceu residência e vive até hoje. Lucas acabara de ingressar na Universidade Federal de São Paulo e decidiu se fixar na cidade de Santos, com o propósito de estudar e trabalhar, o que dura até o atual momento.

Foram quase três anos de readaptação frente a tantas mudanças ocorridas. Emocionalmente, ficou muito difícil conciliar todos os acontecimentos, mas como as mudanças sempre estão em evidência na minha trajetória, decidi trabalhar apenas no ensino superior, com a finalidade de regressar aos estudos e, finalmente, cursar o tão sonhado mestrado. Felizmente, sempre sou agraciada com novas oportunidades e, novamente, concomitante às aulas no ensino superior, surgiu a oportunidade de trabalhar como educadora social na APAMI – Convívio Social e Aprendizagem, uma entidade que prepara alunos do Ensino Médio que procuram o primeiro emprego e trabalham como jovens aprendizes. Ministrei módulos de Contabilidade e, mais uma vez, tenho uma experiência enriquecedora na carreira profissional. Hoje, alguns alunos meus na entidade cursam a universidade e é muito prazeroso encontrá-los pelos corredores da instituição.

O meu ingresso na pós-graduação ocorreu no ano de 2015 no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação (Mestrado) do câmpus Itatiba da Universidade São Francisco, na linha de pesquisa “Educação, Linguagens e Processos Interativos”. Essa escolha aconteceu devido a minha formação como professora e também por ser uma realização pessoal que sempre busquei.

Para a elaboração do projeto para o ingresso na Pós-Graduação, considerei uma inquietação que ocorria desde início da minha carreira docente na universidade - a dificuldade dos alunos em apropriar-se dos conceitos da Contabilidade. Este incômodo já se fazia presente desde o meu ingresso como aluna da graduação do curso de Administração.

Durante o curso das disciplinas no programa, tive a oportunidade de conhecer a perspectiva histórico-cultural, até então por mim desconhecida, pois minha formação fora bem tecnicista. No mestrado, tive docentes do curso que me acolheram com muita paciência e sabedoria, e destaco a Prof^ª. Dra. Ana Paula de Freitas, Prof^ª. Dra. Luzia Bueno, Prof^ª. Dra. Marcia Ap. Amador Mascia e Prof^ª. Dra. Daniela dos Anjos.

Contudo, foi na primeira disciplina cursada, com as docentes Prof^ª.Dra. Adair Mendes Nacarato e a Prof^ª. Dra. Milena Moretto, que tive a experiência de conhecer o método (auto)biográfico que significou na minha trajetória do curso e, especialmente, na composição dessa dissertação.

Ao elaborar o meu memorial, consegui entender como trajetória de vida está presente nas nossas escolhas, o contexto em que vivi, as pessoas de quem me recordo, que fazem parte da minha constituição pessoal e profissional.

A cada releitura que faço dessa pesquisa, consigo entender que é um novo momento que estou vivenciando desde a elaboração inicial dessa dissertação. A escolha por optar pelas entrevistas narrativas como instrumento de investigação foi inovadora e de grande importância, pois a reflexão feita acerca de cada narrativa (re)significou e contribuiu para que eu pudesse rever alguns conceitos e práticas.

Foi um percurso repleto de mudanças e desafios, os quais sempre considerei marcos positivos, que me impulsionaram a escolhas assertivas, que transcenderam sempre as minhas expectativas. Ressalto que tudo não termina aqui, considero que ele é contínuo e tenho muito a aprender...

CAPÍTULO 2 – A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO A PARTIR DA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL E ENUNCIATIVO-DISCURSIVA

Neste capítulo, apresentamos a concepção teórica que embasa nosso trabalho. Para isso, pautamo-nos nas considerações da perspectiva histórico-cultural, cujo principal representante é Lev Vigotski. Discorreremos, a partir desse construto, sobre o funcionamento psicológico e o conceito de mediação. Também tomamos como base a perspectiva enunciativo-discursiva para discutir acerca do dialogismo bakhtiniano e os processos de interlocução e alteridade.

2.1. A linguagem e o processo de significação: o outro constitutivo

Assumimos nesse trabalho a perspectiva histórico-cultural, cujo principal representante é Lev Semenovich Vigotski¹. Seus estudos consideram que todos os sujeitos são constituídos socialmente e que seus processos mentais superiores são desenvolvidos a partir das relações sociais e culturais com o meio em que vive. Esses processos compõem-se de mecanismos que englobam a relação pensamento e linguagem, a emoção, memória, as sensações e ainda a percepção e atenção, além de seus desdobramentos.

Vigotski pauta-se no materialismo de Marx e Engel. A teoria marxista da sociedade (conhecida como materialismo histórico) teve, conforme menciona Pino (2000), um papel imprescindível no pensamento de Vigotski que, em conformidade com essas ideias, confia que mudanças históricas na sociedade e na vida material produzem mudanças na “natureza humana” (consciência e pensamento), sendo o primeiro a tentar confrontá-las com as questões psicológicas concretas. Vigotski também se baseou nas concepções de Engels para discutir o trabalho humano e o uso de instrumentos como meios pelos quais o homem transforma a natureza e, ao fazê-lo, transforma a si mesmo.

¹ O nome do autor tem sido grafado de diferentes formas na literatura científica ocidental. Nesse trabalho optamos por utilizar Vigotski, uma vez que essa forma é a mais adotada no Brasil.

Nesse sentido, Vigotski (1998) propõe-se a investigar as origens das formas superiores de comportamento nas relações sociais que os indivíduos mantêm com o mundo, com o intuito de responder se os processos mentais são autônomos ou condicionados pela interação com o meio e, na tentativa de responder essa questão, deu novo rumo à compreensão da mente humana.

A proposta elaborada por Vigotski, argumentando que a consciência e as práticas sociais são processos simultâneos, modifica uma série de mudanças nas formas de pensamentos correntes da época, pressupondo que, quando ocorre a transformação da prática, concomitantemente mudamos as ideias e, conseqüentemente, a realidade social torna-se processo contínuo de transformação e superação.

Segundo Cole e Scribner *apud* Vigotski (1998, p.8),

viu nos métodos e princípios do materialismo dialético a solução dos paradoxos científicos fundamentais com que se defrontavam seus contemporâneos. Um ponto central desse método é que todos os fenômenos sejam estudados como processos em movimento e em mudança. Em termos do objeto e da psicologia, a tarefa do cientista seria a de reconstruir a origem e o curso do desenvolvimento do comportamento e da consciência.

Dessa forma, Vigotski buscou uma abordagem abrangente que possibilitasse a descrição e a explicação das funções psicológicas superiores em termos aceitáveis para as ciências naturais. Essa explicação tinha o significado de uma grande tarefa, pois deveria incluir a identificação dos mecanismos cerebrais subjacentes a uma determinada função: a explicação detalhada da sua história ao longo do seu desenvolvimento, com o objetivo de estabelecer as relações entre as formas simples e complexas daquilo que aparentava ser o mesmo comportamento e, de forma importante, deveria incluir a especificação do contexto social em que se deu esse desenvolvimento.

A abordagem dialética, admitindo a influência da natureza sobre o homem, afirma que o homem, por sua vez, age sobre a natureza e cria, através das mudanças por ele provocadas, novas condições naturais para a sua existência. Essa posição, segundo Pino (2000), representa o elemento-chave da abordagem dialética de estudo e interpretação das funções psicológicas superiores (FPS) do homem e serve como base para novos métodos de experimentação e análise.

Segundo o autor, a maior razão para a relevância permanente do trabalho de Vigotski está no fato de que, em 1924 e na década subsequente, ele se dedicou à construção de uma crítica penetrante à noção de que a compreensão de funções psicológicas superiores humanas poderia ser atingida pela multiplicação e compilação dos princípios derivados da psicologia

animal, em particular aqueles princípios que representam uma combinação mecânica das leis do tipo estímulo-resposta. Ao mesmo tempo, ele produziu uma crítica devastadora das teorias que afirmam que as propriedades das funções intelectuais do adulto são resultado unicamente da maturação ou, em outras palavras, estão de alguma maneira pré-formadas na criança, esperando simplesmente a oportunidade de se manifestarem.

Pautado, como já afirmamos, na teoria marxista, o autor considerava, ao contrário das teorias vigentes na Rússia no início do século, que “mudanças históricas na sociedade e na vida material produzem mudanças na ‘natureza humana” (COLE; SCRIBNER, 1998, p.9), isto é, à medida que o homem age sobre a natureza, ao transformá-la, transforma a si mesmo,

No entanto, para que essas mudanças aconteçam, é necessário que o indivíduo esteja inserido na sociedade – o que pressupõe uma relação social e cultural. Esses dois conceitos são essenciais para os estudos de Vigotski e, conforme Pino (2000, p.47), bastante complexos. Segundo o autor,

o caráter excessivamente genérico do termo “social” e do termo “cultural” não permite que esses conceitos possam fundamentar um modelo de desenvolvimento humano tal como o proposto por Vigotski, a menos que sejam devidamente circunscritos no contexto teórico em que eles são utilizados.

As formas sociais existentes na natureza, no ambiente natural, podem ser comparadas com as da sociedade humana até certo ponto, porque o ser humano, além de interagir com a natureza, coisa que os animais, por exemplo, também o fazem, modifica-o. Em relação ao termo cultural, Pino (2000, p.47) explicita que “especificar bem este termo é fundamental para precisar o outro, uma vez que a existência social humana pressupõe a passagem da ordem natural para a ordem cultural”.

Nesse sentido, o autor tece uma discussão sobre esse termo nas obras de Vigotski e menciona ser necessário compreendermos três eixos: A relação entre o Social e o Cultural, entre o Social e o Simbólico e entre o Social e as Funções Mentais Superiores.

Sobre o primeiro termo, a relação entre o social e o cultural, afirma que o homem cria suas próprias condições de existência social da mesma maneira que cria suas condições de existência material e, nesse movimento de transformação da natureza pela obra do homem e a transformação do homem pela natureza, surge o produto da vida social e da atividade social do homem.

Em relação ao segundo e terceiro eixos, entre o Social e o Simbólico e entre o Social e as Funções Mentais Superiores, Pino (2000), utilizando Vigotski como referência, constata

que as *funções psicológicas* são *funções culturais* decorrentes da soma de dois componentes: o biológico e o simbólico.

A relação entre os termos “signo” e o “símbolo” são contextos que o autor parece estar afirmando que tanto o símbolo quanto o instrumento fazem parte da ordem da cultura e não simplesmente da natureza. Nesse sentido, podemos compreender que o termo signo, num sentido genérico, englobaria dois tipos: os naturais e os artificiais, estes produzidos pelo homem.

A questão do significado que o termo social tem para Vigotski, tanto no mundo animal quanto no mundo humano, é um conjunto de fenômenos que envolvem diferentes formas de organização dos indivíduos, em que o social é um “valor agregado” ao biológico, às formas de adaptação que evoluem em função das mudanças que se realizam nessas condições de existência.

Outro termo considerado pelo autor é o Social Humano, em que as formas humanas de organização social, em que a sociabilidade natural concretiza-se, são obra do homem e, como tal, obedecem a leis históricas que determinam as condições concretas de sua produção. É o caráter histórico dessa produção que define o social humano.

Todo esse processo é realizado a partir do signo e do uso de instrumentos. A diferença entre instrumento e signo consiste na maneira como eles orientam o comportamento humano. A relação do homem com o mundo não é uma relação direta, mas, fundamentalmente uma relação mediada, sendo possível perceber a importância do meio social sobre a formação intelectual do indivíduo onde diferentes culturas produzem diferentes formas de desenvolvimento.

Kohl (2000) assegura que a atividade psicológica considerada “superior” por Vigotski é a possibilidade que o ser humano tem de pensar em objetos ausentes, imaginar eventos nunca vividos, planejar ações, ou seja, tomar uma decisão a partir de uma informação nova que se diferencia de reações automatizadas ou ações reflexas a partir da mediação de signos ou instrumentos.

De acordo com a autora, Vigotski apresenta dois tipos de elementos mediadores. Um deles são Instrumentos e, o outro, os Signos. Seus estudos mostram que apesar de existir uma analogia entre eles, ambos têm características bastante distintas e precisam ser tratados separadamente. Nesse sentido, Vigotski (1998, p. 72) explica que

A diferença mais essencial entre signos e instrumentos, e a base da divergência real entre as duas linhas, consiste nas diferentes maneiras com que eles orientam o comportamento humano. A função do instrumento é

servir como um condutor da influência humana sobre o objeto da atividade; ele é orientado *externamente*; deve necessariamente levar a mudanças nos objetos. Constitui um meio pelo qual a atividade humana externa é dirigida para o controle e domínio da natureza. O signo, por outro lado, não modifica em nada o objeto da operação psicológica. Constitui um meio da atividade interna dirigido para o controle do próprio indivíduo; o signo é orientado *internamente*. Essas atividades são tão diferentes uma da outra, que a natureza dos meios por elas utilizados não pode ser a mesma.

Dessa forma, conforme Kohl (2000) o instrumento é um elemento externo ao indivíduo, serve como condutor da influência humana entre o trabalhador e o objeto de seu trabalho, aprimorando as possibilidades de mudança nos objetos. Ele é feito ou buscado para um certo objetivo e função para a qual foi criado e o modo de utilização desenvolvido durante a história do trabalho coletivo sendo um objeto social e mediador da relação entre o indivíduo e o mundo.

Por outro lado, o Signo, elemento mediador exclusivamente humano, age como instrumento da atividade psicológica e não modifica em nada o objeto da operação. São chamados por Vigotski de “instrumentos psicológicos”, constitui um meio da atividade interna direcionada para o controle do próprio indivíduo, orientado internamente. Em sua forma rudimentar é uma marca externa que facilita o homem nas tarefas que pleiteiam memória ou atenção. Eles são elucidadores como representação da realidade e podem referir-se a elementos ausentes do espaço e do tempo presentes.

Assim, conforme cita Vigotski (1998), a invenção e o uso de Signos como meios auxiliares para solucionar um dado problema psicológico (lembrar, comparar coisas, relatar, escolher, etc.) são análogos à invenção e ao uso de Instrumentos, só que agora no campo psicológico. O Signo age como um instrumento da atividade psicológica de maneira análoga ao papel de um instrumento no trabalho. Mas essa analogia, como qualquer outra, não implica uma identidade desses conceitos similares. Não devemos esperar encontrar *muitas* semelhanças entre os instrumentos e aqueles meios de adaptação que chamamos signos. O autor esclarece que o Signo não modifica em nada o objeto da operação psicológica. Constitui um meio da atividade interna dirigido para o controle do próprio indivíduo, uma vez que é orientado *internamente, conforme já ressaltamos*.

Essa é, de acordo com Smolka (2000), uma das maiores contribuições de Vigostky - a formulação do signo como instrumento (psicológico) e como mediador no processo de internalização. Vigotski (1998) chama de *internalização* a reconstrução interna de uma operação externa e traz como exemplo para esclarecer esse sentido o gesto de apontar. De acordo com o autor, quando o bebê aponta para um determinado lugar, inicialmente, esse ato

é apenas uma tentativa sem sucesso de pegar algo. Mas, no momento em que a mãe vem em ajuda do bebê e este nota que o seu movimento indica alguma coisa, a situação muda fundamentalmente. O apontar torna-se um gesto para o outro, pois na tentativa frustrada do bebê surge um novo sentido. Assim, na relação com o outro é que os sentidos vão sendo significados.

Somente no momento em que o bebê consegue associar o seu movimento à situação objetiva como um todo, é que ele, de fato, compreende esse movimento como um gesto de apontar. Então, ocorre uma mudança naquela função do movimento: de um movimento direcionado para o objeto, para tornar-se um movimento dirigido para uma outra pessoa, um meio de estabelecer relações. É essa mediação em que as funções elementares (estruturas orgânicas) e as funções superiores (ação mental do indivíduo) são definidas pelo autor como a transformação das funções naturais em sociais, isto é, do biológico para o cultural. E é nesse movimento que o sujeito vai internalizando o que socialmente vai sendo construído: a partir dos signos, das relações com o outro, etc.

No entanto, cabe ressaltar que o processo de internalização, segundo o autor, consiste numa série de transformações, a saber: 1) uma operação que, inicialmente, representa uma atividade externa e quando internalizada passa a ocorrer internamente; 2) um processo interpessoal é transformado num processo intrapessoal; 3) a transformação de uma processo interpessoal num processo intrapessoal que é o resultado de uma longa série de eventos ocorridos ao longo do desenvolvimento.

Nesse sentido, esse processo de internalização de formas culturais de comportamento envolve a reconstrução da atividade psicológica, tendo como base as operações com signos.

É importante destacar que alguns autores, assim como Smolka (2000), discutem sobre como o conceito de internalização tem sido compreendido. De acordo com a autora,

[...] o fenômeno da “internalização” tem sido designado, em diferentes perspectivas teóricas, por diferentes termos que carregam distinções conceituais sutis: apreensão, apropriação, assimilação, incorporação, interiorização etc., que podem ser vistos como metáforas ‘para tentar compreender parcialmente aquilo que não é totalmente compreendido’ (Lakoff & Johnson 1980). Como tais, esses termos geralmente referem-se a uma esfera da atividade particular do indivíduo, ou do movimento de aprendizagem em relação à realidade física e cultural: relacionados a um conteúdo específico transmitido pelos outros; concernentes à atividade prática partilhada; ou ainda dizendo respeito ao processo de (re)construção interna e transformação das ações e operações; o que esses termos designam está relacionado à questão de como um indivíduo adquire, desenvolve e participa das experiências culturais”. (SMOLKA, 2000, p. 328).

As funções mentais são relações sociais internalizadas, ou seja, o modo como o indivíduo perfaz, desenvolve e participa das experiências socioculturais. O termo apropriação tem sido enfatizado como o mais adequado, uma vez que essa internalização não ocorre de forma direta, mas, consoante expõe Smolka (2000), apropriação refere-se a tornar-se adequado, tornar pertinente aos contextos sociais dos quais o sujeito participa.

Esse movimento de apropriação das questões culturais e sociais está associado, dentre vários fatores, ao uso de signos. Segundo Vigotski (1998), o momento de maior significado no curso do desenvolvimento intelectual, que dá origem às formas puramente humanas de inteligência prática e abstrata, acontece quando a fala e a atividade prática estão juntas, quando duas linhas completamente independentes de desenvolvimento convergem.

2.2. Dialogia e interação: o outro constitutivo

Numa perspectiva que considera a dialética, o sujeito, antes de controlar o próprio comportamento, começa a controlar o ambiente com a ajuda da fala, produzindo novas relações com o ambiente, além de uma nova organização do próprio ambiente. A criação dessas formas caracteristicamente humanas de comportamento produz o intelecto e constitui a base do trabalho produtivo. E tudo se faz por meio da linguagem.

Cabe ressaltar que, conforme expõe Bakhtin (1981), o signo é ideológico, uma vez que ele reflete e refrata a realidade social e evidencia a natureza ideológica da palavra como signo linguístico, com seu caráter dialógico, social e interativo.

Afirma ainda que “todo corpo físico pode ser percebido como símbolo” e tudo que é ideológico é um signo e sem estes não existiria ideologia. “Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia”. (BAKHTIN, 1981, p.31). A ideologia, por sua vez, ocorre por meio da interação verbal entre um locutor e um interlocutor que se encontram em um determinado contexto de produção. Por isso, todo enunciado apresenta uma multiplicidade de vozes e não existe neutralidade em qualquer movimento discursivo.

Além disso, a língua é dialógica por natureza. Mas é preciso compreender a palavra “diálogo” num sentido mais amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja.

Assim, de acordo com o princípio dialógico de Bakhtin, o objeto das ciências humanas é o texto e é por meio dele que o homem se constrói e se revela, evidenciando a existência do diálogo tanto entre interlocutores, quanto entre discursos.

Nesse movimento dialógico e interativo da linguagem é que se dá o processo de significação, uma vez que esta não é produzida individualmente, mas associada ao contexto em que o sujeito está inserido. Tanto a ideologia quanto o horizonte social estão associados a uma situação de enunciação concreta na qual, na interação do locutor e receptor, a significação emerge.

De acordo com Bakhtin (1981, p. 112),

é preciso supor além disso um certo horizonte social definido e estabelecido que determina a criação ideológica do grupo social e da época a que pertencemos, um horizonte contemporâneo da nossa literatura, da nossa ciência, da nossa moral, do nosso direito.

A enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados, é o ponto de partida para a reflexão sobre a linguagem. Dessa forma, todo enunciador está preocupado em dirigir sua fala de acordo com o interlocutor a quem se dirige em um determinado contexto. São as condições sociais de produção de um enunciado que lhe determinam a forma e o conteúdo, pois toda palavra, como vimos, é orientada para um interlocutor e é a imagem que o locutor faz desse interlocutor que orienta seu discurso.

Nesse sentido, a palavra é o elo entre locutor e interlocutor, uma vez que é por meio dela que se dá a interação entre ambos. Para Bakhtin (1981, p. 113), qualquer que seja a enunciação, é:

determinada da maneira mais imediata pelos participantes do ato de fala, explícitos ou implícitos, em ligação com uma situação bem precisa; a situação dá forma à enunciação, impondo-lhe esta ressonância em vez daquela, por exemplo a exigência ou a solicitação, a afirmação de direitos ou a prece pedindo graça, um estilo rebuscado ou simples, a segurança ou a timidez, etc.

De acordo com Bakhtin (1981) a atividade mental é dividida em dois polos, a atividade mental do *eu* e a atividade mental do *nós*, que estabelecem formas de enunciação correspondentes. A atividade mental do *eu* volta-se para a autoeliminação; conforme chega mais perto do seu limite, perde a sua modelagem ideológica e de modo consequente seu grau de consciência, ficando mais perto da reação fisiológica do animal.

A atividade mental do *nós* é uma atividade diferenciada, o crescimento do seu grau de consciência é correspondente à firmeza e à estabilidade da orientação social e permite diferentes graus e tipos de modelagem ideológica. “Pode-se dizer que não é tanto a expressão que se adapta ao nosso mundo interior, mas *o nosso mundo interior que se adapta às possibilidades de nossa expressão*, aos seus caminhos e orientações possíveis” (BAKHTIN, 1981, p.118).

Nesse sentido, todo enunciado é

[...] o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é a função da pessoa desse interlocutor (BAKHTIN, 1981, 112).

Compreendemos que as relações estão sempre presentes, que nos constituímos a partir de nossas relações com o outro; daí a importância da alteridade bakhtiniana. O nível interpessoal e intergrupar de cada sujeito está relacionado às transformações da atividade humana e dos motivos que a impulsionam para o desenvolvimento da sociedade. Segundo Lúria (1986, p. 21-22):

A atividade vital humana caracteriza-se pelo trabalho social e este, mediante a divisão de suas funções, origina novas formas de comportamento, independentes dos motivos biológicos elementares. A conduta já não está determinada por objetivos instintivos diretos... O trabalho social e a divisão do trabalho provocam a aparição de motivos sociais de comportamento. É precisamente em relação com todos esses fatores que no homem criam-se novos motivos complexos para a ação e se constituem essas formas de atividade psíquica específicas do homem. Nestas, os motivos iniciais e os objetivos originam determinadas ações e essas ações se levam a cabo por meio de correspondentes operações especiais.

Assim sendo, é preciso refletir que, para a construção da identidade do sujeito, existe a necessidade de interagir, eu-comigo, eu-outro, uma vez que o outro completa a minha formação.

2.3. O diálogo entre Bakhtin e Vigotski

De acordo com Freitas (2017), a linguagem, ponto matriz na perspectiva histórico-cultural, além de sua função comunicativa, é compreendida como constituidora da consciência

e elemento transformador do processo de vida humana do pensamento, e, dentro desta perspectiva, os autores Vigotski e Bakhtin consideram o homem como um ser histórico e produto de um conjunto de relações sociais, dentro de uma concepção filosófico-discursiva de educação.

Os autores russos viveram em uma época em que o sujeito era considerado objeto e os fatos sociais eram vistos como coisas. Ambos rompem as ciências de seu tempo, entre a dimensão objetiva (científica) e a dimensão subjetiva (não científica), quando instituem que o homem passa a ser visto no seu aspecto pessoal (subjetivo) e interage com o mundo por meio de suas ações.

Nesse sentido, concordamos com a convergência estabelecida por Freitas (2017, p. 14) sobre Vigotsky e Bakhtin:

O homem além do nascimento biológico tem o segundo nascimento: o cultural. Ele ascende à humanidade, no momento que reflete a realidade objetiva de forma mediada, ao utilizar instrumentos psicológicos, os signos, na interação com o outro.

A sua inserção na cultura, na interação com o outro, via linguagem, é o que lhe possibilita se transformar, de um ser biológico, em um ser cultural humano.

Para os autores, a linguagem organiza a atividade mental e a palavra não é algo que já nasce com o sujeito, mas nas relações sociais entre os homens, ou seja, o signo como uma materialidade social, a princípio encontra-se no que está ao exterior ao homem para depois se tornar interior. É um movimento de fora para dentro e muito utilizado no processo de interação. Tanto Vigotski quanto Bakhtin colocam a questão do sujeito enquanto um sujeito social, construído historicamente, e ambos consideram o significado da palavra a partir de um contexto social mais amplo, presente nas relações eu-outro, e mediado pela linguagem como possibilitadora do desenvolvimento humano.

Considerando a importância desse processo interlocutivo e dialógico nas relações sociais, apresentamos a seguir os procedimentos metodológicos e porque optamos por trabalhar com o método autobiográfico para a produção dos dados dessa pesquisa.

CAPÍTULO 3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, explicaremos as escolhas metodológicas que orientaram a produção dos dados e a sua análise nesta investigação. Para entendermos os objetivos do presente trabalho, fez-se necessário apresentar o contexto e o local em que os sujeitos participantes da entrevista, bem como os procedimentos de produção e análise dos dados.

3.1. O contexto da pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma instituição de ensino superior, no curso de Bacharelado em Administração. No início desse estudo, a grade curricular do curso apresentava a disciplina de Contabilidade no primeiro semestre e somente depois, no quarto semestre, o aluno voltava a ter contato novamente com as disciplinas contábeis e financeiras, o que acabava prejudicando e gerando insatisfação por parte deles, dado o distanciamento de uma disciplina para outra. Os alunos participantes dessa pesquisa, que estavam cursando o 5º semestre, argumentavam que a ausência dos conceitos trabalhados durante três semestres os levava ao esquecimento das noções básicas da contabilidade apresentada na primeira disciplina de Contabilidade² e era preciso retomar os conteúdos da disciplina para dar sequência em outras disciplinas que requeriam esses conceitos.

As questões que envolvem currículo estão presentes em qualquer instituição de ensino, e nessa não é diferente. Essa era uma preocupação por parte de todos os docentes da área financeira e contábil, sendo que o questionamento sobre a reformulação da grade horária fazia-se presente em todas as reuniões de colegiado da instituição. A reestruturação foi feita no ano de 2017, com o propósito de minimizar essa lacuna. Com a formação de um novo enquadramento curricular, procurou não apenas a atualização de conteúdos e programas de ensino, como também favorecer a inserção e adoção de novas e inovadoras metodologias de

² Houve uma reestruturação da grade curricular no ano de 2017 quando a pesquisadora fez parte dessa reformulação - Portaria Ministerial de Renovação de reconhecimento nº 273, de 03/04/2017 (D.O.U. 04/04/2017). Devido aos estudos até então realizados, as disciplinas ficaram alocadas da seguinte forma, de acordo com o currículo 0010-B – Regime semestral: 1º semestre Contabilidade Empresarial Básica; 2º semestre Contabilidade para Negócios; 3º semestre Custos Empresariais; 4º semestre Análise das Demonstrações Financeiras, 6º Finanças Corporativas e Orçamento; 8º semestre Controladoria Estratégica.

ensino. Tais mudanças ocorreram na tentativa de adequar os objetivos do curso ao perfil do ingressante, uma vez que grande parte é trabalhador, mostra dificuldades com os conteúdos teóricos que parecem, a princípio, pouco significar para ele.

Diante desse contexto, surgiu a ideia de produzir um projeto de pesquisa com a intenção de ouvir os alunos acerca do que significa a eles a profissão do administrador e o que eles diziam sobre a dificuldade de apropriação das disciplinas na área contábil e financeira. O projeto foi enviado ao Comitê de Ética da USF e, após sua aprovação, que teve como registro CAAE – 716.93817.6.0000.5514, iniciamos a produção dos dados.

A presente pesquisa teve como objetivo geral analisar que sentidos os discentes do 5º semestre do curso de Administração atribuem à formação nessa área e às disciplinas relacionadas à contabilidade. Como objetivos específicos, temos:

- 1) Analisar como os discentes narram as suas trajetórias de vida escolar e vão se constituindo a partir delas;
- 2) Analisar como esses sujeitos vão se apropriando do que é ser um administrador;
- 3) Analisar as convergências e divergências das histórias de vida dos alunos em relação às dificuldades apresentadas na disciplina de contabilidade.

A escolha do 5º semestre deu-se em razão de percebermos que os estudantes não haviam ainda se apropriado dos conceitos ensinados no primeiro semestre. Era a turma em que era necessário retomar tais conceitos para que eles pudessem compreender os conteúdos descritos na ementa do respectivo semestre. Já no 6º e 7º semestres, eles já pareceriam ter se apropriado melhor desses conceitos.

3.2. O porquê da escolha do método biográfico

Para que pudéssemos realizar a presente pesquisa a fim de responder nossa questão de investigação, Que sentidos os discentes do 5º semestre de Administração atribuem à formação no curso de Administração e às disciplinas relacionadas à Contabilidade?, optamos por utilizar-se o método biográfico.

A escolha da entrevista narrativa como instrumento de pesquisa teve o propósito de observar e perceber como os sujeitos dessa pesquisa foram se constituindo a partir das relações que estabeleceram com os muitos outros que os constituíram: a família, a escola, os

colegas, o trabalho, o ingresso no ensino superior, as disciplinas do curso etc., uma vez que é preciso considerar que o método (auto)biográfico busca entrelaçar a linguagem, o pensamento e a praxis social. Em razão dessa tríade, o respectivo método permite que seja

[...] concedida uma atenção muito particular e um grande respeito pelos processos das pessoas que se formam: nisso reside uma das suas principais qualidades, que o distinguem, aliás, da maior parte das metodologias de investigação em ciência sociais (NÓVOA; FINGER, 2010, p. 23).

Conforme Passegi (2010) discorre, no processo (auto)biográfico consideram-se os processos educacionais para além das fronteiras técnicas, valorizando as subjetividades, os processos memorialísticos, as histórias de vida e as (auto)biografias desse sujeito que é constituído socialmente e no processo histórico e cultural.

Os estudos relacionados a esse método ganham força no Brasil na década de 1980, uma vez que se reconhece o valor que o respectivo método autobiográfico atribui à subjetividade, pois não se trata de redigir apenas uma (auto)biografia, mas de estudar o contexto que envolve o sujeito, seus modos particulares de entendimento ao contexto em que está inserido, bem como sua reflexão constituída sobre o seu significado no conjunto das ações humanas.

Ferrarotti (2010), considerando por referência a concepção antropológica de Marx, afirma que é um método no qual a essência do homem é o conjunto das relações sociais e, se assim é, ao mesmo tempo em que se torna impossível separar o individual do social é possível chegar à referência da totalidade social a partir do estudo do individual.

Ainda de acordo com o autor, o presente método é interessante, uma vez que, por meio de uma história singular, têm-se acesso a uma práxis humana, e enquanto o sujeito não narra a suas vivências, não reflete sobre elas.

Nesse contexto, o método (auto)biográfico apresenta-se como opção para fazer a mediação entre a história individual e a história social, pois o importante, no método autobiográfico, a partir da reconstituição dos fatos vivenciados pelo sujeito, são os sentidos dados ao que foi narrado.

Por isso, como instrumento para o trabalho com o método (auto)biográfico, optamos pelas entrevistas narrativas que explicaremos mais detalhadamente na seção a seguir:

3.3. O instrumento utilizado para a produção dos dados: a entrevista narrativa

A utilização da entrevista narrativa é classificada como instrumento da pesquisa qualitativa. Ela não pode ser considerada uma forma de entrevista estruturada, uma vez que o esquema de narração substitui o esquema pergunta-resposta. Por outro lado, não dispensa a necessidade de regras claras para a construção da mesma.

Nesse estudo, utilizamos a técnica proposta por Jovchelovitch e Bauer (2005), desenvolvida em quatro fases: 1) Iniciação; 2) Narração central; 3) Fase de questionamento; e, 4) Fala conclusiva.

Na fase de Iniciação foi feita a exploração do campo e a formulação de questões exmanentes. Durante as entrevistas, por questão de locomoção e praticidade, numa sala de aula da Instituição, houve o cuidado de manter a porta da sala trancada para que não houvesse interrupção. Foi esclarecida para os alunos depoentes a intencionalidade da pesquisa de mestrado, a metodologia a ser utilizada (entrevista narrativa), cuja transcrição e textualização, posteriormente, foram apresentadas para autorização de uso. Também ficou esclarecido que os depoentes poderiam ser novamente contatados para complemento de dados caso houvesse necessidade.

Nesta fase, também foi explicado ao depoente o contexto da investigação e solicitada a permissão da videogravação ao sujeito participante. Depois, é explicado que a narração é feita sem interrupções e que somente após a “Coda”³ deste é que o entrevistador poderá lançar novos questionamentos. Para iniciar nossas entrevistas, lançamos uma questão exmanente que deu início ao procedimento: “Conte-me quais suas lembranças sobre os períodos escolares, as lembranças trazidas da educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e ingresso na universidade”. O propósito dessa questão foi que os depoentes pudessem traçar uma linha imaginária do seu ingresso na escola até o atual momento no curso superior, relembrando momentos marcantes na sua vida escolar, na família e nas relações sociais.

Na fase da Narração Central, quando os depoentes iniciam a narrativa, o entrevistador não deve interromper até que haja uma coda. Durante essa fase, o entrevistador deve abster-se de qualquer comentário, a não ser sinais verbais de escuta e de encorajamento para a continuidade da narrativa. É importante, neste momento, utilizar o diário de campo para tomar

³ Momento que o entrevistado indica que a história narrada terminou.

notas sobre perguntas posteriores se isso não interferir na narração. Nessa fase não foi estipulado tempo para transcorrer a entrevista, para que o entrevistado ficasse totalmente livre para narrar todos os episódios que viessem a sua mente, sem que houvesse interrupção. De minha parte, houve a escuta atenta em vista de incentivar o depoente a continuar a narração. A cada sinal de finalização (“coda”), eu os incentivava a continuar trazendo uma pergunta imanente, que decorria do processo narrado “Conte-me um pouco mais sobre...”.

A terceira fase, chamada de Questionamento, relaciona-se às dúvidas que surgiram durante a narrativa. É o momento de o entrevistador fazer as perguntas imanentes que surgiram em decorrência da narração a fim de recompor falhas percebidas na narrativa e com a finalidade de elicitare o material de pesquisa. Nesta etapa, foram elaboradas as perguntas imanentes, a partir da história narrada pelo entrevistado que permitiram complementar as lacunas que haviam ficado ao considerar os objetivos da minha pesquisa.

Houve, nesse sentido, uma diversidade de perguntas imanentes, uma vez que elas partiram da história dos depoentes. Ante os sujeitos serem jovens e não narrarem suas histórias de forma prolongada, muitas vezes tive que intervir, após a dixi, com uma pergunta imamente para mobilizar a narrativa, como apontei.

Na fala Conclusiva, quando o gravador estiver desligado, muitas vezes acontecem comentários informais entre depoente e entrevistador, e essas informações podem ser relevantes para a interpretação e contextualização dos dados da entrevista.

Além da videogravação, optei também por outro instrumento indicado para o detalhamento descritivo e reflexivo das narrativas: o diário de campo, onde foram feitos alguns registros das narrativas ou conversas informais sobre o assunto da pesquisa e minhas percepções sobre a entrevista para sintetizar os comentários informais e outras impressões.

3.4. Os sujeitos entrevistados e o procedimento de produção das entrevistas

Para escolher os depoentes, inicialmente fiz um convite geral na sala de aula do 5º semestre para alunos que já haviam cursado as disciplinas de Contabilidade, no primeiro semestre, Custos Empresariais, no quarto semestre, e estavam finalizando a disciplina de Administração de Recursos Financeiros, do quinto semestre. Eu tinha sido a professora deles nesses três semestres.

A escolha pelos alunos do quinto semestre deu-se em função de eles já terem experienciado as disciplinas de contábeis e poderem narrar as experiências vividas no meio acadêmico. Em um primeiro momento, diante do convite, não houve manifestação de interesse dos alunos em participar da pesquisa. Então, num outro momento, convidei pessoalmente alguns alunos, considerando o envolvimento que esses estudantes tinham comigo e com a disciplina. Para tal, os critérios de escolha foram alunos que tinham excelente desempenho e alunos que apresentaram dificuldades de apropriação dos conceitos da área contábil e financeira.

Após o aceite destes, cinco estudantes contribuíram para a pesquisa:

TABELA 1: Descrição dos Sujeitos

| Data da entrevista | Sujeitos⁴ | Idade | Procedência | Tempo de entrevista | Local da entrevista |
|---------------------------|-----------------------------|--------------|--------------------|----------------------------|----------------------------|
| 27/09/2017 | Lola | 23 | Guarulhos -SP | 00:54:04 | Sala de aula |
| 28/09/2017 | Elise | 23 | Itatiba – SP | 00:53:19 | Sala de aula |
| 18/10/2017 | Nina | 21 | Paranaíba - MS | 00:48:10 | Sala de aula |
| 28/11/2017 | Luce | 22 | Itatiba – SP | 01:02:54 | Sala de aula |
| 28/02/2018 | Lucas | 20 | Jarinú – SP | 00:46:44 | Sala de aula |

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Todo o processo transcorreu dentro do esperado, de forma tranquila, e os entrevistados mostraram-se bastante receptivos e dispostos a responder às perguntas. Consideramos que os sujeitos constituem-se e são constituídos no decurso de suas experiências de vida, e, nesse estudo, concebemos a importância do relato de vida dos depoentes, como a sua trajetória escolar deixa marcas e afeta na escolha do curso e da profissão, contribuindo de forma positiva para responder nossa questão de investigação.

⁴ Os nomes dos sujeitos participantes da pesquisa são fictícios, exceto o do aluno Lucas que solicitou que sua identidade fosse revelada. A escolha dos pseudônimos partiu dos depoentes, por considerar que o anonimato os deixaria mais à vontade para expressar seus pensamentos.

3.5. Os procedimentos de análise de dados

Após cada entrevista realizada, foi feita a transcrição de cada uma delas e, após todo o corpus estar transcrito, observamos as convergências e divergências que eram expressas nas cinco entrevistas. Essa primeira observação permitiu-nos identificar três eixos de análise que coadunam com nossos objetivos de pesquisa: 1) Como os sujeitos participantes narram e significam suas trajetórias escolares; 2) A escolha e a significação do curso de Administração e, 3) Os sentidos da disciplina de Contabilidade para a formação desses sujeitos.

Antes, porém, de procedermos à análise, optamos por textualizar essas entrevistas, uma vez que elas podem oferecer ao leitor um olhar para como esses sujeitos foram constituídos ao longo de suas trajetórias de vida. A textualização consiste na

[...] etapa na qual as perguntas do pesquisador(a) são retiradas ou adaptadas às falas dos colaboradores. Há igualmente rearranjos a partir de indicações cronológicas e temáticas. Desse modo, busca-se facilitar a leitura do texto por meio de conformações às regras gramaticais vigentes e da supressão de partículas repetitivas, sem valor analítico, típicas do discurso oral. O objetivo é o de possibilitar uma melhor compreensão da narrativa (SILVA; BARROS, 2010, p. 71).

E, conforme apontam Moura e Nacarato (2017), é de suma importância que os depoentes tenham acesso aos registros textualizados das entrevistas narrativas, uma vez que, considerando o dever ético do método de pesquisa adotado, estes precisam aprovar os dados para que possamos fazer uso deles. Assim, as textualizações que apresentaremos no capítulo seguinte foram enviadas por e-mail e tiveram o aceite de cada um dos sujeitos participantes dessa pesquisa. No entanto, durante as análises, optamos por utilizar a transcrição fiel da fala dos depoentes para a realização de uma análise enunciativa.

CAPÍTULO 4 – TEXTUALIZANDO AS HISTÓRIAS DE VIDA DOS ALUNOS DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

Neste capítulo, apresentaremos a história de vida dos depoentes⁵ e como suas experiências vividas os levaram à escolha do curso de Administração no ensino superior e de que maneira isso significa em suas vidas.

Essa apresentação ocorrerá, conforme destacamos anteriormente, por meio da textualização das entrevistas narrativas concedidas.

4.1. A história de Elise

Sou Elise, tenho 23 anos e nasci em Itatiba, quando eu era pequena, eu ia para a escolinha em um período e no outro ficava com a minha avó. Minha mãe é professora de inglês e diz que no meu primeiro dia de aula – na verdade, uma ida até a escola só para conhecer – eu já quis ficar, de tanto que gostei. A professora era uma graça e permitiu que eu ficasse e até hoje, quando passo na frente dessa escola particular, sinto saudade.

No prezinho, tive que ir para a educação infantil do município, na Escola Amália Rossetti, porque meu pai havia saído do banco em que trabalhava e a situação financeira começou a piorar. Não dava para manter os dois filhos em uma escola particular e ainda pagar a clínica onde a minha avó estava internada. Depois fui para o Chico Peroba e eu comecei a ter aula com a professora Solange⁶, que eu amava.

Tive que ficar dois anos no pré por causa da idade e quando fui para a primeira série, eu odiei. A pedido da professora, que me achava muito inteligente, eu tinha que ajudar um coleguinha que tinha um atraso mental. Ela nos colocava sentados lado a lado e essa pressão de ter que auxiliá-lo acabou não me fazendo bem. Na sala eu até lia, escrevia, fazia as atividades, mas em casa eu não conseguia.

Em casa, suspeitaram que alguma coisa de errado estivesse acontecendo, mas eu não falava nada. Passei a inventar que estava doente para não ir à escola e ficar na casa da minha

⁵ A textualização foi realizada como uma apresentação dos depoentes participantes da pesquisa. Na análise, serão utilizados excertos das entrevistas.

⁶ Todos os nomes citados nas textualizações são fictícios para preservar a identidade dos sujeitos.

avó. Um dia eu tinha dor de cabeça, no outro, ânsia de vômito e por aí vai. Só quando minha mãe foi até a escola e conversou com a professora é que ficou sabendo dessa situação.

A professora havia pensado que eu daria conta, mas não dei e, além de tudo, tinha medo dela. Foi preciso que a minha mãe pedisse a ela para me separar do menino para que eu voltasse para a escola. Assim foi feito quando eu voltei, mas meu desenvolvimento em relação aos estudos ficou um pouco comprometido.

Por conta das minhas dificuldades ali, na segunda série, eu fui para o Colégio Litteratus, onde meu irmão já estava estudando, porque ganhei uma bolsa de estudos. Novamente tive a sorte de ter uma professora encantadora, Daniela, que me acolheu e me motivou.

A terceira série correu sem grandes emoções, tanto que nem me lembro bem da professora. No final desse ano, pedi para minha mãe me transferir para o período da manhã porque diziam que a professora da 4ª série da tarde era muito brava e a da manhã era boazinha. Mas no fundo, o meu receio era o de ser aluna de uma amiga da minha mãe. E ela fez bem em não deixar que eu mudasse de período, porque acabou sendo um ano surpreendente.

Durante o ano seguinte, permaneci a contragosto no Litteratus, porque meu irmão havia ido para o Anglo fazer o ensino médio e eu queria ir com ele. Mas quando passei para a 6ª série, minha mãe acabou conseguindo uma bolsa para mim no colégio dele e estudei lá até o Médio.

Junto comigo foram mais três amigas que eu tinha desde a 2ª série na escola e que moravam próximo de casa também. Pena que, aos poucos, fomos nos afastando. Por conta das novas amizades, de uma briguinha aqui, outra ali; no ano seguinte, paqueras em comum, o que um dia foi uma amizade de fazer todas as coisas em conjunto desfez-se e acabamos cada uma ficando no seu canto.

Nesse período, eu fui uma aluna mediana, mas gostava de estudar ali. Até porque, no ano que fui para esse colégio, meu pai morreu vítima de infarto e a escola acabou virando o meu refúgio, onde eu podia conversar com colegas da minha idade, que me acolhiam. Demorou um pouco para eu entender, ainda com doze anos, o que era perder o pai e esse apoio foi muito importante.

Já no Ensino Médio, as coisas mudaram e mudaram para pior. Não sei se por causa do excesso de comparação entre mim e o meu irmão – que havia acabado de passar no vestibular da Unicamp –, o fato é que eu me transformei em uma péssima aluna, daquelas que não gosta

de estudar. Nas provas que eu fazia, se as notas não eram boas, logo ouvia alguém dizer que meu irmão tinha sido um excelente aluno, que só tirava nota dez e coisas do tipo. E eu era aluna de seis, seis e meio e às vezes tinha que fazer prova de recuperação. Isso me preocupava, porque eu também precisaria passar no vestibular para uma faculdade pública, porque com a morte do meu pai, minha mãe não ia dar conta de bancar meus estudos.

Minha sorte foi ter uma amiga muito inteligente que se propôs a me ajudar, principalmente com as matérias em que eu tinha maior dificuldade, como Física, Química, Inglês, Biologia. Mas hoje eu vejo que, na verdade, eu estudava de maneira errada, por isso é que eu não conseguia me sair bem. Só sei que, no fim das contas, acabei entrando em uma federal em Minas Gerais, que era o meu sonho. Mas antes disso, fiz o cursinho e aconteceu o que eu temia. Passei em Gastronomia, mas em uma instituição particular, e minha mãe não tinha condições de bancar uma mensalidade de R\$ 3.000,00.

Quando finalmente passei para Nutrição em Lavras, fiquei muito feliz e fui para lá, levada pela minha mãe e pelo meu tio. Mas chorei todos os dias durante três meses, apesar de estar super bem instalada em um apartamento lindo, todo mobiliado, que dividia com uma colega.

Na primeira semana, só haveria aulas na quinta, sexta e sábado. Como eu fui para lá sem saber disso, foi um choque, porque eu não havia pensado em passar o fim de semana lá. Segundo a faculdade, quem não estivesse presente na aula de sábado, perderia a vaga. Mas quando chegou sexta-feira à noite e meu namorado, que estudava em Belo Horizonte, disse que viria para Itatiba e que, se eu quisesse, passaria para me buscar, não pensei duas vezes. Cheguei à casa da minha mãe de madrugada, sem ter avisado, e contei para ela que eu não ia passar o fim de semana longe sozinha, mesmo correndo o risco de perder a vaga na faculdade.

No domingo à tarde, voltei de carona para Minas, fui para a aula na segunda – Química e Biologia – e me perguntava o que eu estava fazendo ali. E logo de cara, a professora explicou o esquema inicial da disciplina, em que teríamos uma semana para decorar todos os ossos do corpo humano, conteúdo que seria cobrado através de chamada oral. Entrei em pânico e aos prantos contei minha indignação para minha colega de apartamento, dizendo que eu não ia naquela aula na semana seguinte de jeito nenhum. Então, para tentar me acalmar, ela quis me levar a uma festa onde haveria gente de Itatiba. Mas foi perda de tempo, porque eu não queria estar lá e não conseguia relaxar ou me divertir.

Naqueles dias que se sucederam, eu só chorava. Ligava para minha mãe todos os dias chorando, chamava pelo Skype e chorava. Ela pedia para eu ficar, mas eu não queria. O

dinheiro que ela me dava para passar a semana, eu economizava o máximo para poder voltar no final de semana, sem nem ela saber. Eu ligava para ela ir me buscar quando eu já estava em Bragança. Um dia, cheguei lá por volta de 22h30min e não conseguia falar com ela; precisei ficar sozinha na rodoviária, foi horrível.

Na semana seguinte, fui a uma festa da faculdade e falei para os meus amigos que era a minha despedida, que eu não voltaria mais. Eles acharam que era brincadeira, mas eu peguei a minha mala e vim embora sem que minha mãe soubesse. Eu já vinha trazendo as minhas coisas aos poucos sem que ela percebesse, então não tinha mais muita coisa para trazer.

E quando ela me perguntou a que horas eu ia embora no domingo, eu disse que tinha vindo para ficar, que eu não queria mais voltar para Lavras, para a faculdade. Nem ela, nem meu irmão conformaram-se com a situação, achando um absurdo eu desistir de uma faculdade federal e não concordaram comigo de jeito nenhum. Tentaram argumentar, questionando o que eu ia fazer dali pra frente, dizendo que eu teria que fazer cursinho de novo, foi um transtorno.

Nos primeiros meses, eu não tinha nada para fazer, porque não tinha um emprego, não estava na faculdade, nem na escola, nada. Então minha mãe sugeriu que eu arrumasse um emprego. Passei dezembro, janeiro e fevereiro procurando trabalho e o que consegui foi entrar em uma nova crise, dessa vez, gigantesca. Queria tudo, queria meu ex-namorado, queria minhas amigas e eu não tinha nada, queria mudar a minha vida e não tinha como. Fui afundando nessa crise até que eu consegui emprego sem registro em uma imobiliária, para cobrir as férias de uma moça. Foi então que cogitei voltar a fazer faculdade.

Antes disso, fui fazer o curso de assistente administrativo no SENAI. A carga horária compreendia aulas três vezes na semana durante seis meses. Comecei a me identificar com os assuntos logo de início e aprendi muitas coisas ao longo do curso, além de ter um professor sensacional. Quando terminei o curso, a minha mãe me perguntou o que eu ia fazer e então disse que ia prestar vestibular para Administração. Mas todo mundo falava que Administração é curso para quem não sabe o que quer. Então eu disse: “Tudo bem, eu não sei mesmo o que eu quero; mas quem sabe seja esse o caminho, já que eu gostei tanto do curso que fiz no SENAI”. Nessa época, eu ainda estava na imobiliária, e não gostava de trabalhar lá, mas se eu quisesse fazer faculdade, eu tinha que ter o meu dinheiro para pagar, já que eu havia desistido da outra, que era pública. Então fui ficando, mesmo sem registro.

Passei no vestibular e comecei a cursar Administração. De início não gostei de algumas matérias, como Estudo do Homem Contemporâneo, por exemplo, porque relacionava

com a História, que eu não lembrava e tinha muito texto. Mas havia Matemática, Contabilidade, matérias com as quais eu me identificava. Então, tive a certeza de que era ali que eu queria estar.

No começo do quarto semestre, eu soube de uma vaga para trabalhar aqui na USF. Uma amiga sugeriu que eu providenciasse o currículo, que ela me indicaria. Na época, eu estava participando de entrevistas para estágio em vários lugares, porque na imobiliária haviam pedido que eu levasse a minha carteira profissional, mas eu queria sair de lá.

A ideia da minha amiga deu certo e me chamaram para uma entrevista em duas etapas. Passei na primeira e quando, na segunda, falaram da minha falta de experiência em carteira, respondi que precisaria de uma primeira chance, pois eu tinha alguma experiência, apenas não estava comprovada em carteira. Então, uma das selecionadoras disse que me ensinaria e, assim, eu fui aprovada, iniciando na semana seguinte.

Logo nessa primeira semana, minha mãe falou que eu não ia aguentar, porque meu horário era das 9h às 17h30min, com intervalo de uma hora e meia de almoço. À tarde, era o tempo de passar em casa para tomar um banho, voltar para a faculdade e dá-lhe aula até às 23h. Essa rotina mudou a minha vida completamente. Até o meu namorado achava que eu não iria dar conta. Mas eu tinha que conseguir, por conta da história de ter abandonado a faculdade pública, que todo mundo fazia questão de me lembrar.

Os primeiros meses foram muito difíceis, eu dependia da minha mãe para me buscar à noite; às vezes, ficava sozinha na frente da universidade até que ela chegasse, porque ela saía do trabalho às 23h também. Eu ficava exausta e quase reprovei por falta. Mas se eu queria estudar aqui em Itatiba, eu tinha que continuar.

Logo em seguida, minha mãe se aposentou e as coisas melhoraram um pouco, mas às vezes ela precisava desistir de algum compromisso para ter que me buscar. Meu namorado morava longe, o que também dificultava ajudar nessa questão. Por fim, para facilitar as coisas, eu consegui ficar com o carro. E assim entendi que, quando a gente quer mesmo uma coisa, tem que persistir. Hoje eu consigo trabalhar, estudar e não dormir na hora do almoço, coisas que eu achava que nunca ia conseguir. É bem verdade que eu estou no meu limite e há momentos em que tenho vontade de desistir, mas eu não vou fazer isso.

Quando eu ingressei no curso de Administração, como eu tinha feito SENAI, trouxe algum conhecimento que me ajudou. A princípio, vimos mais a parte trabalhista, Contabilidade e Matemática. Como eu gosto muito de cálculo, foram matérias com as quais me identifiquei, apesar de ter que estudar muito para passar.

Mas na sequência da Contabilidade, eu comecei a ter dificuldade, talvez pelo fato de que eu tinha mais tempo para estudar quando estava no primeiro semestre. Analisando meu histórico, percebi que eu decaí, por conta dessa redução no tempo de estudo, mas foi uma matéria que eu gostei bastante, com muitos exercícios para praticar, o que ajudou muito.

Para estudar, eu tenho o hábito de decorar e memorizar o passo a passo. Não sei se é uma forma correta de aprender, porque se no meio do caminho muda alguma coisa, eu me perco. Mas, no geral funciona, especialmente com fórmulas.

Na disciplina de Contabilidade do quinto semestre, por exemplo, eu achei que estava tudo caminhando bem, que eu tinha aprendido tudo, mas quando eu fiz a prova, eu percebi que não sabia o quanto eu pensava que sabia. Tirei uma nota abaixo da minha média, não reprovei, mas tive um choque e percebi que só decorar, para essa disciplina, não estava resolvendo, porque tinha mais e mais coisas a cada semestre e eu comecei a confundir tudo.

Eu prestava atenção nas aulas de Contabilidade, mas talvez não tanto quanto o necessário. Só sei que chorei muito por esse mau desempenho, porque havia definido para mim que no mínimo eu deveria ter nota sete em qualquer disciplina. Nesse caso, eu até poderia ter feito a N3⁷, mas tivemos alguns problemas em casa com o meu tio, que não estava bem, e eu fui deixando algumas coisas de lado, não estudei e acabei não fazendo a prova. Fiquei com média 6.3, o que por um lado foi bom, porque na sala havia um desconforto pelo fato de eu sempre tirar boas notas. Mas como até esse momento eu não havia tirado nenhuma nota abaixo de sete, isso manchou meu histórico e acabei ficando bem chateada.

Acabei por privilegiar algumas disciplinas em detrimento de outras, como no caso a Contabilidade e acabei me dando mal, apesar de fechar com nove em Pesquisa Operacional e ser aprovada com nota dez no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Enfim, apenas decorar a matéria não funcionou com a Contabilidade, fora o arrependimento de não ter feito a N3 e tentado recuperar a nota.

Eu até estranhei o fato de ter me saído tão bem no início da faculdade, com notas nove e dez, porque no ensino médio eu não era uma boa aluna. Mas foi uma satisfação perceber que

⁷ O Sistema de Avaliação de Aprendizagem é composto por etapas avaliativas denominadas N1, N2 e N3, às quais são atribuídas notas variáveis entre zero e dez, admitido o grau decimal e vedado o arredondamento.

As notas N1 e N2 são obtidas por meio de avaliações individuais e, sempre que o Projeto Pedagógico do Curso determinar, avaliações em grupo, cujo valor será limitado a 50% da nota de cada etapa.

A nota referente à N3 resultará de prova individual, que abrangerá todo o conteúdo programático, sendo que esta nota poderá substituir a menor nota obtida pelo discente entre as avaliações N1 e N2.

Desta forma, o discente que não obtiver a nota final igual ou superior a 6,0 (seis), resultante da média aritmética simples da nota da N1 e N2, deverá realizar, obrigatoriamente, a N3; por outro lado, é facultado ao discente que obtiver média igual ou superior a 6,0 (seis) pontos e frequência igual ou superior a 75% da carga horária da disciplina realizar a N3 e, caso essa resultar em nota inferior às notas das avaliações N1 e N2, prevalecerá a média anterior.

eu não era uma má aluna assim e que possivelmente eu estivesse enfim aprendendo a estudar corretamente.

O certo é que vários fatores influenciaram nessa história toda, mas principalmente a falta de tempo para dar conta de tudo e o cansaço decorrente disso. O fato de estar constantemente esgotada tem me deixado sem vontade de fazer nada, apesar de gostar do curso e do trabalho.

Só sei que com o decorrer do curso muitas coisas mudaram. Quando escolhi Administração, apesar de todo aquele comentário pejorativo das pessoas ao meu redor, pensei que, por ser um curso que abrange muitas áreas, possibilitaria que eu viesse a trabalhar em um banco, que era um sonho do meu pai. Mas, hoje em dia, eu não vislumbro essa possibilidade, apesar de um certo desconforto em desagradá-lo, mesmo que em memória. Acredito que é pelo fato de estar gostando de trabalhar no financeiro da universidade. Além disso, para fazer carreira em um banco, é necessário que você comece cedo, fazendo um estágio, e acho que já passei desse momento. Mas todas as portas estão abertas.

Depois que terminar o curso, ainda não sei se faço outra faculdade, de Ciências Contábeis, por exemplo, ou uma especialização, que poderia ser em RH, que gostei muito quando comecei a estudar, mas que hoje já não me entusiasma tanto. São tantos os caminhos que às vezes me sinto perdida. Mas da mesma forma que cheguei até aqui, seja nos estudos ou no trabalho, entendo que as coisas irão se encaminhando no sentido de eu acabar por fazer as melhores escolhas.

4.2. A história de Lola

Eu sou Lola, nasci no ano de 1994 e morei em Guarulhos até completar sete anos de idade. Comecei a frequentar o prezinho por volta dos quatro, cinco anos e aos sete fui para a primeira série, que cursei até a metade do ano, porque o meu pai veio trabalhar em Itatiba e então nós mudamos para cá. Apesar de me lembrar de pouca coisa anterior aos meus sete anos, o que eu sei é que a minha infância, em si, foi bem tranquila. Sempre fui calma, esse é o meu jeito até hoje; nunca fui muito de ficar saindo, ficar na rua, porque eu tinha o que fazer, então, era uma amiga ou outra que vinha na minha casa ou eu ia na casa dela e só.

Acho que, por ter tão poucos contatos, tive muita dificuldade, medo até, de mudar de escola, porque eu sou tímida demais para fazer amizades. Quando eu vim aqui para Itatiba,

tive esse receio de ir para a nova escola, e como já estava no meio do ano, tive dificuldade para me relacionar com os outros alunos. Por sorte, a professora era muito gentil e acabou me integrando ao grupo sem grandes traumas.

Eu sempre gostei muito de estudar, sentava nas primeiras carteiras, tentando prestar atenção e me relacionava mais com quem sentava por perto, não sendo muito de ficar conversando com a sala inteira. Assim foi até a 7ª série. Na 8ª série, fiz amizade com uma menina que era amiga de todo mundo, que conversava com todos. Então, eu comecei a me enturmar mais com a minha sala; pena que já estava no último ano da escola. Esse foi o momento em que eu tive mais amigos na minha vida, porque, como eu já disse, nunca fui de muita amizade, conversar com muita gente. Hoje, minhas amizades se contam nos dedos.

Até concluir a 8ª série, eu estudei em escola pública no CENEMEB (Escola Estadual Manuel Euclides de Brito). Já no ensino médio, eu fui para uma escola particular, porque eu jogava handebol e ganhei uma bolsa de estudos do Colégio Anglo, que patrocinava a equipe e presenteou todas as atletas.

Novamente, tive muito medo dessa mudança, porque era um mundo diferente. Até encontrei uma pessoa que eu conhecia de vista da minha escola anterior; conversamos, mas a amizade não engatou e eu acabei me afastando. Enfim, não me sentia em uma turma ali. Por isso, eu geralmente ficava na sala de aula na hora do intervalo, até que uma outra pessoa, que também tinha vindo de outra escola, começou a conversar comigo e nos entendemos. Com o tempo, juntou mais uma ou duas pessoas e formamos um grupinho e seguimos assim até o final do ensino médio.

Fora isso, as amizades de rua também eram poucas ou quase nenhuma, porque quando viemos para cá, morávamos de aluguel e, por conta disso, nos mudamos várias vezes, o que dificultava um pouco fazer amizades e mantê-las. A única vez que fui mais próxima de alguém foi quando fomos morar num bairro onde já morava uma professora que havia me dado aulas no ensino fundamental, o que facilitou um pouco as coisas para que eu e a filha dela nos aproximássemos.

Quanto aos estudos, eu achei o ensino bem diferente no ensino médio. O 1º ano foi o pior de todos para mim, porque o professor entrava em sala, iniciava sua aula e frente a algumas dúvidas dos alunos, muitas vezes dizia: “Nossa! Não se lembram? Isso nós já vimos em tal série...”. E eu nunca tinha visto aquilo na minha vida. Passou a ser um mundo totalmente diferente para mim, mas isso, de certa forma, ajudou-me, tanto no ensino médio, por ter que correr atrás das coisas, quanto no meu ingresso na faculdade, pois cheguei mais

preparada. O fato de ter estudado em escola particular foi bastante relevante para que eu chegasse até aqui, porque percebi, ao conversar com vários alunos vindos de escola pública no início do curso de Administração, que eles não haviam tido contato com alguns conteúdos prévios e acabaram tendo um pouco de dificuldade em acompanhar.

No início do curso, eu tinha uma outra ideia sobre administração, na verdade, uma ideia totalmente diferente, porque eu conhecia apenas algumas áreas que a administração engloba. Mas, logística, por exemplo, se eu não estivesse cursando Administração, eu nunca imaginaria que pudesse fazer parte; para mim, era uma outra área totalmente diferente. De fato, tive uma surpresa em conhecer quantas áreas fazem parte da Administração.

Antes de iniciar o curso, eu ouvia as pessoas falarem assim: "Ah! Administração é fácil. Só faz Administração quem não sabe o que quer da vida". Mas eu vi que não é bem assim. Para você cursar Administração é preciso gostar, porque, se você não gostar, não vai para frente, apesar de haver um leque enorme de possibilidades dentro do curso. Aliás, como em qualquer outro curso; se não houver identificação, vai haver dificuldade de aprender. Pode até alcançar um diploma, mas o mais certo é que ele acabará apenas ficando no fundo de uma gaveta.

Enfim, no início do curso, eu vi, em um primeiro momento, muita coisa que eu já tinha aprendido no ensino médio e isso me ajudou bastante, era mais lembrar. Esse início também foi bom para que eu me ambientasse, conhecesse o método de ensino da universidade e dos professores. Isso foi importante, porque o meu método de estudo eu já conhecia, ou seja, se a disciplina fosse na área da matemática, contas, por exemplo – que eu tenho mais facilidade –, então eu estudaria de um jeito, se fosse teoria – que eu não gosto muito e tenho mais dificuldade – então eu partiria para outra estratégia. Portanto, nesse início, foi mais estabelecer a forma que eu ia utilizar para absorver todo o conhecimento que os professores estavam passando, a fim de, realmente, aprender aquilo que estava sendo ensinado.

Mas, para falar a verdade, não gostei muito do primeiro semestre, porque tinha muita teoria e eu não gostava muito dessa parte. Então, eu tive que me esforçar bastante, já que, para mim, era a parte mais complicada, mais difícil. Mas, com o tempo, passei a gostar e, quando vejo, já estou quase finalizando o curso.

Quando se trata de teoria, eu não consigo, por exemplo, ficar parada, lendo slide, olhando o professor explicar, porque minha mente viaja e eu não presto atenção. Então, o método que encontrei, para que eu possa prestar atenção durante as aulas, é escrever com as minhas próprias palavras o que o professor diz, porque dessa forma consigo absorver melhor e

também entender melhor quando vou estudar sozinha depois. Às vezes, quando é assunto que já conheço, eu fico desenhando no caderno, assim, fico só ouvindo e vou absorvendo aquele conhecimento.

Na hora de estudar, também vejo se o professor deixou algum material, algum texto, alguma coisa que eu possa ler e ir grifando o que eu achar mais importante, os pontos-chave, para relembrar o que o professor falou em sala. Algumas vezes, eu faço um texto com aqueles pontos-chave que eu grifei, e isso me ajuda a elaborar um raciocínio.

Já quando se trata de contas, de números, é mais fácil para mim. Nem preciso estudar muito, porque eu tenho facilidade nessa parte, então, a única coisa que eu faço são os exercícios, pois eu gosto muito de praticar. Aliás, quanto mais eu pratico, mais fácil se torna. Outra coisa de que gosto é ensinar as pessoas, porque, além de ser fácil para mim, revejo o ensinado e aprendo ainda mais. Outra forma que utilizo para estudar é ir anotando alguma dúvida quando penso que tem algo errado, por exemplo, com uma questão que eu esteja achando muito fácil, para depois consultar um colega ou o professor.

Além do conteúdo disciplinar, no decorrer do curso, eu vi que em qualquer área da Administração que se for trabalhar é preciso, antes de mais nada, ser um gestor e saber lidar com as pessoas, porque mesmo que se trabalhe no financeiro, com fluxo de caixa, bancos, contas a pagar, contas a receber etc., também vai haver contato com os colaboradores, clientes e outros. Isso eu não percebia antes do curso. Para mim, gestor era só o supervisor, o líder, um gerente, mas não é bem assim. Para ser um administrador é necessário saber, minimamente, lidar com as pessoas.

Logo no primeiro semestre, tivemos a disciplina Introdução à Administração, ter conhecimento de onde ela veio e ficamos sabendo que antes de Cristo já era necessário saber lidar com pessoas, ter esse preparo. Aliás, nessa matéria, pude aprender cada fase da Administração, desde onde e quando tudo começou, sua evolução, até a separação em setores, como o Recursos Humanos, que é muito amplo, dividido em várias partes, nas quais é possível se especializar. Outro setor é o Financeiro, que têm a parte fiscal, ou ainda a possibilidade de atuar em Contabilidade. Acho que até mesmo na Engenharia, um administrador, às vezes, pode ser um gerente, um gestor de algum setor, mesmo porque nem todas as profissões preparam para isso; coisa que a administração já vem colocando em prática na sala de aula, para que o aluno se desenvolva nesse sentido.

Isso tem sido importante para mim por conta da timidez, que foi colocada à prova durante esses semestres, com a apresentação de vários trabalhos e a exigência por parte dos

professores. Esses momentos têm auxiliado no meu desenvolvimento, já que me expor e falar para a sala não eram tarefas fáceis para mim. Enfim, tenho aprendido muito, tanto na parte de cálculos – da qual gosto mais – quanto na parte teórica. Até certo ponto, isso se deve ao fato de ter tido professores muito bons, que ensinam muito bem; cada um com seu método, com sua forma de ensinar, mas todos muito atenciosos, a ponto de explicar dez vezes, se for necessário. Mesmo para pessoas como eu, que no início tinha muita vergonha de perguntar perante a sala e que chegou a pedir para um colega fazê-lo por mim, os professores sempre foram muito prestativos em tentar esclarecer qualquer dúvida.

Acredito que isso foi importante para que eu mudasse minha concepção sobre o curso de Administração. Só acho pouco tempo de curso para aprender tanta coisa, pois torna tudo muito corrido. De qualquer forma, ainda assim, tem sido prazeroso. Até Direito, assunto que eu não gosto, assimilei bem e entendi que o administrador tem que saber um pouco de tudo, senão, como é que poderá trabalhar como gestor e falar com o funcionário se não entender sobre a realidade dele? Isso também me fez perceber que a Administração é mais complexa do que eu pensava a princípio.

Apesar de eu ter trabalhado um pouco na área administrativa, nunca tive contato com a área contábil ou financeira, porque eu fazia alguns lançamentos de contas, mas não era nada demais. Então, quando eu comecei o curso, tendo a disciplina de Contabilidade logo de cara, foi um susto. Acredito que o fato de não ter feito um curso de nível técnico fez muita falta, porque aquilo que eu nunca tinha visto antes, alguns colegas que vieram do Colégio Técnico achavam fácil. Era tanto nome, tanto detalhe, que eu pensava que não ia conseguir assimilar, mas, passo a passo, conforme você vai aprendendo o que vem primeiro, o que vai depois e praticando, você consegue aprender tudo e elaborar todo o raciocínio de que precisa.

Até mesmo na questão da continuidade dos estudos de cada disciplina ao longo dos semestres é preciso ter uma estratégia. No caso da Contabilidade, por exemplo, no segundo semestre, tem uma parte que está ligada com aquilo que foi visto no primeiro e, no ano seguinte, tem ainda outra parte que se liga com as duas anteriores. Sendo assim, uma coisa vai puxando a outra e se você não aprender o que for necessário em um desses momentos, vai ter muita dificuldade depois.

Aprendi que mesmo a Matemática Financeira engloba parte da Contabilidade, apesar de algumas coisas serem feitas de forma diferente. E o professor de Financeiro usava exemplos do dia a dia, do tipo: “se você vai comprar um carro, o cálculo pode ser feito de tal maneira para descobrir qual a taxa, qual o valor que você vai pagar”. Então, entendi que

matemática financeira não é só para empresas, é para o nosso dia a dia, para coisas que podemos usar na nossa vida pessoal, para o controle dos nossos gastos. O fato de as disciplinas estarem conectadas entre si e de os professores passarem o que é visto na teoria para exemplos da nossa realidade cotidiana – pessoal ou profissional – ajuda muito na nossa compreensão. Todo o convívio que eu tenho tido com os professores tem sido bem importante. Além disso, com a prática dos exercícios, aprendemos muito mais do que só quando vemos no papel.

E assim vamos chegando à reta final e eu não vejo a hora de acabar logo o curso. Estou mesmo é ansiosa para pegar o meu diploma. Será um orgulho, porque na minha família não tem ninguém que fez curso superior, nem no lado da minha mãe, nem no do meu pai. Em casa, uma das minhas irmãs já começou a fazer umas duas ou três faculdades, mas parou. Então, eu sou a única que está batalhando e continuando até o final.

Claro que houve momentos em que tive vontade de trancar a matrícula, por estar no limite das minhas forças. Trabalhar o dia todo, cursar a faculdade à noite e ainda estudar nos finais de semana, tendo que, muitas vezes, deixar de lado a família e o namorado, não é fácil. Mas, no final das contas, ter insistido tem sido gratificante, tanto que, na sequência, eu quero continuar fazendo outros cursos, não quero ficar parada, porque o conhecimento é a única coisa que levamos para o resto da vida, diferentemente das coisas materiais.

Confesso que eu não gosto muito de leitura, mas eu gosto de estudar, de aprender coisas novas, por isso quero continuar e buscar aperfeiçoamento também em outras áreas, mas, em especial, na Administração mesmo. Ter um conhecimento mais amplo e/ou aprofundado vai ajudar tanto para o meu desenvolvimento profissional quanto para o relacionamento com as pessoas, só trará benefícios.

Então, concluindo o meu curso, quero, quem sabe, fazer uma pós-graduação, outra graduação ou mesmo um curso técnico, o importante é continuar crescendo. Essa vontade, com certeza, é fruto da influência do meu pai que, apesar de ter feito apenas um curso técnico, tem um pensamento incrível e conversa sobre qualquer assunto. Meu desejo é de, nesse sentido, ser assim como ele e quando eu tiver meus filhos, saber responder e ter, também, um bom diálogo com eles. É assim que meu pai faz em casa comigo e com as minhas duas irmãs, mesmo sendo cada uma de um jeito. Penso que conhecimento, seja ele acadêmico ou não, sempre contribui para os relacionamentos.

Moramos, já faz dois anos, em uma área isolada onde só tem chácaras, próxima da estrada que liga Itatiba a Morungaba e não conheço ninguém, apesar de termos vizinhos dos

dois lados. Porém, em uma delas não mora ninguém e na outra, nunca estão em casa. Gosto de ser reservada e penso muito nos meus pais, na minha família, que além das minhas irmãs compreende também a minha avó, que mora conosco, porque ela sofre de mal de Parkinson e minha mãe cuida dela. Tenho ainda um sobrinho que vai fazer cinco aninhos. Passamos por diversas turbulências por causa das minhas irmãs, principalmente por causa da mais nova, que dá muito trabalho para os meus pais. Então, tento ser uma filha da qual eles tenham orgulho, apesar de saber que os pais sempre têm orgulho dos filhos, independentemente de como eles sejam, de que trabalho exerçam, se estudam ou não. Mas eu fico pensando se é isso que eles queriam que eu fosse. Será que estão contentes com o caminho que eu estou seguindo? Com o que eu estou pensando em fazer?

Por isso, quando eu disse que não queria mais trabalhar na multinacional, eu pedi desculpas para a minha mãe, porque eu sabia que ela gostava do meu desenvolvimento lá. Porém, não era o que eu queria e ela me apoiou. Às vezes, gostaria de ser um pouco como minhas irmãs, que fazem o que querem, sem se importar com meus pais, mas não consigo.

Gosto de coisas simples, tudo que é de simples me agrada, nada de muito exagero, esse é o meu jeito. Para uma pessoa ser minha amiga, não é necessário fazer isso ou aquilo, ter isso ou aquilo, não importa se ela tem dinheiro ou não; tendo alguma coisa em comum, por exemplo, os mesmos objetivos de estudo ou de trabalho, mesmo tendo pensamentos diferentes, fica mais fácil de compartilhar ideias e vivências.

Quando arrumei meu primeiro emprego, ajudada pelo meu pai, foi muito difícil. Na verdade, eu sempre tive receio de conversar com as pessoas, não sei o porquê, mas eu sempre fui tímida. Como já disse, falar na frente de todo mundo é muito difícil pra mim, uma batalha que eu tento superar a cada dia. Mas, mesmo assim, comecei trabalhando como balconista em uma loja e acabei me sentindo à vontade lá. Éramos eu e mais uma vendedora, conversávamos bem e tínhamos uma boa convivência, tanto entre nós como com os patrões.

Depois, surgiu a oportunidade de eu trabalhar na área administrativa de um clube, do qual também gostei, onde fazia um pouco de tudo – financeiro, recursos humanos – junto com outra funcionária, apesar de sermos em um total de dez. O meu chefe até me ajudou, depois, quando entrei na faculdade.

Nesse tempo, ainda tinha muita dúvida sobre o que eu queria fazer, que profissão seguir, pois investir quatro ou cinco anos da minha vida estudando, batalhando, sem ser no que eu gostasse seria tempo jogado fora. Mas por conta desse trabalho, passei a me interessar pela área administrativa e optei por cursar Administração, apesar de gostar de algumas coisas

e de outras nem tanto. Mas como o curso de Administração abrange muitas áreas, dá para eu me especializar, depois, em uma parte com a qual me identifique mais.

Então surgiu o estágio na multinacional, onde fui crescendo profissionalmente e gostei de estagiar, apesar de ser um ambiente em que não me sentia muito à vontade, por causa de algumas pessoas do meu setor. Eu trabalhava no departamento financeiro, mas tinha contato com vendas, compras, com o departamento fiscal e de recursos humanos, com a engenharia, enfim, com todo mundo. Por ser do financeiro, eu trabalhava com os colaboradores que iam viajar, então, estava sempre em contato com todos eles, era bem gostoso e eu pude aprender um pouco dessas outras áreas também.

Foi uma boa experiência profissional. Trabalhar em uma multinacional nos proporciona muita possibilidade de aprendizado, de contato com outras culturas, com pessoas diferentes. Além, é claro, de poder colocar em prática alguns dos conhecimentos teóricos adquiridos na faculdade.

O que eu não gostei mesmo foi de me separar dos outros estagiários, com quem fiz amizade durante o curso de integração, depois, nem sequer podermos almoçar juntos, pois cada setor tinha seu horário para isso. Então, ficava praticamente o tempo todo com as pessoas do meu setor, com as quais tive dificuldade de fazer amizade para além de uma conversa superficial, apesar do incentivo por parte do meu supervisor. Esse mal estar já me fazia acordar não querendo ir trabalhar. Então, pesei todos os prós e os contra e optei por me desligar, porque dedicamos muito tempo do dia ao trabalho e se ele nos faz mais mal do que bem, nem o conhecimento nem o dinheiro compensam.

Em seguida, comecei a trabalhar em um hospital, numa área em que eu nunca tinha trabalhado: Medicina do Trabalho. Apesar de saber que existiam os exames que tem que fazer, como de admissão e periódico, por exemplo, têm muitas outras coisas que eu nunca tinha pensado ser dessa área e que estão me surpreendendo. Estou aprendendo muito, me desenvolvendo bem e gostando do ambiente de trabalho. Tem muitos funcionários, mas no meu setor somos em quatro pessoas, então, o convívio é bem tranquilo. Com os demais – doutores, enfermeiros etc. –, o contato é mais esporádico.

Apesar de eu não ter feito o curso técnico em segurança do trabalho, como é o caso de alguns funcionários, no dia a dia, eu vou aprendendo as coisas. Está sendo uma boa experiência, bastante conhecimento, até porque assumi o lugar da minha chefe, que está em licença maternidade, o que é um verdadeiro desafio para quem está há apenas quatro meses estagiando.

Então, são novos aprendizados nos quais vejo a importância do meu trabalho, diferente de quando eu estava na multinacional e me sentia inferior, porque sempre estava fazendo alguma coisa errada e não via resultados positivos. Tenho me superado a cada dia, porque vou sempre conhecendo um pouquinho mais, vou vivendo situações diferentes e isso vai agregando valor ao que eu faço.

Agora, já faz seis meses que estou lá, mas parece mais, pelo tanto que eu já aprendi, por tanta situação que eu já vivenciei. Levanto da cama com ânimo para ir trabalhar, para resolver os problemas que aparecem. Estou muito satisfeita em estar naquele ambiente, fazendo esse trabalho. Assim como acontece com a faculdade. Acredito que eu esteja em um bom período da minha vida.

4.3. A história de Luce

Meu nome é Luce, tenho 20 anos e não me lembro de muita coisa quando do meu ingresso na escola; na verdade, eu não me lembro de quase nada. É apenas a partir do pré-primário que tenho algumas poucas lembranças e logo já estava na primeira série. O mesmo acontece em relação às questões familiares, das quais me recordo bem somente a partir dos meus dez anos de idade. Acredito que isso aconteça devido à minha infância ter sido um pouquinho conturbada, por conta das brigas constantes entre meus pais, especialmente nos finais de semana, quando meu pai bebia além da conta.

Sou a caçula de três irmãs, com três anos de diferença de um para o outro. O meu irmão mais velho foi morar com a minha avó quando chegou a idade escolar, porque ela morava no centro, perto da escola onde ele ia estudar. Por conta disso, pelo fato de sermos meninas e também mais próximas na idade, eu e minha irmã acabamos nos aproximando bastante uma da outra, e até hoje fazemos muitas coisas juntas. Agora ambos estão casados e minha irmã vai ter um bebê, que vai se juntar aos dois sobrinhos que já temos por parte do meu irmão. Temos todos um bom relacionamento e estamos sempre em contato ao menor acontecimento, nem que seja por telefone.

Acho que herdamos esse traço da nossa mãe, que está sempre por perto, cuidando, querendo saber o que está se passando. Minha cunhada até se incomoda um pouco com isso, porque minha mãe liga todo dia, até mais de uma vez. Mas é o nosso jeito. Eu mesma, sempre

que saio, aviso a que horas pretendo voltar e não é apenas questão de respeito ou para evitar preocupações, mas porque gostamos dessa comunicação, estamos sempre nos falando.

Faz oito anos que meus pais se separaram e há sete anos minha mãe reencontrou um namorado de infância, que é uma pessoa muito boa, um cara exemplar, e estão juntos desde então. Eu costumo dizer que ela só casou com meu pai porque eu e meus irmãos tínhamos que nascer.

O meu pai também, mesmo com os problemas dele, sempre foi um pai muito bom, nunca deixou faltar nada. O problema dele sempre era com a minha mãe e em relação à bebida. Hoje ele está um pouco distante de nós, mas a família inteira da parte dele é assim. Já do lado da minha mãe, sempre fomos muito unidos, com festa e casa cheia de gente todo final de semana, mesmo quando ainda havia problema entre os meus pais.

Das lembranças que tenho do pré, a da professora desenhando com a gente no chão da escola é especial. Também guardo na memória a imagem da mochila, toda bonitinha, pendurada naqueles preguinhos que ficavam para fora da sala e da lancheirinha verde e transparente onde levava o meu lanche. Mas me lembro, também, de um dia em que a minha mãe se esqueceu de ir me buscar. Eu chorei muito e fiquei lá esperando até às oito horas da noite. Minha professora teve que ir até um orelhão para ligar para alguém e soube que minha mãe, na verdade, estava trabalhando e que meu pai é que deveria ter ido me buscar, mas não foi. Foi uma correria danada.

E era também a minha mãe que sempre ia às reuniões escolares, mas teve uma época em que ela desistiu de ir, porque a professora nem falava de mim – segundo ela –, só comentava sobre os alunos bagunceiros. E eu sempre tirei notas boas, tinha muitos amigos dentro da escola, digamos que eu era popular. Da 1ª a 8ª série, estudei na escola Profª Maria do Carmo Parizotto Mosca, aqui em Itatiba, no bairro em que eu morava. Foi lá que conheci meu primeiro namorado. Eu estava na quinta série e ele na oitava.

Na 1ª série, eu fiquei oito dias sem ir pra escola, porque eu fiquei com pneumonia e tive que ficar internada. Depois disso, eu não queria mais voltar porque eu fiquei traumatizada. Então, minha mãe teve que ficar comigo na sala de aula por uns três dias, até que eu me acostumassem novamente. Por fim, voltei a brincar, acompanhar bem as aulas – a professora era muito legal – e acabei sendo a primeira aluna da sala a escrever em letra cursiva. Achei o máximo isso e contava para todo mundo: “Eu sei escrever em letra de mão”.

Até a 3ª série, tive a sorte de ter professoras que eram uns amores, mas a professora da 4ª série era muito chata. Nessa idade, a gente ainda quer brincar, mas essa professora não

deixava de jeito nenhum. Na sétima série, eu era muito moleca e acabei quebrando o dedo da mão em um jogo em que o meu time estava vencendo. Fiquei muito triste por ter que ficar de fora das finais do interclasses. Nesse mesmo ano, eu fiquei doente de novo – e acabei tirando a minha única nota baixa até então, na disciplina de História, uma das que eu me saía melhor, juntamente com Geografia. Sempre tive bastante facilidade com o Português também, mas nunca fui muito boa em matemática, em matérias de exatas e, no entanto, acabei escolhendo Administração. Lembro que a professora de história era muito louca e a de geografia, que me deu aulas durante cinco anos – inclusive no meu primeiro ano aqui na USF – era um amorzinho – assim como a atual professora de Contabilidade. Tive um professor de Matemática que também me ajudou bastante nas dificuldades que eu tinha.

Da 5ª a 8ª série, foram quase sempre os mesmos professores que me deram aula. Nesse último ano do fundamental, como eu já estava com as notas boas, eu vivia fugindo das aulas para ir à diretoria, tomar um cafezinho e ficar conversando com a diretora. Na época do Ensino Médio, mesmo com as dificuldades por conta da separação dos meus pais, pela mudança de casa, de bairro e de escola, eu não deixei de ter boas notas. Era para eu continuar na Escola Oscarlina de Araújo Oliveira, mas devido à reprovação da minha irmã – que a minha mãe entendeu como sendo injusta –, acabei indo para a Escola Profª Ivony de Camargo Salles.

Como a mudança foi logo no início do ano letivo, não perdi quase nada. Na verdade, perdi os amigos que ficaram na outra escola, mas não demorou muito para que eu fizesse novas amizades na nova escola e a turma seguiu praticamente a mesma durante os três anos do Médio, sendo o primeiro no período da tarde e os dois últimos à noite. Fora isso, eu tinha dois amigos que já estudavam ali quando cheguei, só que no segundo ano. Mas confesso que não foi fácil, por causa de tantas mudanças ao mesmo tempo.

Nessa escola, as coisas eram mais certinhas, era exigido que se respeitasse o horário de entrada, aluno que estivesse sem uniforme não entrava e por aí vai. Entre os alunos, a maneira de conversar e até as gírias utilizadas eram outras. Isso tudo fez com que eu tivesse um pouco de dificuldade, em um primeiro momento, de me aproximar das pessoas, mas em pouco tempo eu já havia me enturmado, tanto que minha mãe queria que eu fosse para outra escola depois e eu não quis ir.

Quando eu passei a estudar no período noturno, precisava voltar para casa sozinha, já que a minha mãe não dirigia, então, encontramos uma casa mais próximo da escola. Essa

mudança para o noturno foi muito estranha para mim, porque antes eu tinha todas as noites livres, então, sentia estar perdendo por não poder fazer todas as coisas que fazia antes.

Teve um ano em que as aulas foram suspensas durante três semanas, por causa da queda de uma parte do teto e também do muro da escola e eu aproveitei para matar a saudade das minhas noites livres. Mas depois tivemos que repor durante as férias; era quase Natal e ainda estávamos em aula.

Nessa fase da minha educação, passei a gostar bastante de Filosofia e Sociologia; Matemática continuava sendo um problema para mim, não entrava na minha cabeça. Apesar disso, nunca cheguei a precisar de reforço, porque eu me esforçava muito e acabava passando nas provas, mas não sem dificuldade. Acho que minha maior nota nessa disciplina foi oito, quando estava ainda no 1º ano.

Quando terminei o Ensino Médio, eu fui cursar Letras, mas depois de um ano e meio, quando eu comecei a fazer estágio no Colégio onde minha irmã – que é formada em Pedagogia – trabalhava, não gostei do que vi. Eu olhava aquelas crianças correndo, a loucura que era ser professor e pensei que não queria aquilo para a minha vida e, se continuasse no curso, eu ia ser professora ou tradutora e definitivamente eu não me daria bem lecionando. Como minha área de atuação seria restrita, então decidi parar.

Fiquei um semestre parada e então decidi que eu ia voltar para a faculdade. Quando voltei, percebi que não queria mais estudar ali, não era uma faculdade tão boa e era longe de casa. Foi quando pensei em estudar aqui, porque passei aqui em frente e vi um anúncio sobre o vestibular. Só que eu não tinha dinheiro para pagar a faculdade, morávamos só eu e minha mãe, pagando aluguel e não havia condições de arcar com as parcelas do curso. Mas mesmo sem emprego, prestei o vestibular, passei, paguei a matrícula e comecei.

Minha primeira opção era Arquitetura, mas pensei bem e percebi que não era bem isso que eu queria, então optei pela Administração, por ser um curso que me serviria tanto para trabalhar em uma grande empresa quanto para montar um negócio, caso eu decidisse por isso. Na mesma época em que eu fui aprovada no vestibular, comecei a trabalhar na empresa em que estou até hoje e também fiquei sabendo do Financiamento Estudantil (FIES).

Eu consegui esse emprego através de uma mãe cujo filho estudava na escola onde fiz o estágio para o curso de Letras. Ela estava precisando de um auxiliar administrativo e me contratou. Minha primeira semana de trabalho coincidiu justamente com a semana em que eu precisava pagar a mensalidade da faculdade. E assim, logo de cara, pedi um adiantamento, explicando porque eu precisava do dinheiro, e a empresa me adiantou o salário.

Paguei a matrícula – na época R\$ 700,00, salvo engano – e fiz a inscrição no FIES. Na sequência, consegui uma bolsa de 75%, portanto, pago apenas 25% da mensalidade e essa é a razão porque estou aqui. Se as coisas não tivessem acontecido dessa forma, seria impossível eu fazer um curso superior.

Acredito ter feito uma boa escolha ao optar pela Administração, apesar de ter decidido por esse curso sem saber muito bem tudo o que ele abrangia. Também ouvia os outros dizerem que Administração é um curso fácil e que todo mundo que não sabe o que fazer, faz Administração.

Eu vi a grade dos cursos – Arquitetura e Administração – no dia em que eu fiz a inscrição para o vestibular. No caso da Administração, havia coisas que eu não fazia nem ideia, matérias que eu nunca tinha visto na minha vida, mas também vi que tinha Português, que era uma disciplina *on line*, Matemática Básica, Contabilidade. Então, entrei com a cara e a coragem e pensei: “seja o que Deus quiser”.

Logo no meu primeiro dia de aula – porque, na verdade, as aulas já haviam começado há uns quinze dias –, cheguei atrasada e a sala estava completamente lotada. Quem estava dando aula era o Prof. Leônidas, de quem gostei logo de cara – depois, confirmei ser um ótimo professor – e, após aquele primeiro impacto, pelo fato de não conhecer ninguém, lembrei-me de que o Leônidas havia me dito para entrar e ficar à vontade. Foi então que mirei em uma carteira vazia ao lado de uma aluna no fundo da sala – a Nina – e pensei: “é esse o canal”. Até hoje rimos por causa disso, porque ela diz que eu me intrometi na conversa dela.

Nos primeiros dias de aula, todos – alunos e professores – foram bem receptivos. Eu me senti melhor acolhida aqui nesta universidade do que na universidade anterior. Houve até um momento para recepção dos calouros em que nos mostraram as dependências da universidade para a gente se ambientar. Em relação às disciplinas iniciais, tive aula de Economia, com o Leônidas, e também Recursos Humanos (RH), mas não me recordo do restante da grade inicial.

Hoje, conforme já disse, trabalho como auxiliar administrativo na Geraltec, uma empresa de injeção plástica. Somos eu e mais uma funcionária que fica com contas a pagar. Portanto, com exceção da Contabilidade – que é feita por um contador externo –, a parte de cobrança, admissão e demissão de funcionários, o contato direto com as pessoas, sou eu que faço.

O curso tem me ajudado bastante, em especial a disciplina de RH, em que eu aprendi a tratar com o pessoal do trabalho, porque antes eu não tinha o menor jeito, chegava até a ser

indelicada. Esse intercâmbio entre o que eu vejo na faculdade e o que aplico na empresa tem me ajudado bastante, porque comecei a ter uma noção de para quê realmente servem as matérias estudadas. Entendi que trabalhar não é apenas algo que se faz em troca de um salário, que é preciso se sentir bem, se sentir feliz. Há uma série de coisas envolvidas, pois se o funcionário não estiver contente vai render menos no seu trabalho, arranjar motivos para faltar ou deixar a empresa.

Na faculdade, a maioria das disciplinas de dependência (DP) que carrego é em exatas – Contabilidade, Matemática. Desde pequena trago essa dificuldade, portanto, preciso de uma atenção maior para conseguir aprender e, mesmo assim, depois de muito estudo, as notas nem sempre são as melhores. Já com as matérias que tratam de leitura e expressão – Português, Filosofia, Empreendedorismo –, eu tenho notas melhores.

No semestre passado eu peguei DP em Contabilidade – por causa de meio ponto – e em Matemática Básica – que eu havia cursado no primeiro semestre –, para se ter ideia de como que eu não me entendo muito bem com as contas. E não era nada de muito grandioso, só uma retomada das quatro operações, porcentagem, essas coisas. Mas eu não entendia o que o professor explicava, eu olhava para a lousa e sabia que teria que estudar sozinha depois, porque muitas vezes eu copiava o conteúdo, mas não estava entendendo nada. As outras DPs foram em Macroeconomia – só que nesse caso, o professor era horrível – e em Estatística, que já cursei.

Para que eu me saia bem, tenho que estudar sozinha; para entender, tenho que escrever, porque vou retomando os exercícios e entendendo o passo a passo. Pego um monte de papel, os exercícios já resolvidos, a calculadora, coloco uma música para tocar e vou refazendo passo a passo até entender o processo. Às vezes, até falo sozinha para ajudar no raciocínio.

Não gosto de estudar em grupo, porque acho que cada um tem seu tempo e seu método e tenho dificuldade em administrar isso. Raramente eu falto às aulas, só se acontecer alguma coisa muito grave mesmo. Mas aprender apenas acompanhando as aulas não é o meu caso, talvez eu tenha um pouco de dificuldade com o raciocínio, porque não sou de me dispersar, presto atenção. No caso da Matemática Aplicada, por exemplo, que eu estava cursando nesse semestre: o professor explicando, a sala em silêncio, todo mundo entendendo e eu lá com cara de paisagem, sem entender de nada.

E quando eu tive que começar usar a Calculadora HP então? Piorou a situação, porque eu não conseguia usar aquela máquina. Fiz a primeira prova (N1) sem saber usar a bendita

calculadora. Só aprendi a mexer nela para a N2, então tirei oito na prova. Eu via as pessoas usando a calculadora de maneira tão fácil e eu com aquela dificuldade tremenda. Agora que aprendi também acho fácil, mas até aprender foi um sufoco.

Tiveram também as atividades com as planilhas. Eu lembro que a professora de Contabilidade explicava bastante e sempre passava um exercício no final da aula, que era feito em dupla. Então, eu fazia com a Nina ou com o Guga e geralmente eles me explicavam alguma coisa. Mesmo assim, depois eu tinha que estudar tudo de novo, porque eu esquecia. Aliás, eu esqueço muito fácil as coisas, por isso que eu preciso escrever, é para lembrar depois. E era fazendo e refazendo todos os exercícios que eu estudo para as provas.

Têm coisas que vimos no semestre passado, como estoque, fluxo de caixa, das quais eu me recordo vagamente, mas não me lembro exatamente de como fazer. Para isso, teria que rever tudo. Ativo e Passivo, por exemplo, eu sabia o que era, mas fazia a prova e já esquecia, ou seja, eu estudava para fazer a prova. Disciplinas do semestre passado eu ainda lembro um pouco, até porque peguei DP, mas das do primeiro semestre eu já não lembro mais. Sendo que é necessário saber tudo desde o primeiro momento para poder seguir em frente. Por exemplo, para chegar na N2 é preciso saber todo o conteúdo da N1.

Na Contabilidade acontece isso de ter que lembrar de algo que foi visto em alguma parte da disciplina no primeiro ou no segundo semestre e eu não conseguir me lembrar. Então, preciso rever tudo a partir das atividades que eu guardei e, por isso, acabo tendo que fazer os exercícios da matéria que eu estou cursando naquele momento e das disciplinas anteriores para que eu possa me lembrar.

Ainda bem que eu guardo tudo, caso eu tenha que recorrer, mas tem casos que nem assim adianta, como na área financeira, por exemplo, porque eu não gosto, não me lembro, não sei fazer, tenho uma dificuldade tremenda e preciso estudar muito para ter um entendimento mínimo.

O necessário mesmo, no meu ponto de vista, é entender o porquê das coisas para poder aprender, seja na Contabilidade, na Matemática, na Macroeconomia, na Economia; caso contrário, não consigo resolver. E além da minha dificuldade com os números, com as contas, também tenho enfrentado problemas em relação ao entendimento dos enunciados, especialmente quando envolvem calcular o valor de uma incógnita (letra X ou Y, por exemplo) para em seguida ser utilizada em outra contra também com incógnita. Ninguém faz ideia do quanto eu tenho que estudar para entender e conseguir fazer isso. Tenho que ir anotando o valor de cada incógnita – quando sei fazer a conta – e o que ela significa, além de

resolver cada passo da atividade sem pular uma linha, senão eu me perco. Enquanto isso, um colega consegue fazer isso de forma bem rápida, pulando da primeira para a última etapa sem a menor dificuldade.

Quando eu entrei no curso de Administração, eu achava que seria fácil, porque todo mundo dizia que era fácil. Então, pensei que eu ia tirar de letra, já que vinha de uma experiência de boas notas em todo meu percurso escolar anterior. Pensava que ia ter o mesmo bom desempenho, mas não foi assim; ao contrário, foi terrível. Tive que estudar o dobro do que estava acostumada desde o início. Enfim, tem sido um curso difícil. Talvez até um curso da área da Engenharia seja mais difícil, mas Administração, com certeza, também não é uma curso fácil.

Eu ingressei na faculdade com o pensamento de ter meu próprio negócio e continuo com esse objetivo, porque a cada dia que, no trabalho, tem alguém mandando em mim, estou mais certa de que não quero isso para a minha vida. Eu não gosto de gente mandando em mim, tenho vontade de pegar a minha bolsinha e ir embora, principalmente, quando eu tenho que levar um puxão de orelha. Detesto que chamem a minha atenção, seja lá quem for, desde a minha mãe até um patrão.

Em relação aos trabalhos em grupo, que devemos fazer para as disciplinas na universidade, também possuo essa característica. Eu quero fazer de um jeito e o outro do jeito dele. Cheguei até a discutir com a Nina, a primeira amiga que fiz na faculdade, a ponto de ter que pedir desculpas. Por isso estou certa de que o melhor para mim seria estar no comando na minha atividade profissional, senão pode acontecer de eu surtar, como aconteceu nesse semestre.

Tive uma crise alérgica, acredito que por causa do estresse de não saber lidar com situações desse tipo e pelo volume de coisas para fazer, seja no trabalho ou na faculdade. Por força das circunstâncias, o mais óbvio foi deixar um pouco de lado o curso, já que dependo do trabalho, inclusive para dar continuidade aos estudos, por causa do dinheiro.

Então, pela primeira vez em todo o meu trajeto enquanto aluna, relaxei na frequência, o que desencadeou uma sucessão de problemas, porque ao deixar de assistir às aulas, perdi os conteúdos. Como consequência, tive mais dificuldade ainda, especialmente com as matérias de exatas e acabei me saindo mal nas provas. O resultado disso foi mais estresse ainda, porque tive que correr atrás do prejuízo e arrebentar de estudar para tentar me recuperar na N2. Foi uma experiência horrível que espero nunca mais se repita. Em resumo, tenho pela frente mais

dois semestres com o prejuízo de três DPs para cumprir, além de uma matéria não cursada no devido tempo.

Tive perdas também no nível pessoal, pois algumas pessoas acabaram se afastando de mim, devido ao meu comportamento agressivo. O inverso também aconteceu. Talvez seja pelo acúmulo de coisas que acontece em final de ano. Fica todo mundo estressado. Além disso, eu já estava há um ano e meio trabalhando direto, sem férias, ganhando menos do que uma vendedora de loja – o que me revoltou – e trabalhando por três no escritório. Pensei até em desistir, tanto da faculdade quanto do emprego, tamanho o nível de estresse que eu estava.

É certo que eu exagerei um pouco, porque ao invés de ter uma semana de “saco cheio”, foi todo um semestre. E olha que, a princípio, eu pretendia ser aplicada e obter o meu melhor resultado. Mas as coisas nem sempre são como a gente quer e o jeito agora é retomar com vontade e não deixar que isso aconteça novamente.

Agora estou voltando ao meu normal e pensando um pouco mais no futuro, porque se eu for pensar no hoje, vou enlouquecer. Estou tentando refazer as amizades que eu perdi e voltando aos objetivos que eu tinha de abrir um negócio. Em sociedade com a minha irmã, estou abrindo uma lojinha, o que está me dando fôlego e ânimo para enxergar um pouco à frente. Espero que esse investimento pessoal, profissional, financeiro e de estudos seja recompensado e que eu possa finalmente trabalhar em algo de que goste e que me dê satisfação.

Eu vejo a maioria das empresas, em especial, a que eu trabalho, cometendo erros na parte administrativa e pretendo não fazer o mesmo. Para isso, a faculdade ajuda muito, ampliando nossa visão, mostrando que não é só abrir um negócio e sair ganhando dinheiro, que é necessário planejamento e acompanhamento.

Enfim, daquela menina que entrou na faculdade pensando que era apenas se formar, ter uma profissão, ficar rica e ir gastar em Las Vegas, até a pessoa que pensa em trabalhar com o que gosta, não exclusivamente pelo dinheiro, foi uma trajetória só possível com o conhecimento adquirido na faculdade.

4.4. A história de Lucas

Eu me chamo Lucas, tenho vinte anos, moro na cidade de Jarinu e estudei praticamente a minha vida inteira numa escola só, com exceção do maternal, que foi em uma

escolinha especializada nisso. Eu sempre fui muito, muito bagunceiro, daqueles que toda semana ia parar na diretoria. Além disso, estava sempre ralado e gostava muito de esportes. Dessa época, eu me lembro bastante do parquinho e de assistir a filminhos que apresentavam as palavras de forma lúdica. Por conta disso, eu acabava tentando ler as palavras em *outdoors* ou nos muros da cidade quando andava pelas ruas.

A grande maioria dos meus amigos vem dessa época de escola, apesar de um ou outro ter ficado pelo caminho, porque nos distanciamos ou porque fomos separados pela morte, como é o caso de um deles, infelizmente.

Como estudei no Colégio Objetivo toda a educação básica, eu era figurinha carimbada lá, conhecia todo mundo e todos também sabiam quem eu era. Até porque muitos parentes meus estudaram nessa escola e um era referência para o outro, para os professores, funcionários e para os próprios alunos. Gostei de estudar lá, dos passeios que fizemos, mas acho que me faltou a experiência de mudar, de conhecer novas pessoas.

Na educação infantil, tive duas professoras e no fundamental, quatro; a de Matemática e a de Português foram as que ficaram mais na minha memória. Nesse período, elas eram como supermães para nós. Quando, na quinta série, mudou para um número maior de professores e eles não tinham como nos dar toda aquela atenção, eu acabei estranhando de início, mas depois correu tudo bem.

Eu estudava no período da manhã e ficava na escola na parte da tarde, porque tinha aula de plantão, futebol, vôlei e informática. Sempre ficava bastante gente, então, isso favoreceu a amizade entre os alunos. Na sexta série, tive um pouco mais de dificuldade e um episódio em que eu quebrei o braço, por isso foi bem marcante. Tive até que passar por uma cirurgia, mas no fim deu tudo certo.

As dificuldades acompanharam-me durante a sétima e a oitava séries, mas no nono ano eu já estava bem acostumado com o sistema da escola, sabendo como que eu tinha que estudar, dependendo daquilo que o professor pedia.

Essas dificuldades eram acentuadas porque eu era um pouco vagabundo para estudar, mas não chegaram a me prejudicar. Eu era aluno de tirar nota cinco, seis, dificilmente ficava para recuperação e nunca precisei repetir o ano. Tinha muita facilidade em geografia, sendo um dos melhores da sala, mas em português eu sempre fui muito mal, com dificuldade para entender as explicações da professora. Já com a matemática eu era bom, até fazia conta “de cabeça”. Além disso, o filho da professora – que era bem boazinha comigo – era meu amigo e me ajudava bastante. Nas aulas de física, se eu gostasse do assunto, também me saía bem.

Quando começou o Ensino Médio, aconteceu a mesma coisa que havia ocorrido na quinta série, com a mudança de todos os professores praticamente. E como eu estava acostumado a “empurrar com a barriga”, o primeiro ano foi um dos mais difíceis, mas depois eu me acostumei.

Nessa época, eu já namorava, mas não costumava sair muito, mesmo com os amigos, porque em Jarinu não tinha nada para o lazer. Além disso, como eu morava no sítio, dependia da mãe de um para levar, da mãe de outro para ir buscar e isso era bem ruim.

O segundo ano do Ensino Médio foi bem neutro, com retomada de assuntos do primeiro e algum aprofundamento. No terceiro, muita revisão e os preparativos para a formatura, com venda de coisas para juntar dinheiro. Foi então que eu percebi o quanto me dava bem com isso porque eu gostava de vender.

Nesse ano, eu integrava um grupo de quatro amigos que, quando aprontava alguma, socorria-se no pai de um deles, que era advogado e ia até a escola para nos defender. Eu era o vendedor do grupo, estava sempre tentando vender alguma coisa – bicicleta, celular que eu trazia de fora –, conversando para tentar convencer ou contornar uma situação. Acredito que pelo fato de meus pais terem uma loja de materiais de construção e eu sempre trabalhar lá nas minhas férias, desde os doze, treze anos, isso influenciou.

No começo, eu apenas ajudava na limpeza, depois eu buscava os materiais que me pediam. Até que fui pegando gosto pelo trabalho e acabei indo para o balcão para vender também. Isso acontecia durante as férias, apenas meio período, por determinação do meu pai, que não queria me sobrecarregar.

Nos períodos de aula, eu estudava na parte da manhã e, à tarde, eu dormia, frequentava a academia, aproveitava ao máximo. Foi um tempo em que eu fiz todo tipo de besteira que um garoto pode fazer enquanto está na escola, porque eu sabia que quando fizesse 18 anos, eu passaria a trabalhar o dia inteiro, o ano inteiro, sem férias, por se tratar de um negócio familiar.

Então veio a formatura, que foi bem legal, e os colegas falavam muito sobre faculdade, mas eu não tinha essa pretensão, apesar de já termos prestado alguns vestibulares como *trainee* desde o segundo ano. Até que chegou o momento de prestar o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), e como todo mundo ia fazer, eu também resolvi fazer. Na verdade, acho que eu não queria sair de casa, apesar de a ideia de independência ser bem atrativa.

Meu pai achava que eu deveria fazer Marketing e Propaganda, porque eu sou bem criativo, tenho facilidade em fazer brincadeira, inventar coisas, nomes, fazer trocadilho. E eu até preferia ter feito Marketing ou Publicidade, só que eu vim para Administração porque eu sabia que abordava um pouco de tudo. Mas eu já me senti meio triste várias vezes por estar nesse curso, porque eu vou sair formado Administrador, mas sem ser *expert* em nada. É como o exemplo do pato, que faz um pouco de tudo, anda, nada e voa, só que não faz nada muito bem; não nada direito, anda todo torto e voa só um pouco.

Então, penso que eu tenho que acabar essa faculdade e me especializar em Marketing ou mesmo em Contabilidade, em que me saí muito bem nas primeiras provas. Nesse sentido a Administração foi uma boa opção, porque até as aulas me ajudam muito na escolha de uma especialização, como é o caso das aulas de marketing, em que o professor nos estimula a observar os vários pontos de vista para a resolução de um problema que, se eu não estivesse estudando, jamais iria pensar que seria desse modo.

Na minha família, só meu pai tem nível superior. Ele é formado em Educação Física. Sempre morou no sítio e nunca foi ganancioso, mas sabia que o dinheiro é necessário, por isso era um comerciante informal desde os tempos da faculdade. Lecionou por alguns anos, mas já tinha aberto a loja em sociedade com um tio dele, apenas três anos mais velho que ele, que acabou rendendo mais que as aulas.

Por esse motivo e pelo contato com os filhos desse meu tio avô, o Guima, de 24 anos e o Gael, de 30, que foram meus companheiros desde sempre e me influenciaram muito, eu achava que poderia fazer como eles, prestar atenção e aprender com a vida. Mas hoje em dia, todo mundo fala que é preciso fazer um curso de nível superior. O professor Juca, de Gestão de Pessoas, diz que quando você vai disputar uma vaga de emprego, se há duas pessoas no páreo e uma delas tem diploma, a que não tem está praticamente descartada.

Claro que não é apenas ter um diploma, é preciso levar a sério o curso que escolheu, porque senão você pode até colocar a vida das pessoas em risco. Por exemplo, uma pessoa que decide cursar Engenharia e não se dedica, ou uma enfermeira mal formada, com apenas um errinho, uma ou várias vidas podem ser perdidas. Na Administração, o foco maior é o financeiro, mas tem que saber negociar, tratar com as pessoas.

No curso, a disciplina de Pesquisa Operacional (P.O) foi a que eu senti mais dificuldade. Todo mundo dizia que era muito difícil e realmente é difícil, só que o professor Kiuchi, o japonês, é muito bom e isso ajudou bastante. Ele disse que se viéssemos a todas as aulas, prestássemos atenção, podíamos contar com ele. E foi assim, quando fazíamos trabalho,

por exemplo, e tínhamos dúvida, ele ajudava. PO é uma disciplina que não tem como colar, ou você entende ou não entende. Na verdade, eu também estudei muito, porque eu sabia que se eu reprovasse, ia ficar com remorso e não iria entender a matéria seguinte.

Às vezes, a pressão também atrapalha um pouco, mas no geral lido bem com isso, diferente de certas pessoas que nem dormem direito, têm dor de barriga ou até vomitam sob situações de estresse. Acho que o fato de correr de moto desde os doze anos me ajudou a trabalhar essa questão da pressão, porque eu sabia como fazer, mas se eu fizesse errado, dava errado e pronto. Acho que não sentia tanta pressão assim, porque eu aprendi a cair, a levantar e a me planejar também. Por exemplo, se eu tinha uma competição de 15 minutos, eu tinha que organizar meu tempo para correr, atacar mais no começo e ficar sossegado no final, de acordo com meu treinamento. E na Administração também é assim, até tivemos uma matéria com o nome de Planejamento Estratégico.

E planejamento é bom para tudo. A grade das disciplinas é importante para isso. Tem que cursar aquela disciplina, cursa e pronto, não adianta ficar deixando para depois. Eu geralmente olho a matéria que vou cursar e já venho animado para começar. Gosto de qualquer coisa que envolva marketing, propaganda ou gestão de pessoas, mas com contabilidade eu tive um pouco de dificuldade no começo, durante uns 2 meses. Acho que por nunca ter visto nada do tipo na escola, eu cheguei aqui sem nenhuma noção.

Penso que a escola tinha que nos dar uma base disso ou, se eu tivesse ficado uns dois anos trabalhando, quem sabe já tivesse entrado em contato o DRE ativo, passivo, essas coisas. Débito e crédito eu tinha uma pequena noção, por causa do uso do cartão do banco e só. Eu acho que foi no primeiro semestre que eu tive mais dificuldade. Até tirei nota dez na N2, mas porque eu acabei gostando e entendendo a matéria e reconhecendo onde eu poderia utilizar aquele conhecimento no meu trabalho. Já na matéria de Probabilidade, que é muito legal, eu tirei uma nota super boa logo de início, fiz o trabalho e praticamente já tinha passado.

Para ir bem nas matérias, eu estudo muito nos finais de semana, principalmente aquilo que eu estou com mais dificuldade. No caso da disciplina de Contabilidade, por exemplo, que vai acrescentando mais informações a cada semana, eu procuro não faltar para não perder o passo a passo das atividades e praticar bastante, para melhorar o máximo possível.

Mesmo no meu trabalho, eu anoto no celular tudo o que eu acho que está errado e que dá para melhorar. Como eu trabalho no balcão e também no escritório, com meu pai, fico atento aos detalhes e depois fazemos reuniões para eu expor os problemas e juntos procurarmos uma solução. É bem simples, pego uma cartolina, coloco todos os tópicos lá,

explico para o meu pai e para o meu tio-avô e como eles têm vinte e poucos anos de experiência no negócio, juntamos a técnica com a prática e chegamos num consenso. Percebi que essas reuniões têm feito muita diferença.

Depois é conversar com o pessoal mais simples que trabalha junto com a gente, como o motorista, o ajudante, que são meio cabeças-dura. Tem que ter muito jeito para falar com eles e não mandar recado, porque senão acaba não chegando ao ouvido de todos o comando inicial e dá confusão. Mas estou sempre disponível para tirar qualquer dúvida.

Meu pai fica mais no escritório, cuidando do financeiro, de compras, da parte mais burocrática em relação aos funcionários e meu tio-avô é responsável pelo trabalho externo, o serviço de terraplanagem. Ele é muito sociável e tem mais intimidade com os funcionários. Comigo eles têm o pé atrás, porque acham que eu fico anotando as coisas para prejudicá-los, quando na verdade a intenção é a de melhorar para a empresa como um todo. Por isso, acho que eu tenho que me comportar de um jeito diferente.

Um dia desses, por exemplo, estávamos com um problema no horário da saída, porque alguns funcionários estavam saindo mais cedo e os que ficam até o horário correto, que é 17h, reclamaram. Lá fui eu observar e anotar a que horas cada um estava indo embora. No dia seguinte, só faltou eu ser linchado. Eu tento fazer a coisa certa, mas às vezes acabando errando no modo de fazer e meu pai já me chamou a atenção por isso.

No mais, aprendo um monte de coisas na universidade, que acabo levando para a loja. De 100 coisas que eu apresento para o meu pai e para o meu tio-avô, umas 40 eles concordam em aplicar, 15 eles descartam de cara pela experiência que eles já têm com a loja e as outras eles vão me enrolando. Às vezes, eu fico meio bravo, porque em muitas coisas que eles não querem mudar, parece que é apenas por medo.

Acho que eu tenho que planejar um pouco melhor e ser menos afobado ao apresentar minhas ideias, para obter melhores resultados no trabalho. Eu tenho a fala rápida e sou um pouco de tomar decisões precipitadas. Por isso, tenho lido livros, como por exemplo, o "Como fazer amigos e influenciar pessoas", que eu gostei muito para aplicar na parte de vendas.

Até fico no pé do pessoal que trabalha comigo, porque têm umas estratégias que são muito interessantes, que atuam no nível subconsciente. Por exemplo, a pessoa que vai até a loja e pergunta sobre uma furadeira é porque ela está interessada em comprar. Então, eu tenho que fazer toda aquela propaganda e fazer o possível para que ela a leve na hora, e não esperar ela dizer que vai pensar e que volta depois. Nós dizemos isso quando vamos numa loja de

shopping e sabemos que geralmente não voltamos, por isso, tento orientar os funcionários nesse sentido.

Também em relação ao momento do primeiro contato com o cliente, atender com um sorriso, cumprimentar dando um bom dia ou boa tarde. Como diz no livro, nunca vamos ter uma segunda chance de causar uma primeira boa impressão. Em Jarinu tem gente de toda classe social e apesar de ter algumas propriedades e uma loja grande, bastante conhecida, eu procuro não ostentar nada, mesmo nas redes sociais, onde isso acontece muito. Tenho procurado ser gentil e educado com todo mundo também, independentemente de ser meu amigo e isso tem influenciado até meu pai e meu tio-avô, que são mais estourados. Tenho aprendido todas essas coisas em livros como esse que eu citei. Acho até que eles poderiam ser utilizados no curso.

Desde a época da escola, acho que eu nunca comprei um livro de “literatura” para ler, do tipo Harry Potter, porque eu acho que não vai me acrescentar muita coisa além da melhora na leitura. Por isso, todo livro que eu li foi nesse estilo prescritivo. O primeiro se chamava “Por que eu não tive essa ideia antes?”, que eu encontrei em uma estante giratória em uma papelaria. Olhei a sinopse, o sumário, vi que apresentava tópicos bem definidos e gostei.

Desde então, todos os livros que li são desse tipo. Além de ensinarem alguma coisa prática, também servem para aumentar o meu vocabulário, que eu acho que é meio limitado até pelo fato de eu morar em uma cidade pequena. Só sei que meu círculo de amigos também era restrito e entrar na faculdade ajudou muito nessas questões. Apesar de que na faculdade também conheci pessoas bem diferentes de mim, pessoas que usam droga, que fazem coisas erradas.

O máximo que eu faço é ir ao barzinho na hora do intervalo e vejo que tem gente que fica lá, nem volta mais para a aula. Acho que eu não me sentiria bem fazendo isso. Mesmo que eu esteja um pouco alterado por ter bebido alguma coisa, eu volto, nem que seja para apenas escutar o que o professor fala. Outro dia conheci um garoto que fica muito em um dos bares próximos da faculdade. Ele está no curso desde 2015 e concluiu um semestre e meio ou dois e diz que não sabe se o curso que está fazendo é o que ele quer. Não sei se é o caso dele, mas como é o meu pai que paga a minha faculdade, eu já teria parado ou mudado de curso, ao invés de ficar gastando tempo e dinheiro. Mas “cada cabeça, uma sentença”, apesar de eu achar que falta a ele um pouco de maturidade.

No meu caso, a faculdade já agregou muitos valores. Acho que uns 80% do que eu aprendo aqui eu já aplico na loja, para a melhoria dos negócios. E esse conhecimento é

essencial para saber lidar com as questões do dia a dia, em que as pessoas tentam nos enrolar. É preciso ser muito esperto, porque, pelo fato de eu ser novo, tem sempre alguém querendo tirar vantagem, passar a perna. Não sou mercenário, mas gosto muito de ganhar dinheiro, então eu fico atento, mudando uma coisa aqui, outra ali, sempre com o intuito de expor melhor um produto para venda, promover uma marca, melhorar um atendimento.

Apesar de estarmos entre os dois, três maiores comércios do tipo na cidade e há vinte anos no mercado, não acho que devemos deixar as coisas fluírem por si mesmas. As estratégias estão aí para serem usadas. O investimento em propaganda é um item que meu pai e meu tio-avô acham desnecessário, apesar de já terem aceitado muitas das minhas ideias. Então, inventei um adesivinho para colocar em carro, mas eles também não gostaram. Até um funcionário da loja deu um palpite para melhorá-lo e com essa adaptação, providenciei o adesivo e coloquei no caminhão da loja. Também elaborei uma página no Instagram e outra no Facebook para divulgação dos nossos itens. São pequenos projetos, mas que estão ajudando nas vendas.

Uma coisa interessante de se pontuar é que, quando eu entrei na faculdade, ninguém mais na loja tinha curso superior. Mas dentro desse período, os meninos que trabalham comigo também se interessaram em estudar e estão gostando. E eu mais ainda, tanto por ter sido uma boa influência nesse sentido, quanto por ser positivo para a loja ter funcionários melhor preparados.

Enfim, como eu sabia com o que ia trabalhar, achei que o curso de Administração se encaixava melhor. Não fiz como a minha prima, que escolheu Química, em uma faculdade particular em Campinas e quando estava no último ano desistiu, porque não era o que ela queria.

Nesse sentido, Administração é um bom curso, porque você pode aplicar em praticamente qualquer área que for trabalhar, é um diferencial. Não quero que pareça que eu estou diminuindo a importância do curso, mas eu o encaro como uma excelente base para dar sequência depois com uma especialização. Eu mesmo já estou pensando em uma pós-graduação, mas antes disso talvez eu faça um intercâmbio, para estudar um pouco de inglês e sair um pouco da barra da saia da minha família.

Meu pai já disse que prefere que eu viaje por um mês pela Europa com um amigo, por exemplo, ao invés de fazer um intercâmbio, porque as experiências que aconteceram com pessoas da família que foram para o exterior, para estudar ou trabalhar, não foram muito positivas. Então, eles têm um pouco de receio. Um tio meu por parte de mãe foi para os

Estados Unidos para jogar bola, mas como ao chegar lá não cumpriram com o prometido, ele acabou indo trabalhar em uma fazenda de produção de maçãs. Depois, meu primo, filho desse tio, foi para um intercâmbio e ficou na casa de um amigo do meu tio, mas como os costumes religiosos eram diferentes, também acabou não sendo muito agradável. Então, como temos condições financeiras, é possível que eu acabe fazendo apenas a viagem mesmo. Mas ainda não descartei a possibilidade do intercâmbio. E como vou me formar com 21 anos – idade em que muita gente ainda nem entrou na faculdade – e tenho a liberdade de me afastar do trabalho sem correr o risco de ser demitido, isso facilita muito as coisas.

4.5. A história de Nina

Meu nome é Nina e tenho 19 anos. Nasci no Mato Grosso do Sul, na cidade de Paranaíba. Meus pais vieram pra cá quando eu tinha um ano de idade, porque meu pai veio trabalhar em uma fábrica de móveis, onde está até hoje.

A princípio, moramos no Jardim Virgínia e frequentei uma escola municipal de educação infantil, onde aprendi o alfabeto, mas não tive muito contato com as palavras, propriamente dito. Eu não gostava dali, porque havia um menino que vivia me provocando.

Depois, nos mudamos para o Jardim Santa Filomena e eu fui para outra escola, também pública, de educação infantil, chamada Philomena Salvia Zupardo, onde o ensino era similar. O que mais me recordo desses dois momentos é que brincávamos bastante, era praticamente um passatempo.

Na 1ª série do Ensino Fundamental, eu fui para a Escola Araújo Campos, onde voltei a ter alguns problemas. Eu odiava a minha professora, Dona Maricota, de quem me lembro até hoje. Eu tinha dificuldade para ler e medo dela também, porque se você errasse na leitura, ela batia com a régua na lousa, com toda força, e eu ficava espantada. Então, para amenizar a situação, minha mãe tentava me ajudar com a leitura e outras tarefas que levava para casa, mas não houve jeito e terminei a 1ª série sem saber ler, falando errado, um horror.

Foi na 2ª série, com a Dona Flor, que aprendi a ler corretamente. E, depois disso, estava sempre tentando agradar, levando uma cartinha para ela, um livro para a filha dela, coisas do tipo. Porém, outra dificuldade que tive de enfrentar foi com a matemática. Ao longo de todas as séries do ensino fundamental carreguei esse bloqueio em relação aos números. Era boa em matérias que favorecessem o pensamento no sentido da interpretação dos textos,

mas pensamento lógico matemático não era comigo. Passava de ano com nota seis, em média; via de regra, um seis arredondado de um cinco vírgula oito, cinco vírgula nove.

E essa dificuldade, como era de se esperar, foi comigo para o ensino médio, que cursei na Escola Prof^a Oscarlina de Araújo Oliveira. Nas matérias que envolviam cálculos, como física e matemática, eu sofri bastante e passava raspando, mas havia outras em que eu nunca tinha dificuldade. As disciplinas em que eu mais me destacava eram Sociologia e Filosofia, que estimulavam o pensamento crítico, o debate de ideias, nas quais o professor dava liberdade para a gente se expressar. Já com a Matemática não havia essa possibilidade para mim, porque eu não tinha o raciocínio lógico e rápido para dizer se um exercício estava certo ou não, ou ainda para entender, para resolver as questões. Então, eu só acompanhava o que os colegas falavam.

Quando concluí o Ensino Médio, meus pais estavam separados e, para que eu continuasse tendo direito à pensão, era necessário estar estudando. Pensei em fazer um curso técnico, mas a orientação do advogado foi de que precisaria ser um curso universitário. Então, pensei em prestar o vestibular para Engenharia Florestal, no entanto, não havia esse curso aqui. Sendo assim, ponderei a respeito da minha dificuldade com as matérias que envolvem cálculo e acabei optando pelo curso de Administração, que não precisa ir para fora para estudar. Mas eu achava que Administração era completamente diferente do que estou vendo, não sabia que tinha tanto cálculo, matemática, contabilidade. Para mim, Administração tratava de Recursos Humanos (RH), de como lidar com pessoas, como planejar, como executar, entender conceitos de marketing, de pesquisa operacional.

O 1º semestre foi meio estranho, porque você estava acostumado com o ritmo do ensino médio e, de repente, não precisa mais pedir ao professor para sair da sala, pode usar o celular e entende que está no mundo real, que tem que caminhar com suas próprias pernas. Mas acho que demorei um pouco para entender, de verdade, o que isso significa e começar, de fato, a ter responsabilidade em relação aos estudos, perceber que eu pago caro para o professor estar aqui me explicando, enquanto eu perco tempo mexendo no celular. Então, digamos que o meu rendimento tenha sido, assim, apenas satisfatório.

Com isso, no 2º semestre, as coisas começaram a ficar mais complicadas, com inclusão das matérias mais específicas aplicadas à administração, que abordavam assuntos que eu não fazia nem ideia. O fato é que eu levava na brincadeira, não estudava, fazia trabalho correndo. Acho que quando você ingressa na faculdade, você tem uma ideia de que tudo é festa, mas, cedo ou tarde, vai ver que não é bem assim.

Hoje, eu falo para todo mundo que isso é ilusão, que faculdade não é só barzinho, que além de pagar caro, se você não obtiver o mínimo esperado para ir para o próximo semestre, você vai “pegar DP”, ou seja, vai pagar de novo, cursar mais uma vez a disciplina e se não se recuperar, você não se forma.

Pena que só fui entender isso, praticamente, no 5º semestre, quando cursava a disciplina de Pesquisa Operacional (PO). Saí-me bem na primeira prova (N1), mas na segunda (N2), por influência de amigos, eu desandei, não tinha nem a matéria no caderno. Por conta disso, não atingi uma nota boa; na N2, nem atingi nota, e eu não podia pegar DP, porque eu já tinha três no currículo.

Para me recuperar, estudei com um amigo que me ensinou toda a matéria da N2. Fiz a prova, pensei ter atingido o número exato de pontos que eu precisava, mas marquei errado uma das alternativas e acabei não passando. Saí chorando, mas sabia a matéria; então, resolvi fazer a prova de suficiência – que é paga – e, além de tudo, tinha que passar.

Foi aí que eu comecei a ter consciência de onde eu estava, do que eu precisava fazer e de que a influência dos amigos não estava sendo boa. Não comentei com ninguém, fiz a prova e passei. Fiquei superfeliz e, daí em diante, passei a ter responsabilidade em relação ao meu desempenho. Minhas notas começaram a subir e atingir uma média acima de seis, coisa que não havia acontecido em outros semestres, mas ainda assim estou carregando uma DP em Empreendedorismo, que eu não consegui fechar por pouco.

É uma disciplina fundamental para a Administração, porque aborda muitos assuntos, tanto que eu e outros colegas conversamos com o coordenador do curso para que ela fosse cumprida presencialmente. No entanto, estamos cumprindo através do Programa de Ensino à Distância (PED) mesmo, só que acabamos ficando muito presos aos textos e respondendo a questões objetivas. As outras DPs que carrego são em disciplinas que envolvem cálculos diretamente: Macroeconomia – na qual não alcancei nem dois pontos na média – e Probabilidade, que comecei a entender e consegui uma boa nota na N1.

Hoje, eu vejo que o desempenho do aluno depende mais dele mesmo do que dos professores, mas antes eu bem que gostava de culpá-los pelas minhas notas. Eu dizia que eu não entendia a matéria, que eles não explicavam bem. No entanto, temos ótimos professores no curso, só que, às vezes, não sabemos tirar proveito disso, então, o resultado são as notas baixas.

Mas têm coisas que fogem do nosso alcance, como a Contabilidade, por exemplo, que, no primeiro módulo, foi fácil, foi sensacional, porque apresentava o Passivo, o Ativo e pronto,

sem acrescentar ou tirar o Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), descontar juros, encargos etc. Tratava do básico, para termos uma visão geral sobre contabilidade.

Já na sequência das matérias sobre esse assunto, eu não tive essa clareza em relação aos conteúdos. Talvez por falta de atenção, por não perguntar o porquê disso ou daquilo, mas o fato é que não consegui ligar os pontos entre um assunto do quinto semestre cuja continuação é no sétimo semestre.

Eu tentava estudar pelas folhas de atividade, percebia que já tinha visto aquilo antes, mas não me lembrava de como fazer. Não sei se me faltava a prática, a teoria ou um método de estudo, mas o fato é que eu não tinha clareza de como estudar matérias como essa, que envolviam cálculo.

No caso específico da Contabilidade, você tem contato com a disciplina no início do curso, tem uma pausa e mais para frente você a retoma quando entra a parte de Custos ou Administração de Recursos Financeiros. No entanto, você já não se lembra mais de onde colocar os encargos, o passivo, o ativo, o circulante. É uma situação em que você fica perdido.

Era comum eu levar comigo o caderno do primeiro bimestre para eu procurar onde é que se colocava cada coisa. Realmente, é muito tempo entre um segmento e outro da contabilidade; às vezes, um intervalo de dois semestres. Como é que você não vai esquecer? Tive dificuldade para acompanhar essa continuidade de raciocínio e passei nas provas porque estudei muito para não pegar mais DP, mas confesso que não foi um conhecimento adquirido, foi apenas visto.

É claro que se eu tivesse me empenhado mais também ajudaria. A perda de tempo com o celular, que é um grande problema na vida de qualquer pessoa, pode ter feito com que eu perdesse uma explicação, por exemplo, comprometendo o entendimento do todo, apesar de haver a possibilidade de pedir uma nova explicação à professora. Mas, não era o meu caso, porque eu tinha vergonha, até mesmo medo de perguntar, de questionar o porquê de um resultado. Tudo isso foram coisas que atrapalharam bastante o meu desenvolvimento.

Quando eu ingressei no curso de Administração, achei que eu ia me formar, trabalhar e ficar rica, mas depois vi que não é assim tão simples, apesar de o curso ter agregado muito valor à minha vida pessoal e profissional. Ampliei minha visão a respeito de várias coisas e tive que desenvolver responsabilidade, pois cheguei à universidade sem nenhum preparo. E, além disso, é necessário que você esteja bem, mental e fisicamente, para conseguir concluir essa etapa.

Já houve um momento em que eu quis desistir da faculdade, porque eu estava trabalhando em um lugar que me pagava menos de um salário mínimo e eu não conseguia arrumar outro emprego, apesar de estar cursando Administração. Pensei em fazer outra coisa, investir em outra formação que talvez fosse melhor assimilada pelo mercado. Foi então que recebi uma proposta de emprego na área e mudei meu pensamento. Agora, estou quase me formando e percebo o quanto o fato de estar na faculdade tem sido importante nessa trajetória.

Além disso, para você se destacar no mundo profissional, também é necessário ter boa comunicação, saber se portar, se vestir para o trabalho etc., e isso também foi, de certa forma, abordado pelo curso, através da apresentação de trabalhos, por exemplo.

Enfim, apesar de a faculdade só ter agregado valor à minha vida, hoje, entendo que é com um passo de cada vez que vamos conquistando o nosso lugar. Não é porque eu estou fazendo faculdade que eu vou passar a ganhar cinco mil reais por mês de uma hora para outra ou vou ter um grande cargo.

No momento, eu trabalho na recepção de uma empresa atendendo aos clientes, mas também auxilio o financeiro, imprimo boleto, emito nota fiscal, essas coisas. Acho que essas atividades não estão agregando muito na minha formação, pois eu gostaria de estar inserida em um ambiente onde pudesse colocar em prática o que tenho aprendido na faculdade. Mas onde estou não tenho espaço nem para opinar, quanto mais aplicar o que eu estou vendo no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), como benefícios, carreiras e salários.

Para isso, precisaria estar em uma grande empresa, no entanto, elas pedem experiência mesmo para quem quer fazer um estágio, coisas absurdas até, requisitos que você não consegue atender, que estão fora da sua realidade. Mas, quando eu estiver com o diploma na mão, quem sabe as coisas não sejam mais fáceis ou, pelo menos, menos difíceis.

CAPÍTULO 5 – OS SENTIDOS ATRIBUÍDOS PELOS ALUNOS DE ADMINISTRAÇÃO SOBRE A FORMAÇÃO E AS DISCIPLINAS DA ÁREA CONTÁBIL

Neste capítulo apresentamos uma análise da trajetória de vida dos sujeitos a partir dos três eixos já mencionados no capítulo 3: 1) Como os sujeitos participantes narram e significam suas trajetórias escolares na educação básica; 2) A escolha e a significação do curso de administração; e, 3) Os sentidos da disciplina de Contabilidade para a formação desses sujeitos.

5.1. Lembranças das trajetórias escolares referentes à educação básica

A partir das histórias de vida narradas pelos sujeitos da pesquisa, procuraremos compreender como eles foram se constituindo nas mais diversas relações que estabeleceram com muitos outros que com eles conviveram: a família, os amigos, os professores, etc. Diante disso, nesse primeiro eixo será analisado o depoimento que os sujeitos deram sobre as escolas pelas quais passaram, suas lembranças da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio, quais foram os episódios que marcaram essa trajetória nas relações familiares, com os colegas de sala, as relações com os professores, disciplinas estudadas e fatos ou acontecimentos pessoais que rememoram positivamente ou negativamente na sua vida.

Já na primeira entrevista narrativa realizada, foi possível perceber que Nina não tem boas recordações de sua trajetória nas escolas públicas que frequentou. Para ela, muitas vezes, esse espaço representou apenas um passatempo e não um lugar de aprendizado. Nesse contexto, Nina vê o espaço escolar – ao menos o início de sua vida escolar - como não significativo para sua trajetória de vida, uma vez que ele se constitui em um lugar de repressão, de medo. São essas lembranças que Nina traz e que a partir do momento que narra vai (re)significando.

*Primeiro eu morei no Jardim Virgínia, eu ia pra escola, mas eu num gostava, porque tinha um menino que ficava me provocando, eu não gostava, mas era bem simples, não tinha muito contato assim com as palavras, era mais você aprender o alfabeto, essas coisas, depois a gente mudou pro Santa Filomena aí eu comecei ir pra escola, acho que, chamada Filomena Zupardo, lá também a gente só brincava, aprendia os alfabetos, não tinha nada acho que de mais, ficava só passando o tempo. Depois eu fui pro Araújo, acho que na 1ª série, **eu odiava a minha professora**, ela chamava Maricota, eu lembro dela até hoje, eu tinha dificuldade, pra ler. D.Maricota era o nome dela, eu não sei até hoje, a imagem dela na minha cabeça, e aí eu tinha dificuldade de ler e eu tinha medo dela também, porque se **você errava ela batia a régua com tudo na lousa** e eu ficava assim [cara de espantada] Aí minha mãe para amenizar ela tentava ajudar eu ler, essas coisas, mas não ia, passei a 1ª série sem saber ler.*

(EN 18/10/2017)

Elise, assim como Nina, também narra acontecimentos que não a agradaram durante seus primeiros contatos com o espaço escolar.

*[...] Daí eu comecei a ter aula **com uma professora que eu amava** mas eu não vou lembrar o nome dela. Solange! É verdade. Solange. Que me amava e eu amava ela, assim, eu adorava ela. Quando eu fui pra primeira série, minha mãe me segurou um ano para eu entrar com sete anos, eu odiei. Eu entrei em transe nesse ano, e continuei estudando no Chico Peroba, a professora chamava Cláudia. E tinha um menino na minha sala que ele era deficiente. Ele tinha um tipo de, eu não sei qual que era a deficiência dele, mas ele tinha tipo um atraso mental. E a professora ela **achava que eu era uma aluna muito inteligente e que eu poderia auxiliar ele na escola**. Porque na época não tinham duas professoras, era somente uma. **E eu não conseguia**. Então na escola, por pressão eu lia, escrevia, tudo mais. Quando eu chegava em casa eu não conseguia. Aí a minha mãe começou a falar, o que que tava acontecendo, e eu não queria contar, não queria contar, até que um dia eu acordei e falei pra minha mãe que não ia mais pra escola. Minha mãe falou, "não tem que ir", eu falei "não vou, não vou não vou" e comecei a fingir que estava doente pra ir pra casa da minha vó. Um dia eu tinha dor de cabeça, um dia eu tinha ânsia de vômito, outro dia eu tinha tudo o que você pudesse imaginar pra não ir pra escola. Aí minha mãe foi na escola, conversou com a professora e perguntou o que estava acontecendo, porque eu não tinha contado pra ela que eu sentava em dupla com esse menino.*

*E ela foi descobrindo aos poucos que era isso que estava me atrapalhando, porque ela achava que eu conseguia, e eu não conseguia. **Eu tinha medo da professora**. Aí eu fui, minha mãe pedia pra separar e tal, eu voltei pra escola, aí sim eu aprendi a ler em casa e tudo mais(...)*

(EN 28/09/2017)

Tanto na fala de Nina quanto de Elise percebemos que os enunciados apontam para uma escola mais conservadora, onde não havia uma interação positiva entre professor e aluno. As relações parecem causar um impacto negativo nos sujeitos, que não se sentem inseridos nesse lugar. Os enunciados “eu odiava a minha professora”, “você errava ela batia a régua com tudo na lousa”, “eu tinha medo da professora” revelam que a relação eu-outro encontrava-se bastante prejudicada quando esses sujeitos estavam no início da escolarização,

o que trouxe marcas significativas para o prosseguimento nos estudos. De acordo com Bakhtin (1981, p.112), nesse contexto é conveniente lembrar que:

“[...] a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médiado grupo social ao qual pertence o locutor. *A palavra dirige-se a um interlocutor*: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.). Não pode haver interlocutor abstrato; não teríamos linguagem comum com tal interlocutor, nem no sentido próprio nem no figurado.”

Dessa forma, esses sujeitos representam a voz de muitos outros alunos que vivenciaram situações semelhantes na Educação Básica e que, porventura, deixaram marcas no decorrer de suas trajetórias escolares. Exemplo disso é que tais enunciados revelam a voz de um grupo social mais amplo, uma vez que as relações entre professor-aluno foram marcadas historicamente pelo processo de transmissão de conhecimento e autoridade. Nessas condições está Luce que também traz lembranças de um início escolar mais tranquilo e com uma relação social satisfatória com os colegas de classe, mas os episódios com uma professora autoritária também deixaram marcas, influenciando, inclusive, sua aprendizagem.

*Eu lembro que a minha mãe falava que ia nas minhas reuniões, teve uma época que ela até desistiu de ir porque a professora nem falava de mim, era só dos alunos bagunceiros, as minhas notas sempre foram boas, **sempre tive muitos amigos dentro da escola, sempre fui popularzinha**. [...] eu lembro de **uma professora muito ruim que tinha na 4ª série**, ela era muito chata, não deixava nem a gente brincar, na quarta série a gente queria brincar, não queria estudar, ela era muito ruim com a gente, **mas a minha professora da 3ª série era legal, ela era um amorzinho de pessoa**.*

(...) Até a 3ª série, tive a sorte de ter professoras que eram uns amores(...)
(EN 28/11/2017)

Nas entrevistas das depoentes Nina, Elise e Luce, compreendemos como os sujeitos se identificam com os professores que marcaram positivamente ou negativamente suas vidas. O papel do professor é central, portanto, para que os sujeitos tenham boas lembranças escolares e assumam esse espaço como um lugar de aprendizado e de sucesso.

Por exemplo, percebemos que Elise assume uma responsabilidade involuntária em ajudar um aluno com deficiência durante as aulas, o que nos permite pensar que essa postura adotada pela professora seria um motivo de contribuição e valorização, por ela ser considerada uma aluna inteligente. Porém, essa conduta da professora foi uma experiência

que marcou negativamente sua experiência, causando-lhe dores físicas, desmotivação para frequentar a escola, o que dificultou o seu desenvolvimento no processo de ensino-aprendizagem.

Nina também rememora o episódio de uma professora muito brava que também interferiu na sua escolarização. Ela relata o medo de aprender diante da postura hostil da professora em bater a régua na lousa com força, o que a deixava assustada. E Luce também recorda de uma professora considerada “ruim” por não permitir brincadeiras. No entanto, constatamos nos depoimentos como a relação de afeto com os docentes também significam e agem positivamente no aprendizado dos alunos.

Devemos ressaltar que a boa interação com outros no contexto escolar é fator primordial para a construção das relações sociais e como essas relações com o outro podem ser positivas nas relações de ensino e aprendizagem. O processo de alteridade, baseado no diálogo e na interação é um fator determinante para o desenvolvimento do sujeito e essas relações são consideradas ações constitutivas de sua formação que se dão na e pela linguagem, uma vez que

Na realidade, toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor” (BAKHTIN, 1981, p.113).

Lucas, diferentemente das outras depoentes, relata a experiência de ter frequentado uma mesma escola particular no curso da sua escolarização.

Bom, eu estudei praticamente a minha vida inteira numa escola só. Só no infantil eu tinha, acho que estudei um ano numa escolinha que tinha lá, que era infantil mesmo e depois eu mudei. Ah! eu sempre fui muito, muito bagunceiro, muito. Tipo, toda semana ia pra diretoria, não nessa época né, mas desde pequeno. Sempre tava ralado, sempre gostei de esporte, tudo, e desde pequenininho eu fui fazendo essas coisas. Ah, eu lembro mais da parte do parquinho só, aprender a escrever sabe, chegar em casa e ver que eu tava melhorando na escrita, na leitura, assistia um pouco de filme lendo as palavras, passando a cidade e eu tentando ler um outdoor, um muro, ah pouca coisa. E deixa eu ver o que mais. Ah, a grande maioria dos meus amigos que eu tinha de pequeno eu ainda conheço, tenho bastante amizade, um ou outro só que saiu. Até tinha uma menininho que era muito o meu amigo até fazer uns 3 anos que ele morreu até, que ele tinha uma doença só que ele saiu de Jarinú então nunca mais fiquei sabendo de nada, e fazia também uns 3 anos que não via ele.

E tem um outro também que estudou comigo desde uns 3 anos até hoje tenho amizade com ele, saio com ele tudo, é, deixa eu ver o que mais, lembro assim dos passeios também que criança fica esperando né, pra fazer, e, ah eu sempre tive também minha família, foi muito grande em Jarinú, então eu sempre tive primo mais velho na escola, primo mais velho não sei o que, então toda sala que eu entrava alguém já tinha dado aula pro meu primo, minha prima e tal, e que nem, eu estudei a minha vida inteira no Objetivo, lá de Jarinú, e acho que até hoje acho que fui eu com um menino da minha sala a gente foi os mais velhos da escola inteira, porque eu entrei quando abriu a escola e saí com 17, então eu tô mais tempo praticamente que todo mundo lá. De aluno com certeza e mesmo professor né.

Então isso é bom e é ruim. É bom que eu conhecia a escola na palma da minha mão, fazia mais ou menos o que eu queria, conhecia tudo, só que eu não tive essa experiência de mudar, entendeu? De sair da escola, conhecer gente nova, então eu sempre tava um pouco no comando da sala. Eu sempre fui um pouco assim.

(EN 28/02/2018)

No seu discurso, percebe-se que Lucas demonstra postura de líder; seu poder aquisitivo financeiro permitiu que sempre estudasse numa mesma instituição de ensino, com os mesmos colegas de sala e ainda contava com outros familiares que lá também estudavam ou já tinham estudado. Isso lhe dava a sensação de segurança, pois os laços de amizade que foram estabelecidos com os colegas e professores deixavam-no confortável diante das situações que ocorriam. Lucas parece ser até hoje um aluno ativo, sociável que não traz episódios negativos da sua escolarização. Desse modo, devemos considerar o contexto em que a enunciação é construída.

A situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação (BAKHTIN, 1981, p.113).

Podemos notar essa diferença de contextos quando Lola expressa-se:

Antes dos 7 eu não lembro mesmo, então quando eu vim para Itatiba, eu sempre tive muita dificuldade, medo, sei lá, de mudar de escola porque eu sou tímida demais para pegar amizades, depois que eu pego amizade não, mas até o momento de pegar amizade, ter aquele contato então eu sempre tive muito medo de mudar de escola.

Então quando eu vim aqui pra Itatiba eu tive um pouco de receio de ir para outra escola porque quando eu comecei na 1ª série eu tive dificuldade pra fazer amizade, então, mas quando eu tava com as ..., quando eu ingressei na 1ª série a professora era muito legal, sabe, então acabou me enturmado com o pessoal que já tinha meio semestre aí juntos né...(rs)

Sempre gostei muito de estudar, é, então eu sempre ficava sentada na frente tentando, é, prestar atenção, apesar de matemática, conta, ser mais fácil pra mim do que teoria, mas eu sempre tive muita amizade com quem sentava ali, nunca fui muito de ficar conversando com a sala inteira, então eu tinha mais amizade ali...

Até a 7ª série eu fui bem assim, sempre mais com aquele grupinho de amizade e tal.

Na 8ª série é que eu fiz amizade com uma menina que já era bem assim que fazia amizade com todo mundo, conversava com todo mundo, então eu comecei me enturmar

mais com a minha sala, no último ano (rs) da escola, quando eu comecei né, então eu tinha bastante amizade, conversava com todo mundo da minha sala, comecei conhecer a sala inteira, então achei que foi o momento que eu tive mais amizade na minha vida, eu nunca fui de muita amizade, conversar com muita gente não..., minhas amizades se contam nos dedos, falo “oi” para as outras, mas conversar, amizade mesmo... sou mais na minha (rs).

*Quando eu fui pro.., (ensino médio) todos os meus amigos né, que eu tinha feito foram pra uma escola e eu fui pra outra, eu tive muito medo também de ir pra outra, porque **era um mundo diferente, pessoas que eu nunca vi na vida** e eu não vou conseguir, né, tinha muito medo.*

(EN 27/09/2017)

Nesse excerto de dados da depoente percebe-se um elevado grau de timidez que a impede de ter uma boa relação social com seus colegas. Considerando que a interação social é muito significativa no processo de aprendizagem e constituição das relações sociais do indivíduo, dentro do contexto escolar que a criança vai conviver com pessoas diferentes das quais ela está acostumada e estabelecer relações e no depoimento de Lola, notamos a importância da alteridade na educação, por meio da relação pedagógica. Notadamente no ensino básico, ela está presente na relação afetiva entre professor e aluno.

Na sua narrativa, emerge a importância da contribuição da professora na mediação para que ocorresse sua socialização na escola. As mudanças que acontecem na sua vida são marcadas sempre como episódios difíceis, e a depoente manifesta medo e insegurança em todas as fases da sua escolarização e também na sua vida pessoal. Por meio dessas situações, é necessário um olhar prestimoso dos professores e dos pais em relação ao comportamento social das crianças, suas interações, a formação de sua autoestima e a construção da sua identidade. Diante dessas considerações, observamos que

a formação assemelha-se a um processo de socialização, no decurso do qual os contextos familiares, escolares e profissionais constituem lugares de regulação de processos específicos que se enredam uns nos outros, dando uma forma original a cada história de vida. Na família de origem, na escola, no seio dos grupos profissionais, as relações marcantes, que ficam na memória, são dominadas por uma bipolaridade de rejeição e de adesão (DOMINICÉ, 2010, p. 94).

Dessa forma, os excertos das entrevistas permitem-nos fazer uma reflexão sobre a importância da escola na constituição do sujeito, os acontecimentos vividos, como as lembranças dos conflitos que marcam positivamente ou negativamente a vida deles.

O professor não é apenas um transmissor de conhecimentos. A condução do processo de ensino e a reflexão contínua da sua prática pedagógica é essencial para exercer uma

influência positiva sobre os alunos, facilitar a produção de conhecimentos e incitá-los a pensar e posicionar-se criticamente nas relações que estabelecem com o mundo.

Esses alunos representam muitos outros que chegam aos bancos escolares universitários e, em conformidade com os estudos de Vigotski (2010), é no espaço escolar que a criança forma seus conceitos científicos, o que propicia o desenvolvimento intelectual. Em conformidade com as considerações do autor, podemos citar Bakhtin (2010), que também considera que o sujeito constitui-se num processo social, histórico e cultural e suas vozes trazem em seus enunciados, as vozes sociais do outro, de seu grupo social.

Percebemos nos discursos dos depoentes outras vozes, vozes que suscitam a objetivação e subjetivação dos sujeitos, como eles se apropriam das vozes e das relações para sua constituição. De acordo com Bakhtin (2010, p. 320),

A visão do mundo, a tendência, o ponto de vista, a opinião tem sempre sua expressão verbal. E isso que constitui o discurso do outro (de uma forma pessoal ou impessoal), e esse discurso não pode deixar de repercutir no enunciado. O enunciado está voltado não só para o seu objeto, mas também para o discurso do outro acerca desse objeto. A mais leve alusão ao enunciado do outro confere à fala um aspecto dialógico que nenhum tema constituído puramente pelo objeto poderia conferir-lhe. A relação com a palavra do outro difere radicalmente por princípio da relação com o objeto, mas sempre acompanha esta última. Repetimos, o enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal e não pode ser separado dos elos anteriores que o determinam, por fora e por dentro, e provocam nele reações-respostas imediatas e uma ressonância dialógica.

Constatamos como é significativa a relação professor/ aluno/ família e como esta relação influencia no processo de ensino.

Abaixo, no excerto de Luce, notamos que suas relações familiares marcam esse período escolar, superado pela depoente, pois demonstra tranquilidade no decorrer do ensino fundamental e médio, embora aponte que sempre teve dificuldade na matemática, e isso vem à tona quando ingressa no ensino superior.

[...] Da minha família, minha infância foi um pouquinho traumatizada, que meu pai sempre teve problemas com a minha mãe, então sempre foi uma briga constante, mas era mais final de semana, durante a semana as coisas andavam bem, o problema dele era sábado e domingo.

(...) mas na escola eu sempre fui uma aluna exemplar, só mudei na faculdade (rs).

(...) Eu sempre tive bastante facilidade com o português e nunca fui muito boa em matemática, em matéria de exatas eu nunca fui muito boa.

(EN 28/11/2017)

Já o depoente Lucas não relata dificuldades, fato este que atribui ao estudo sempre na mesma escola. Para ele, alguns professores lecionaram no ensino fundamental e médio, o que lhe transmitia segurança. Lucas teve a oportunidade de estudar em um colégio que oferecia plantão de disciplinas no contraturno e ainda disponibilidades para participar de atividades extras.

[...]Eu estudava no período da manhã e ficava na escola na parte da tarde, porque tinha aula de plantão, futebol, vôlei e informática.

(EN 28/02/2018)

O depoimento de Lola converge com o de Lucas, com o diferencial de que ela estudou em escola pública. A depoente não relata ter dificuldade na aprendizagem. Quando ingressou no ensino médio em uma escola particular, por meio de uma bolsa de estudos, menciona a diferença de estudar em colégio particular e em um público.

[...] Desde que eu comecei da 1ª série até minha 8ª série eu estudei em escola pública, quando eu fui para o ensino médio eu ganhei bolsa, eu jogava handebol e essa escola patrocinava o handebol, então ela deu bolsa para as atletas, eu ganhei bolsa e fui estudar na escola particular, e é bem diferente, eu achei o ensino bem diferente(...)e isso acho que até me ajudou quando eu estava no ensino médio, e me ajudou até na hora que eu ingressei na faculdade.

(EN 27/09/2017)

Elise relata a comparação das suas notas com as de seu irmão mais velho quando entrou no ensino médio, fato este que lhe causava angústia, pois se considerava uma aluna de baixo rendimento. Neste caso em específico, notamos que a relação parental trouxe insegurança e desmotivação na aprendizagem.

*[...] Eu lembro que **eu era uma péssima aluna**, eu não gostava de estudar e o que mais eu odiava na minha escola era que a comparação era muito grande, porque o meu aluno era aluno de dez. Quando eu entrei no colegial, a gente tinha diferença de três anos, o meu irmão tinha acabado de entrar na Unicamp, então qualquer prova, qualquer atividade que eu fazia eu escutava que meu irmão era excelente aluno, nossa mas o seu irmão tirava dez, nossa seu irmão não sei o que(...).*

(EN 28/09/2017)

Nina aponta a dificuldade na disciplina de Matemática e argumenta que não tinha a possibilidade de contestar os conceitos, como fazia em outras disciplinas. Essa situação a levou a considerar a Matemática difícil, uma vez que entendia ter dificuldade de apropriar-se dos conceitos dessa disciplina.

[...] O ensino médio(...) a Matemática também foi sofrida, **Matemática e Física**, Matemática e Física [repete] que envolviam os cálculos, eu sofri também, passava ralando, sempre passei né (rs), ralando, mas assim, **em outras matérias** eu nunca tinha dificuldade, eu acho que, as matérias que eu mais me destacava era a Sociologia e Filosofia, que levavam ao pensamento crítico, a gente debatia, tinha o professor que dava liberdade da gente debater, expressar nossa opinião com assuntos diversos, e na matemática não havia possibilidade de ficar debatendo **porque eu não tinha o raciocínio lógico** e rápido para falar, aí, esse raciocínio não tá certo, então eu ia no povo falando não tá certo, ah (...) então não tá certo, mas matemática, desde que eu ingressei na escola tive grande dificuldade de resolver, de entender, e de qualquer coisa assim...[silêncio].

(EN 18/10/2017)

A convergência nos relatos dos depoentes leva-nos a refletir que a formação, constituição do sujeito é atravessada por todos os que fizeram parte das suas vivências/relações, o que nos leva a acreditar que

[...] as relações mencionadas nos relatos das biografias educativas são as que ajudam o adulto a moldar a sua vida. A formação é feita da presença de outrem, daqueles de que foi preciso distanciarmo-nos, dos que acompanharam os momentos-charneira, dos que ajudam a descobrir o que é importante aprendermos (DOMINICÉ, 1988, p. 60).

Dessa forma, ressaltamos que fatores como as relações familiares, a interação na sociedade, a condição econômico-financeira do sujeito estão relacionados diretamente à história de vida dos estudantes, suas crenças e percepções. Outro ponto que suscitou inquietação por meio das narrativas dos depoentes foi a relação mediadora entre professor e aluno, quando Nina relata que na Matemática “**eu não tinha o raciocínio lógico**”, ou quando Elise afirma “**eu era uma péssima aluna**”. Devemos considerar qual foi o movimento de aproximação das depoentes com as disciplinas envolvidas, a relação estabelecida entre o professor e aluno e qual foi a qualidade de mediação dessa relação.

Considerando que toda relação é mediada, a relação do professor com o objeto de conhecimento, as formas que o professor busca para que o aluno se aproprie dos conteúdos são elementos que impactam diretamente na vida e no aprendizado desses sujeitos. Na seção a seguir, discutiremos um pouco mais sobre como essas relações podem influenciar na escolha dos sujeitos e, ao mesmo tempo, ressignificar.

5.2. A escolha e os sentidos de realizar um curso de Administração

O ingresso no Ensino Superior para o jovem que acaba de sair do Ensino Médio é sempre uma decisão complexa. Sabemos que vários fatores podem influenciar essa escolha: seu histórico educacional, sua condição social e econômica, sua realização pessoal e a afinidade com a área em que o curso se encontra.

Fazer a escolha assertiva diante da diversidade de instituições de ensino e cursos oferecidos torna-se uma tarefa árdua, exige autoconhecimento e o aluno precisa se interar melhor acerca dos cursos, colher informações sobre a grade, disciplinas e área de atuação, para que futuramente não haja frustração e desmotivação após o ingresso. Assim, percebemos que essa escolha depende de muitos fatores.

Compreendemos nas narrativas dos depoentes que participaram dessa pesquisa, além das marcas das trajetórias escolares da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e Ensino Médio, diferentes processos que os levaram a escolha do curso de Administração.

Constatamos também, por meio das entrevistas, pontos de convergências e divergências que motivaram os alunos a escolherem o curso de Administração. O ponto convergente para todos os estudantes foi a variedade de oportunidades que essa formação oferece no mercado de trabalho.

Entre os pontos que divergem entre os depoentes sobre a escolha do curso, verificamos a ansiedade que os alunos trazem em relação ao seu futuro profissional, diante da contingência, da situação financeira e do desejo em ingressar em grandes empresas, pois acreditam que esse é um caminho em que vão conseguir realizar suas pretensões econômicas, abrir seu próprio negócio, ou ainda, muitos o fazem porque acreditam ser um curso genérico e que, por isso, a formação garante mais possibilidades de emprego.

Nas vozes dos estudantes revelam-se também os sentidos inicialmente atribuídos ao curso. Nelas, inicialmente, sobrepõem-se a ideologia do signo linguístico “Administração” e os sentidos que essa palavra foi adquirindo no processo histórico e cultural. “Administração é para quem não sabe o que quer fazer”. Esse enunciado, materializado na voz dos alunos, implica toda uma ideologia de que o curso é “fácil” e de que “qualquer pessoa faz Administração”. Pela materialidade linguística, eles revelam que as pessoas pensam que o curso de Administração possui um conteúdo de fácil aprendizado, ante a multiplicidade de disciplinas e chegam até a acreditar nisso. No entanto, ao entrarem na universidade e participarem do processo formativo, os estudantes parecem perceber a complexidade do

curso, mediante as vivências e experiências no meio acadêmico vividas. Desse modo, todo esse discurso inicial é (re)significado.

Com a depoente Luce, a escolha do curso ocorreu de acordo com a sua expectativa profissional, e sua personalidade já mostra uma autoconfiança em tomar decisões, pois a partir das experiências vividas ela ressignifica suas decisões, conforme narra:

*Eu acho que desde pequena eu nunca gostei que mandassem muito em mim, quando eu saí do ensino médio eu fui fazer Letras, eu fiz durante um ano e meio na UniX, mas aí eu comecei a fazer estágio no Colégio X, a minha irmã é formada em Pedagogia e trabalhava lá então arrumou um estágio para mim. Eu olhava aquelas crianças correndo, a loucura de ser professor e pensei que não queria aquilo para a minha vida, pois fazendo **Letras** eu ia ser professora ou tradutora e eu não queria isso.*

Daí eu sempre tive vontade de ter um negócio meu, sempre quis alguma coisa para mim, foi aí que eu parti para Administração, então tranquei a faculdade de Letras, porque quando comecei fazer o estágio eu vi que aquilo não era para mim, aquilo não era legal e eu não queria, então eu desisti e fiquei um semestre parada

*(...) Passei em **Arquitetura**, só que eu pensei e vi que não queria fazer Arquitetura, então parti para **Administração**, pois era um curso que eu podia partir para frente depois que eu decidisse o que eu queria, se era para trabalhar numa empresa grande ou montar alguma coisa para mim, foi assim que escolhi o curso de **Administração**.*

Quando eu fui aprovada eu comecei a trabalhar na empresa que eu to hoje, faz três anos que eu to lá, quando eu entrei lá eu fiquei sabendo do FIES.

Eu consegui esse emprego através de uma mãe que o filho estudava lá no Colégio X, eu conheci ela lá e ela estava precisando de um auxiliar administrativo, como eu ia começar fazer a faculdade ela me contratou. Acho que foi na primeira semana que eu precisava pagar a mensalidade da Usf, na primeira semana que eu estava trabalhando eu pedi um empréstimo (rs), falei que precisava de um empréstimo apara pagar a faculdade e ela adiantou meu salário, que eu nem tinha trabalhado ainda, nem sabia se eu ia ficar e ela já adiantou o salário.

Paguei a matrícula, na época estava R\$700,00, se eu não me engano, daí eu fiz a inscrição no FIES e consegui a bolsa para estudar na Usf, consegui 75% de bolsa e o restante eu pago, por isso que estou aqui, se fosse a questão de pagar do meu bolso ou a minha mãe pagar, sem chance.(grifo meu)

(EN 28/11/2017)

Nesse excerto da entrevista, podemos observar indícios claros dos conflitos pessoais que Luce tem em relação ao seu ingresso no campo universitário. Num primeiro momento, a sua não identificação com a escolha da primeira graduação ocorre quando ela assume um estágio remunerado na área escolhida, compreende como será a prática da profissão e percebe que não fez a escolha certa.

Num segundo momento, escolhe o curso de Arquitetura aleatoriamente e também não se identifica com o curso e opta por transferir para a Administração, pois almeja ter seu próprio negócio, uma vez que não gosta de obedecer às ordens e gosta de ter autonomia.

Também identificamos no seu relato outros motivos que a impulsionaram em mudar para o curso de Administração. Um deles foi a contingência financeira, pois teve a ajuda com o adiantamento salarial por parte do seu empregador e conseguiu um financiamento pelo FIES. Outro motivo foi a ideologia constituída acerca do curso de Administração de que é um curso fácil (por abordar várias áreas, como Recursos Humanos, Marketing, Logística entre outros, e não direcionar apenas para uma área de formação) que, posteriormente, conforme já apresentamos, fora desconstruído.

Nos discursos dos depoentes, também foi possível observarmos que existe uma interferência e uma reprodução das relações patriarcais estabelecidas dentro da família. Apesar dos diferentes contextos em que os alunos estão inseridos, percebemos como o provedor da família e responsável pelo sustento ainda estabelece regras e influencia na formação desses sujeitos. As convergências dos relatos dos sujeitos demonstram o quanto o patriarcado está presente na sociedade atual. É o caso de Lucas, que relata a influência do pai na escolha do curso, pois a família tem uma empresa de terraplenagem e materiais para construção e a gestão é feita por seus membros.

*(...) eu estudava meio dia na parte da manhã, de tarde eu sempre dormia, ia pra academia **porque eu sabia que quando fizesse 18 anos**, tipo, eu não tive 1 dia de férias, eu acabei a escola de férias, e no outro dia fui trabalhar o dia inteiro então eu sabia que ia ser assim desde pequeno, então eu aproveitei o máximo, o que eu podia fazer na escola de besteira eu fiz, tudo... **eu sabia que um ano depois isso ia ter que parar**.*

*(...) **Eu não queria sair de casa, porque eu queria trabalhar na loja**, então, a loja dá dois minutos de casa, se eu tivesse que sair, “meu”, ia morar em outro lugar até por independência.*

*(...) **Meu pai sempre falou** que acha que eu devia fazer Marketing e Propaganda, que eu sou bem criativo até sabe, com brincadeira, inventar alguma coisa, nome, fazer trocadilho que encaixa, e até eu preferia até ter feito acho marketing ou publicidade, só que eu fui mais pela utilidade então eu vim pra administração, que eu sabia que encaixava um pouco de tudo.*

*(...) por exemplo, eu **tenho a liberdade de sair e voltar pro mesmo emprego** né, não é uma pessoa que vai sair do emprego e daí tem que pedir demissão e depois achar outra coisa. (grifo meu)*

(EN 28/02/2018)

Fica marcante a voz do pai na escolha do curso e nos excertos da fala do depoente. É a voz do outro que o constitui, que o leva à escolha do curso de Administração.

Lucas sempre soube que iria trabalhar no negócio da família, soube aproveitar cada momento da sua vida até o ensino médio, pois sabia que, após o término deste ciclo, teria que trabalhar no comércio da família, o que lhe causava certa segurança, pois independentemente das suas escolhas, sabia que teria condições do seu autossustento.

(...) eu já me senti meio triste umas par de vezes fazendo administração, não é falar mal do curso, esse não é o assunto, eu vou sair formado em Administração só que eu não vou ser expert em nada... é igual um pato, tipo, o pato faz um pouco de tudo, ele anda, nada e voa, só que não faz nada direito, né, não nada direito, anda tudo torto, e voa só um pouco(...)

(...) não é falar mal do curso, esse não é o assunto, eu vou sair formado em administração só que eu não vou ser expert em nada(...)(grifo meu)

(EN 28/02/2018)

Além disso, torna-se interessante quando Lucas compara o curso com um pato. Na metáfora estabelecida por ele, há enunciados que foram historicamente construídos e que ainda perpassam esse curso. Notamos, na maioria dos depoimentos, a ideologia formada acerca da graduação de Administração. Por ser um curso abrangente e seu campo de atuação ser voltado para o planejamento estratégico da empresa, é necessário que o profissional administrador seja capacitado para gerir os recursos da empresa, bem como a gestão de pessoas. Ao longo da entrevista, verificamos que a fala de Lucas sobre a percepção do curso vai sendo (re)significada. Nos excertos abaixo, por exemplo, ele manifesta gostar do curso e tem a intenção de poder aplicar a experiência acadêmica na vida profissional, revelando ter feito a melhor escolha profissional.

(...) com a faculdade eu percebi, que uns 80% do que eu aprendo aqui eu consigo usar lá, ou então tenho facilidade de entender porque já vi na loja.

(...) eu amo administração, até falo que a longo prazo acho que foi a melhor decisão que eu fiz, de fazer a faculdade.(grifo meu)

(EN 28/02/2018)

Constatamos ainda que a escolha pelo curso de Administração feita por Lucas, apesar dos conflitos iniciais, foi essencial para que ele tivesse base para seu sonhado direcionamento na área de Marketing, pois o conhecimento adquirido no curso proporcionou-lhe maturidade profissional para entender a temática empresarial. Dessa forma, assim como Luce, ele acredita ter feito a melhor escolha.

Dessa forma, podemos considerar que Lucas foi modificando suas percepções em relação ao curso. De acordo com as palavras de Bakhtin (1981, p.131) “Uma nova significação se descobre na antiga e através da antiga, mas a fim de entrar em contradição com ela e de reconstruí-la”, ou seja, as indecisões e contradições que inicialmente notamos na fala de Lucas e dos demais depoentes acerca da escolha do curso foram sendo ressignificadas no relato das narrativas e trajetórias durante o curso.

Lucas não deixa dúvidas na sua narrativa da assertividade na escolha do curso, considerando que ele já tem um emprego por se tratar de um negócio familiar. Ele demonstra

que consegue aplicar os saberes adquiridos no seu cotidiano e deixa explícita sua satisfação pessoal em poder opinar e colocar em prática seu aprendizado no negócio da família.

No excerto abaixo, sobre a narrativa de Nina, pudemos identificar que a Administração não foi bem uma escolha, mas uma contingência, pois devido à separação dos pais, ela tinha o direito de ter a sua educação formal paga por ele, o que era uma exigência da mãe. Num primeiro momento, Nina pensou em fazer um curso técnico; no entanto, por questões legais havia a exigência de ser um curso superior.

*Então, eu escolhi, na verdade, foi meio que pressão [gesticulando “aspas” com as mãos] Porque meus pais são separados e **ai pra ganhar uma pensão eu tinha que fazer uma faculdade**, ai que não é tanto uma pensão, que toda pensão que eu ganho é pra faculdade, ai, tá bom, vou fazer uma faculdade, **pensei em fazer um técnico, só que o advogado falou que não podia**, tinha que ser uma universidade, ai eu pensei em fazer Engenharia Florestal, só que não tinha aqui, ai eu pensei nas matérias de cálculo, que eu não sou muito boa, eu falei, não, vou olhar o curso de Administração que tem na cidade, não precisa ir pra fora, ai eu fiz o vestibular, passei.*

(EN 18/10/2017)

Notamos no depoimento de Nina que, apesar da escolha de um curso superior ter sido influenciada pelos seus familiares em razão de uma pensão alimentícia, ela acredita que essa troca financeira pelo estudo proporcionará benefícios para sua formação.

*(...) fiz a inscrição, e eu achava que era completamente diferente do que to vendo, eu achava que Administração só tinha (...) não tinha tanta matéria de cálculo, não tinha Matemática, não tinha Contabilidade, eu achava que era só Recursos Humanos (RH), que Administração era só RH que a gente ia ver só coisas sobre as pessoas, como planejar, como executar, eu achava que não tinha nada de Contabilidade, pra que eu vô aprendê se eu não quero ser contador, se eu não quero fazer isso, então acho que minha expectativa ao entrar foi completamente diferente do que está sendo desenvolvido (...) **superando minhas expectativas porque eu imaginava que não era nada disso que eu ia ver**, que ia entender o que é o conceito de Marketing, o que é Pesquisa Operacional, é tudo isso... tem várias matérias que a gente achava que nunca ia vê, que a gente estuda e a gente aprende como se faz na prática(...) assim(...).[silêncio]. (grifo meu)*

(EN 18/10/2017)

Também é oportuno ressaltar que a escolha pelo curso de Administração deu-se em razão de ela acreditar que se tratava de um curso “fácil”. Ela desconhecia a grade curricular e julgava que o curso tratava apenas de disciplinas da área de Recursos Humanos e que, por isso, identificar-se-ia mais com os assuntos.

Contudo, quando Nina vivenciou outras disciplinas a ela desconhecidas ao longo do curso, apresentou dificuldades, embora tenha procurado superá-las, tendo um novo olhar para

o curso e para as disciplinas, ressignificando inclusive o sentido que antes atribuía ao curso de Administração.

Reconhecemos a convergência nas histórias narradas - a importância do núcleo familiar. Lola também aponta esse assunto na sua fala:

*[...] eu penso muito nos meus pais também, minha família são os meus pais, eu, tenho duas irmãs, tenho minha avó por parte de mãe que mora comigo porque ela tem mal de Parkinson, então minha mãe cuida dela, ela tem lá a casinha dela mas está sempre com a gente né... Agora eu tenho meu sobrinho também que vai fazer 5 aninhos, minha família passou diversas turbulências por causa das minhas irmãs, a mais nova que só dá muito trabalho para os meus pais, então eu penso muito nos meus pais sabe, **tento ser uma filha que eles tenham orgulho**, eu sei que eles têm orgulho de pais né, tenham orgulho dos filhos serem o que for né, podem trabalhar do que for, estudar ou não estudar, sempre vão ter orgulho, mas eu fico pensando muito neles de “tipo” nossa será que é isso que eles queriam? Estão contentes com o caminho que eu estou seguindo? Com que eu estou pensando?...penso muito neles, no entanto quando eu falei que não queria mais trabalhar na multinacional eu falei: - mãe, me desculpa, porque eu sei que você gosta do meu desenvolvimento mas não é o que eu quero...*

*E ela falou: - não filha, o que eu quero é que você esteja bem. Mas eu sou sempre muito preocupada com eles, até mesmo porque as minhas irmãs não são fáceis, então eu fico pensando... então...será que eu estou agradando eles também, eu sei que **tenho que pensar em mim, mas, e eles né.***

*(...) eu tinha muita dificuldade, nossa... eu tenho que **escolher uma profissão que vai ser pro resto da minha vida** né, uma coisa que eu vou gastar aí quatro ou cinco anos da minha vida estudando, batalhando, investindo no futuro e se não for o que eu quero? Se não for o que eu gosto? Tempo jogado fora... eu pensava assim, aí eu comecei a trabalhar no clube no administrativo, faz um pouco de tudo, então não tinham muitas pessoas, era eu e uma moça só, então a gente tinha que fazer toda a parte do financeiro, recursos humanos, tudo, um pouco de cada parte.*

*(...) então eu vou fazer **Administração** porque eu gostava de algumas coisas, outras coisas não, como **Administração abrange bastante as áreas então dá pra eu me especificar, ver o que eu gosto mais né (...)**”. (grifo meu)*

(EN 27/09/2017)

Identificamos outro ponto de convergência nos depoimentos dos estudantes: como aparecem as relações familiares nas escritas biográficas, isto é, como essas relações afetam esses sujeitos. Dessa forma, concordamos com Dominicé (2010, p.88) sobre a importância das relações familiares no contexto de formação:

Aquilo em que cada um se torna é atravessado pela presença de todos aqueles de que se recorda. Na narrativa biográfica, todos que são citados fazem parte do processo de formação. Evidentemente a família é o lugar principal dessas mediações. Os pais são objetos de memórias muito vivas. Estabelece-se com cada um deles uma relação particular, que vai, por vezes, mostrar-se determinante na orientação escolar ou profissional.

O pai de Lola, por exemplo, é funcionário de uma empresa multinacional e o desejo dos pais seria que ela aspirasse a uma carreira semelhante a dele. Notamos na sua fala como fica explícito o desejo de agradar a sua família. Lola relata que tinha muita dificuldade em escolher uma profissão que seria para o resto da sua vida e tinha muita dúvida em ficar quatro ou cinco anos estudando sem ter certeza se tinha feito a escolha certa, mas começou trabalhar em um clube da cidade na área administrativa e gostou da função que desempenhava e fez a escolha do curso pelas oportunidades oferecidas nessa profissão.

Identificamos, também, que a expectativa em agradar a família parte dos princípios da depoente, ao perceber em sua irmã mais nova um comportamento que não agrada sua família, ela tenta causar um sentimento contrário nos mesmos, ou seja, o de não decepcionar os seus pais, pois os mesmos também esperam se orgulharem dela.

Diante disso, e com uma afinidade pré-estabelecida pela vivência empresarial, Lola considera o curso de Administração uma escolha assertiva.

A escolha de Elise também foi marcada pela herança patriarcal e a ideologia acerca da Administração de ser um curso fácil. No seu depoimento ela destaca como seu pai sempre foi muito presente nas atividades escolares e a ensinava fazer contas, pois almejava para a filha carreira de bancária. Fica evidente como esse desejo afeta a escolha de Elise, trazendo em determinado momento angústia por não saber se fez a escolha certa e a incerteza sobre sua profissão.

*[...] Na verdade quando eu entrei aqui todo mundo falava, nossa vai fazer Administração, **você não sabe o que você quer, vai fazer Administração né, Adm qualquer um faz, qualquer um passa(...).***

*Mas eu pensei, sei lá né, tem muitas áreas, e quando eu entrei para fazer o curso de Administração eu pus uma meta na minha cabeça, **eu queria trabalhar em um banco, porque meu pai era bancário e o sonho do meu pai era me ver num banco**, já que não tinha dado certo o que eu queria, que era Gastronomia, Nutrição essa parte, por que não realizar o sonho dele que era me ver lá no banco, então vou fazer.*

Eu comecei, ele gostava muito de conta, ele me ensinou fazer conta, tanto assim que minha mãe é professora de Inglês e eu odeio Inglês.

***Eu me via estudando Administração para virar bancária**, hoje em dia eu não me vejo mais, **mas já entrei na fase depressiva que eu não vou realizar o sonho dele**. Não sei é por estar aqui e eu estou em outro meio, eu estou no financeiro agora e eu almejei muito estar no financeiro, porque eu tinha falado para a minha chefe, se fosse para eu ficar na área que eu estava eu não sei se iria ficar aqui muito tempo, hoje em dia eu gosto muito mais do que eu faço.*

*Eu não desisti, mas a meta de entrar no banco tem uma idade, na faculdade você tem fazer um estágio no banco, e será que hoje em dia eu consigo, fico me perguntando, **e eu vim fazer faculdade de Administração pensando nisso, em realizar um sonho dele**, eu conseguiria entrar no banco, fazer uma carreira e tudo mais, mas hoje eu gosto do que eu faço, muito, mas eu não sei se quero continuar seguindo isso depois que terminar meu curso, eu estou quase terminando e já pensei, será que eu vou tentar um banco, será que*

*eu vou fazer outra faculdade, será que eu vou fazer outra especialização em alguma outra área, já pensei em fazer Contábeis quando eu terminar, **mas não sei se é isso que eu quero.***

(EN 28/09/2017)

No caso de Elise, essa influência deu-se pelo lado paterno. Mesmo após o falecimento do pai, antes do seu ingresso num curso superior, a depoente opta em escolher o curso de Administração, pois ele oferece base para a formação bancária almejada pelo pai, o que traz um certo conflito na escolha de Elise, pois até o momento em que concedeu esse depoimento deixou claro que ainda tinha dúvidas na escolha da formação.

Por meio das nossas análises, observamos que, apesar das dificuldades encontradas durante a trajetória acadêmica e dos diferentes fatores e as indecisões encontradas sobre a escolha do curso, todos os depoentes acreditam terem feito a melhor escolha.

Já Luce relata abaixo a sua experiência positiva na escolha do curso, como seu perfil, seu autoconhecimento e as experiências vivenciadas que a levaram a uma reflexão de como aplicar a vida acadêmica na vida profissional e ter êxito nos seus objetivos.

*[...] Em sociedade com a minha irmã, **estou abrindo uma lojinha**, o que está me dando fôlego e ânimo para enxergar um pouco à frente. Espero que esse investimento pessoal, profissional, **financeiro e de estudos seja recompensado e que eu possa finalmente trabalhar em algo de que goste e que me dê satisfação.***

*Eu vejo a maioria das empresas, em especial, a que eu trabalho, cometendo erros na parte administrativa e pretendo não fazer o mesmo. Para isso, a faculdade ajuda muito, ampliando nossa visão, mostrando que não é só abrir um negócio e sair ganhando dinheiro, que é necessário **planejamento e acompanhamento.***

*Enfim, daquela menina que entrou na faculdade pensando que era apenas se formar, ter uma profissão, ficar rica e ir gastar em Las Vegas, até a pessoa que pensa em trabalhar com o que gosta, não exclusivamente pelo dinheiro, **foi uma trajetória só possível com o conhecimento adquirido na faculdade.***

(EN 28/11/2017)

Constatamos no relato de Nina a importância dos ganhos indiretos alcançados com o fato de estar cursando uma universidade, como boa comunicação, vestimenta adequada, postura. Notamos também que, mesmo diante dos conflitos iniciais em relação à escolha do curso, os momentos críticos da sua trajetória foram superados, experimentando um crescimento pessoal surpreendente e compreendendo que com cautela terá êxito profissional.

*[...] Bom, **quando eu ingressei, eu achei que eu ia me formar, ia ser rica e é isso.** Mas eu acho que **o curso que agregou tanto na minha vida pessoal como profissional, tive grandes visões, esclarecimentos, tive que criar responsabilidades.** (...) **you cannot finish a university if you do not have a good mental, physically, I think you cannot conclude what you are doing, I already have***

momento de querer desistir da faculdade, porquê eu tava fazendo e aí eu trabalhava num lugar que me pagava menos de um salário mínimo, eu não conseguia arrumar outro emprego e falava em desistir, eu vou fazer outra coisa, eu vou investir o dinheiro em outra coisa pra ver se eu consigo, acho que , me elevar como profissional, coisa que não tava acontecendo na época.

*(...) eu recebi uma proposta de emprego, eu mudei, e agora quase me formando eu também vejo isso, que você não tem tanto reconhecimento pelo que você faz, **faculdade já virou um item fundamental do currículo**, infelizmente, e pra você se destacar no mundo profissional tem que ter mais do que uma faculdade, **você tem que ter uma boa comunicação, você tem que saber se portar, coisa que a faculdade em si ela mostra pra gente também, através de trabalhos, como apresentar trabalhos, como se portar, como se vestir no trabalho**, talvez apresentações que você possa fazer na empresa, acho que faculdade ela vem como um agregador na minha vida, enfim, por mais que eu queira ou tenha tentado desistir, ela veio agregando valores em cima, é uma passo de cada vez que a gente tem que dar, e que também comecei ter esse entendimento, não é porque eu to fazendo faculdade que eu vou ganhar 5 mil reais, que eu vou ter um grande cargo, que não é isso, acho que as coisas vêm com o tempo assim muito bem.[silêncio](grifo meu)*

(EN 18/10/2017)

Lola relata a satisfação de ter cursado o ensino superior, a satisfação pessoal e perante a sua família em cursar o curso superior e a importância que o conhecimento traz para a vida como um todo.

*[...] **Vai chegando a reta final e eu não vejo a hora de acabar logo o curso**, porque eu vejo assim, na minha família não tem ninguém que fez curso superior, nem por parte de mãe, nem por parte de pai, a minha irmã já começou fazer, sei lá, duas ou três faculdades e já parou, então eu sou a única ali que tá batalhando e continuando até o final.*

*Eu queria que esse semestre fosse o último, **não porque eu não quero mais estudar, mas porque eu quero ter a satisfação de pegar o meu diploma e falar**: - Eu me formei, eu lutei para isso, **eu investi pra isso né e não foi um dinheiro que eu joguei fora, não foi um tempo que eu joguei fora, eu lutei esses quatro anos da minha vida e eu conquistei o meu objetivo que era eu me formar.***

Eu quero continuar outros cursos, não quero ficar parada, porque o conhecimento é a única coisa que você vai ter pro resto da sua vida, você pode ter tudo hoje e amanhã você não ter nada material, mas o seu conhecimento você vai levar pra vida toda.

(EN 27/09/2017)

Notamos nas histórias narradas como as relações familiares estão muito presentes na constituição da identidade desses sujeitos. Sendo assim, não podemos afirmar quais os meios pelos quais essa influência ocorre, mas se percebe a importância da função parental em relação à escola e à sociedade em geral. Nas narrativas dos sujeitos verificam-se as tensões, as influências familiares, mas também o distanciamento. Dominicé (2010, p. 88), ao discutir sobre esse processo de autonomização face à família, afirma:

O adulto constrói-se com base no material relacional familiar que herda. Esse o molda, mas frequentemente ele afasta-se, por meio de rupturas sucessivas, antes de reconhecer de que maneira continuaria seu tributário. Cada relato biográfico conta esse mesmo processo de uma maneira diferente. As histórias de vida nunca são as mesmas. Aliás, o que o adulto diz da sua história não é idêntico em todos os momentos da sua vida, nem em todos os contextos nos quais se exprime.

Observamos as convergências no posicionamento dos sujeitos dessa investigação e que todos iniciaram com conflitos pessoais sobre a escolha do curso, e isso vai se modificando de acordo com as experiências vivenciadas na trajetória. Também observamos sempre a influência de um outro: de um outro sujeito, de um outro discurso que vai ressignificando as escolhas e as trajetórias dos depoentes. Conforme observamos no capítulo 2, a imagem dialógica da linguagem presente no conjunto dos trabalhos de Bakhtin situa o “outro” como um ser imprescindível à comunicação, na medida em que ele se forma na interação e pela interação, implicando sempre a participação de pelo menos duas identidades: “a voz do eu e a voz do outro”.

Tudo o que me diz respeito, a começar por meu nome, e que penetra em minha consciência, vem-me do mundo exterior, da boca dos outros (da mãe, etc.), e me é dado com a entonação, com o tom emotivo dos valores deles (BAKHTIN, 2009, p. 378).

Após refletirmos sobre as escolhas e os sentidos que os estudantes atribuem ao curso de Administração, passamos a analisar o terceiro eixo, centrado em quais os sentidos que esses mesmos estudantes atribuem à disciplina de Contabilidade.

5.3. Os sentidos da disciplina de Contabilidade para a formação desses sujeitos

A universidade, como espaço de produção de conhecimento, vem enfrentando nos últimos anos um novo contexto de formação, a velocidade tecnológica, a crescente competitividade, mudanças sociais e econômicas.

O mercado de trabalho busca cada vez mais profissionais qualificados e com experiência na área de formação e isso reflete diretamente nas instituições de ensino, pois além de formar esse profissional academicamente também necessita torná-lo habilitado e com

experiência. Dessa forma, as universidades precisam repensar como a instituição vai organizar seus recursos com um custo mais acessível para o estudante e para a instituição, renovar as práticas docentes para atender a essa nova conjuntura e, ao mesmo tempo, oferecer um curso de qualidade para garantir uma formação que prepare o aluno para o mercado de trabalho e sua integração na sociedade.

Primeiramente, é preciso considerar que, durante as entrevistas, os sujeitos, além de manifestarem conflitos em relação à escolha do curso, como já apontamos, também narram as dificuldades encontradas nas disciplinas que cursaram relacionadas à área de Contabilidade. O discurso adotado pelos alunos, na maioria das vezes, associa a dificuldade em aprender à disciplina de Contabilidade à Matemática.

No entanto, a Ciência Contábil é denominada uma Ciência Social e a sua relevância é de diagnosticar e prognosticar a situação econômica, patrimonial e financeira da empresa. O registro intrincado de números e tabelas faz-se necessário para fazer interpretações de cenários específicos, como a representação do Balanço Patrimonial e de outros demonstrativos da área contábil. As operações matemáticas utilizadas na Contabilidade são simples, mas é preciso ter o raciocínio lógico para desenvolver técnicas que possam aprimorar o conhecimento dos conceitos entrelaçados, como tempo e a experiência.

Constatamos que os alunos têm conhecimento dos conceitos matemáticos, mas é necessário revisá-los para que haja compreensão dos conteúdos abordados nas disciplinas, e o método da memorização ainda é muito presente na voz dos alunos, dadas as trajetórias escolares pelas quais passaram.

Presencia-se também, na disciplina de Contabilidade, a dificuldade dos alunos em se apropriarem dos conceitos que requerem nomes específicos e procedimentos representacionais, uma vez que, dificilmente antes do ingresso no curso, o aluno tem a vivência prática desse conhecimento teórico.

Cabe ressaltar ainda que a Contabilidade faz-se presente desde o início do curso, no primeiro semestre, sendo utilizada nas disciplinas subsequentes relacionadas à área financeira mas que, para esse grupo, não eram oferecidas de forma sequencial. Existia uma lacuna entre os semestres. A disciplina de Contabilidade era oferecida no primeiro semestre e somente no quarto semestre era oferecida a próxima disciplina da área contábil, ocasionando uma quebra de sequência no processo de ensino aprendizagem, pois era preciso retomar os conceitos da Contabilidade para que o aluno pudesse compreender os conceitos da próxima disciplina da área.

No que diz respeito ao aprendizado de Contabilidade, o depoente Lucas narra:

[...] Então eu acho que, duas coisas, ou a escola tinha que ter isso, um pouco pra aprender pelo menos uma base, ou então, até voltando um pouco, eu saí da escola com 17 entrei com 18, na verdade eu teria que fazer esse curso, mas eu acho que seria bom se eu saísse com 17 e ficasse uns 2, 3 anos trabalhando ou vendo um pouco o mundo pra pegar um pouco de noção do mundo pra vim aqui. Então, por exemplo, eu cheguei aqui, aí no seu caso, de Contabilidade, o DRE⁸, Ativo, Passivo, não tinha noção nenhuma, que nem, por exemplo, débito, crédito eu só tinha noção do cartão, que débito entrava na hora e cartão era parcelado, só... Era a única coisa que eu sabia. E como inverte um pouco também eu tinha dificuldade, sabe, tinha que ficar, meu, débito, aí vai joga pra cá... Então isso me atrapalhou um pouco, mas depois...

(...) Não tinha nenhuma noção. Então isso foi até, como posso falar, foi uma boa dificuldade, eu acho que no primeiro semestre foi o que mais tive dificuldade. Só que até teve, acho que na N2, até que eu tirei 10. Então eu gostei sabe, depois que eu entendi, é que de conta eu sou assim, ou eu vou legal me interessando, ou vou até certo todo e gosto ou então, eu tenho isso na minha cabeça também, coisas que eu vou usar e coisas que eu não vou. (grifo meu)

(EN 28/02/2018)

Notamos na sua fala que ele afirma não conhecer os conceitos da Contabilidade em sua teoria, porém, percebemos que na sua rotina empresarial ele faz uso da mesma, sem se dar conta da presença da contabilidade em sua vivência profissional. Ele acredita que a falta de conhecimento do assunto, antes do ingresso no curso superior de Administração, causa certa dificuldade no início do curso, mas que, logo em seguida, pôde compreender melhor os conceitos, conseguindo atingir nota máxima na segunda avaliação bimestral. Isso o deixou bastante satisfeito, pois considera a Contabilidade importante para a sua carreira profissional, uma vez que ele já faz e continuará fazendo uso dela como fator de sucesso não só para os negócios da sua família como para a sua experiência.

Nina discorre sobre a mudança que o ensino universitário proporciona, e como se faz necessário adquirir novos hábitos de estudo para se apropriar dos conceitos que circulam nessa e em outras disciplinas.

[...] Bom, no 1º semestre foi meio estranho porque você tava acostumado com o ritmo do ensino médio, então a gente fala, aí então não precisa pedir pro professor pra sair, pra ir no banheiro, pra atender o celular.

Aqui se vê que você tá no mundo real, que você tem caminhar com suas próprias pernas, que eu tive, acho, que essa visão, um pouco tarde de como funciona a faculdade, que acho eu tive o estalo assim que um pouco tarde, que eu tenho que começar a criar responsabilidade de estudar, caminhar, coisa que eu achava que, ai, o professor tá ali na frente e eu não to nem ali...

Não é assim, eu pago, eu pago caro pro professor tá aqui me explicando e eu to aqui mexendo no celular, então, assim, no primeiro contato eu tive um rendimento, vamos

⁸ Demonstração do Resultado do Exercício: Relatório que demonstra de forma resumida as operações realizadas pela empresa. Nele são confrontadas as contas de receitas, despesas, investimentos, custos e provisões apurados, evidenciando a formação do resultado líquido da organização.

dizer, satisfatório no 1º semestre, mas, depois as matérias começaram a evoluir, aí teve matérias mais específicas(...)”.

*(...) Eu estudava pelas folhas que eram dadas da atividade, mas eu só batia o olho e falava, ai ai, já estudei [rs]. **“Tipo” eu não pegava o exercício, tentava refazer, eu batia o olho, calculava lá os negócios e eu achava que eu tinha estudado, que não é bem assim, você tem que fazer, tem que refazer, tem que ver da onde você tirou o resultado, e eu não tinha essa prática de fazer essas coisas, eu não tinha essa noção de como estudar a Contabilidade.***

Como se estuda Contabilidade? Eu pego a folha e fico folheando? Eu vejo um conceito lá e eu acho que eu to sabendo da matéria inteira?

Eu não tinha tanta clareza assim de estudos, pra Contabilidade, nem Matemática, nem afins de matemática, de matéria de cálculo. (grifo meu)

(EN 18/10/2017)

No relato de Nina, constatamos como a integração do aluno no ambiente universitário é importante. Quando ela cita o fato *“tive essa visão, um pouco tarde de como funciona a faculdade”*, fica evidente que ela não soube como conduzir essa nova etapa da sua trajetória. A “liberdade” de poder entrar e sair das aulas, o uso do celular de forma inadequada, fomentaram a reprovação em várias disciplinas e isso foi notado pela depoente quando suas finanças foram atingidas.

Notamos também a dificuldade que Nina tem em estudar porque nunca lhe foi cobrado o hábito de estudo. Assim como outros depoentes desse estudo, ela também utilizava o método da memorização, sem que ocorresse a apropriação dos conceitos.

Já Lola também destaca que a dificuldade de aprender os conceitos dificulta a compreensão da disciplina e como os exemplos recorrentes do dia a dia são importantes e podem ajudar na apropriação dos conceitos da Contabilidade.

[...] Era tanto nome, tanto detalhe, que eu pensava que não ia conseguir assimilar, mas, passo a passo, conforme você vai aprendendo o que vem primeiro, o que vai depois e praticando, você consegue aprender tudo e elaborar todo o raciocínio de que precisa.

(...) Aprendi que mesmo a Matemática Financeira engloba parte da Contabilidade, apesar de algumas coisas serem feitas de forma diferente. E o professor de Financeira usava exemplos do dia a dia, do tipo: “se você vai comprar um carro, o cálculo pode ser feito de tal maneira para descobrir qual a taxa, qual o valor que você vai pagar”. Então, entendi que Matemática Financeira não é só para empresas, é para o nosso dia a dia, para coisas que podemos usar na nossa vida pessoal, para o controle dos nossos gastos. (grifo meu)

(EN 27/09/2017)

Fica evidente na narrativa de Lola que é preciso ter contato direto com os conceitos da disciplina para que ocorra a compreensão dos mesmos, e um agente facilitador para esse processo é utilizar exemplos que ocorrem no cotidiano do aluno, utilizando um vocabulário usual do aluno e com exemplos práticos.

Assim como Nina, Luce argumenta sua dificuldade nas disciplinas contábeis, também associando-as ao ensino da matemática.

[...] No geral eu sempre fui ruim em exatas, então a maioria de DPs que eu tenho é em exatas, Contabilidade, Matemática. Desde pequena é o que eu tenho mais dificuldade, as matérias que eu tenho que ler texto, me expressar, são sempre as melhores, onde eu tenho as melhores notas, português, filosofia, as matérias que a gente já teve de Língua Portuguesa, Empreendedorismo, eu sempre fui bem. Agora matéria que envolve conta eu sou sempre ruim, eu sempre preciso de uma ajuda extra, uma atenção maior pra eu conseguir pegar, que nem a prova de matemática da semana passada, eu tive que ficar umas três semanas antes estudando pra eu poder fazer a prova e mesmo assim a minha nota não foi lá aquelas coisas”.

Eu peguei DP de Matemática básica pra você ter noção como que eu sou horrível em Matemática, era continha de dividir, mais ou menos, porcentagem, eu não entendo, o professor começa a explicar aquilo e eu falo, meu Deus, o que está acontecendo? Eu fico olhando pra lousa e depois tenho que estudar sozinha, muitas vezes nas matérias de contas, o professor passa o conteúdo, eu copio e não entendo nada.

Depois estudo em casa sozinha, na maioria das vezes é assim, eu não consigo entender, eu revejo o exercício para poder entender, eu não sou daqueles alunos que estão vendo o professor falar e estão entendendo, eu não entendo. (grifo meu)

(EN 28/11/2017)

Concluimos por meio do depoimento de Nina que a dificuldade na compreensão dos conceitos matemáticos está presente desde o ensino básico. Ela relata a facilidade com disciplinas que não exigem cálculo matemático. Notamos na sua fala como a dificuldade do aprendizado da matemática fica intrínseco na sua baixa autoestima, causando-lhe angústia quando ela se depara com disciplinas que exigem raciocínio lógico e utilização de cálculos numéricos. Essas marcas dificultam seu aprendizado.

Elise, assim como Luce, mostra indícios da utilização do método da memorização e da fragmentação dos conhecimentos como metodologia, o que nos permite deduzir que esses alunos viveram num sistema educacional que privilegiou esse método.

“No primeiro semestre a gente teve Matemática e Contabilidade, as duas a gente praticava muito, tinha gente que falava que era muito difícil, eu não senti essa dificuldade que era muito difícil, óbvio que não é do tipo que vou chegar aqui e vou fazer, mas eu tenho o hábito de decorar as coisas, mais do que aprender, eu acho, então eu olho aquele exercício, eu decoro como faz ele, às vezes você falava aqui é o Passivo, Ativo, eu olhava e não tava entendendo, mas quando você fez eu decorei como fazer de uma jeito na minha cabeça eu memorizei, eu sei que de uma lado é positivo e o outro negativo, mas quando começava misturar Passivo e Ativo no meio, eu me perco, se você colocar o exercício pra eu fazer eu sei, mas daquele jeito que eu memorizei. Às vezes eu estou estudando com a Lola, ela fala umas coisas e falo, para, se você fazer, assim eu não vou saber fazer, coisa minha até hoje, eu decoro aquilo, prova eu decoro as fórmulas, a fórmula eu sei, mas se você mudar um negocinho ali eu já não vou saber fazer”.

(EN 28/09/2017)

Por meio das entrevistas produzidas e de minha vivência como docente, pude notar que, para a apropriação dos conceitos, independentemente da disciplina abordada, ela tem que significar para o sujeito.

Inicialmente, eles têm esse caráter da memorização como estudo e os conceitos parecem não ter sentido porque também eles não têm vivência no curso. Mas, passando os semestres, e ao ir compreendendo melhor o curso, integrando-se a ele, ressignificando o que é fazer Administração, os conceitos parecem ser ressignificados também e o aluno vai se apropriando daquilo que antes não fazia sentido, a partir das intervenções do professor, dos discursos outros, da interação, da aplicação no mercado de trabalho, etc.

Para exercer a profissão de Administrador, é de extrema importância que o profissional saiba conceituar a terminologia e a técnica utilizada nos lançamentos contábeis, para que seja possível identificar o fato administrativo, decorrente do ato administrativo e que resulta nas contas que compõem as demonstrações contábeis, assim como as alterações que ocorrem nessas contas.

O papel do ensino é provocar novos conhecimentos. A universidade é o lugar de aprender os conceitos científicos através de uma relação mediada. Por isso, não depende apenas do sujeito, mas de uma relação coletiva e do modo em que essas relações são estabelecidas. A mediação promove o desenvolvimento da aprendizagem e devemos considerar a relevância do professor nesse processo, a prática tem que ser não apenas teorizada, mas refletida, significada.

Devemos ainda considerar que o contexto dos alunos que participaram dessa pesquisa revela que eles são estudantes que trabalham durante o dia e estudam à noite, o que corrobora para a falta de hábitos de estudo, uma vez que esses alunos não dispõem de tempo suficiente para o estudo, para realizarem exercícios extraclasse, o que pode tornar a tarefa de estudar e trabalhar ainda mais difícil, principalmente para o aluno que não sabe estudar. O estudo universitário requer maior comprometimento por parte do estudante.

Abaixo, no excerto de Nina notamos o reconhecimento por parte da aluna sobre a responsabilidade do estudo, a importância do empenho do aluno para atingir os objetivos propostos, a importância da dialogicidade entre professor e aluno como meio facilitador do processo de apropriação de conceitos.

*[...] Eu acho que tinha que me empenhar mais, acho que celular, é acho que celular que é um grande problema assim, na vida de qualquer pessoa, porque você pode tá focado numa coisa, no máximo que você esteja, se o celular vibrar, se o celular vibrar, se chegar mensagem, você vai para tudo que você tá fazendo para, e vão olhar o celular, nisso você já perde explicação, você já perde porque do resultado, você já perde um monte de informação e depois você fica, da onde que ela tirou isso? Ela tá ficando louca? E aí se vê que, putz, perdi e aí você não tem aquele, **aquela responsabilidade de novo de ir atrás da professora e falar, ai(...) você me explica, por favor, é, acho que os alunos em si não tem isso, tem medo, tem vergonha de pedir uma nova explicação, de questionar o porquê do resultado, eu acho que isso me atrapalhou bastante, medo de perguntar, de ter o entendimento, e celulares, amigos, tudo atrapalha, tudo junta assim numa bola e se vai indo numa bola de neve, te atrapalha inteira, porque depois você tiver em outro emprego e precisar da matéria em si, o que você vai fazer se você nem tem matéria no caderno pra depois ficar olhando, eu acho que isso atrapalhou bastante meu desenvolvimento...[silêncio]. (grifo meu)***

(EN 18/10/2017)

Dessa maneira, identificamos que a apropriação de conceitos está na relação do sujeito com o social: na relação que o estudante estabelece com a teoria, com o professor, com os colegas, com o trabalho, etc. Por isso, nas instituições de ensino superior, as vozes dos alunos precisam ser ouvidas. Elas trazem indícios da importância dos docentes em proporcionar um ensino reflexivo a cada dia, com propostas de um ensino contextualizado e interdisciplinar.

O docente deve considerar os saberes desses alunos como ponto de partida para a elaboração do seu plano de aula, com o propósito de favorecer o aluno a discutir e ter capacidades necessárias para exercer seus direitos e deveres como cidadão.

Diante dos relatos dos depoentes da investigação, inicialmente uma problemática comum foi apontada: a disciplina de Contabilidade ser oferecida no primeiro semestre, uma vez que os alunos nunca tiveram contato essa disciplina ou conhecimento dela dentro do curso.

Um segundo ponto de análise convergente encontrado foi a disciplina seguinte, no caso, Custos Empresariais, cuja problemática era é a de ser oferecida apenas no quarto semestre, ou seja, com dois semestres de intervalo entre a disciplina de Contabilidade e a próxima disciplina Contábil. Fica evidente nos depoimentos que esse tempo prejudicou a apropriação dos conceitos da disciplina, pois enquanto professora da disciplina, notei que era necessário primeiro fazer uma retomada do conteúdo da disciplina anterior, pois os alunos já não se lembravam mais do que havia sido ensinado, para somente depois dar seguimento a novos conteúdos. Essa problemática foi rompida no ano de 2017 quando a grade do curso teve sua reestruturação aprovada.

Diante desse cenário, os alunos foram criando estratégias para minimizar suas dificuldades nas disciplinas que envolviam a contabilidade.

Nina relata o percurso realizado em relação às disciplinas da área contábil e financeira.

*[...] Eu acho que ela se desenvolveu muito rápido, ou eu perdi alguma coisa, porque você vê a matéria assim no começo da faculdade aí depois você dá um tempo e aí você pega de novo pra fazer Contabilidade básica que você vê em Custos, em Administração de Recursos Financeiros, que você não lembra mais onde eu coloco, onde que vai, encargos, passivo, ativo, circulante, **você fica perdido, porque você não sabe**. Na matéria seguinte da Contabilidade, eu lembro que eu carregava o caderno do primeiro bimestre, pra eu lembrar onde que eu colocava cada coisa, porque realmente é muito tempo pra ter quatro seguimentos da contabilidade com intervalos de , por exemplo, **dois semestres, é muita coisa, e acaba você esquecendo**, você coisas que você viu semana passa porque se não vai esquecer coisas que você viu há dois semestres passados.*

E o estudo assim acho que evoluiu e eu não consegui acompanhar muito o raciocínio, e eu estudei somente para passar na prova, que era para não pegar mais DP, mas fala que eu entendi, não, foi muito, muita essa palavra assim, tive a visão breve mas o entendimento, o conhecimento não tive. [silêncio].

(EN 18/10/2017)

Notamos como essa lacuna entre semestres ficou evidente na narrativa de Nina. Ela reconhece que, além dos conceitos que deveriam ter sido apropriados na disciplina inicial de Contabilidade, mas não foram, o espaçamento até a próxima disciplina da área contábil dificultou o aprendizado, levando-a a recorrer ao processo de memorização sem que houvesse apropriação dos conceitos, para que também não a prejudicasse na parte financeira com a reprova da disciplina.

Já Lola utiliza outros recursos para estudar:

*[...] o método que encontrei, para que eu possa prestar atenção durante as aulas, é **escrever com as minhas próprias palavras o que o professor diz**, porque dessa forma consigo absorver melhor e também entender melhor quando vou estudar sozinha depois. (...) Algumas vezes, eu faço um texto com aqueles pontos-chave que eu grifei, e isso me ajuda a elaborar um raciocínio.
(...) Outra coisa de que gosto é **ensinar as pessoas**, porque, além de ser fácil para mim, revejo o ensinado e aprendo ainda mais.*

(EN 27/09/2017)

Ela faz uso da estratégia de escrever seu próprio texto para apropriar-se dos conceitos apresentados nas disciplinas. Dessa forma, destaca os pontos que considera fundamentais para apropriação dos conceitos. Outro critério adotado por Lola nos estudos, para rememorar os assuntos e conceitos abordados na aula, está no fato de ela gostar de ensinar outros colegas da

sala com dificuldade de apropriação, o que nos faz refletir novamente a importância das relações estabelecidas entre o eu e o outro no processo de ensino-aprendizagem.

É nesse sentido que os sujeitos vão se constituindo... narrando e refletindo sobre as suas histórias de vida, ressignificando os acontecimentos por que passa. Por esse processo relacional com os outros, os outros que o ajudaram a constituir-se.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desse trabalho, buscamos responder a seguinte questão de investigação: Que sentidos os discentes do 5º semestre do curso de Administração atribuem à formação nessa área e às disciplinas relacionadas à área contábil. O trabalho teve como objetivos específicos: 1) Analisar como os discentes narram as suas trajetórias de vida escolar e vão se constituindo a partir delas; 2) Analisar como esses sujeitos vão se apropriando do que é ser um administrador; 3) Analisar as convergências e divergências das histórias de vida dos alunos em relação às dificuldades apresentadas na disciplina de Contabilidade.

Em relação ao objetivo 1, percebemos, a partir da voz desses alunos, que eles narram uma fase de tensão desde o início da escolarização na relação professor-aluno e que as escolhas para seguir no ensino superior foram marcadas pelas relações familiares, em especial pela figura paterna.

Quanto ao objetivo 2, identificamos que, a princípio, os estudantes apropriam-se de discursos que foram historicamente construídos e que circulam socialmente, de que Administração é um curso “fácil” e de quem o realiza é porque não sabe realmente o que vai cursar. Todavia, conforme suas narrativas, durante o decorrer do curso, esses estudantes vão resignificando esses discursos e tomando consciência enquanto narram que a formação no ensino superior é bastante relevante e complexa e muito contribui para o exercício da profissão que desejaram seguir.

Em relação ao objetivo 3, foi possível observar que os estudantes associam a disciplina de contabilidade à matemática – disciplina esta que marcou a trajetória de vida desses estudantes durante os anos escolares. Além disso, a fala dos estudantes traz indícios de que esses alunos representam vários outros que chegam ao Ensino Superior e que trazem as marcas de um ensino fragilizado.

Essas reflexões suscitaram-nos algumas questões: as universidades estão preparadas para receber esses sujeitos com dificuldades de aprendizagem e proporcionar a eles meios de permanecerem nesse espaço? Os professores dos cursos de graduação são preparados e formados para garantir esse ensino para todos? Como está o processo de formação de professores do ensino superior? As disciplinas ministradas fazem, de fato, sentido aos alunos que chegam ao ensino superior?

Entendemos que a qualidade da mediação determina, em grande parte, a qualidade da relação e, conseqüentemente, a apropriação dos conceitos considerados nas disciplinas e,

portanto, novas formas de acompanhamento que levem em conta o trabalho educacional precisam ser viabilizadas.

Outro aspecto que consideramos como diferencial na elaboração dessa investigação foi a possibilidade de participar da reformulação da grade curricular do curso no ano de 2017, em que a disciplina de Contabilidade era oferecida no primeiro semestre e depois, somente no quarto semestre, existia a continuação das disciplinas da área contábil e financeira. Essa lacuna entre as disciplinas já era uma preocupação que se fazia presente nas reuniões de colegiado da instituição. A partir das reflexões impulsionadas por esse trabalho, a grade foi modificada de modo a atender as necessidades narradas pelos estudantes.

Ressaltamos a importância de recorrermos ao método biográfico para a produção dos dados da pesquisa. Ele foi essencial para que os depoentes dessa investigação pudessem refletir como suas experiências e aprendizagens formaram o seu processo identitário e ressignificá-las, isto é, tomarem consciência, enquanto narravam, de sua constituição pessoal.

Porém, é preciso ressaltar que utilizar o método biográfico no campo da investigação e da produção do conhecimento requer sutileza, uma vez que, por meio dos depoimentos, os alunos trazem suas emoções, suas lutas, frustrações e realizações, e estes momentos são marcados por fatos e pessoas que significaram seus percursos da vida. Cada vez que um fato é lembrado, esses sujeitos dão a ele um novo sentido, pois tudo está sempre em transformação. O processo identitário é constituído de acordo com o cotidiano vivido e pela presença de todos aqueles de quem se recorda e que influenciaram decididamente suas decisões.

Além do método biográfico, nesse estudo fez-se relevante adotarmos os princípios da perspectiva histórico-cultural, que tem como seu principal representante Vigotski, visto que ela nos ajudou a compreender sobre o funcionamento psicológico e o conceito de mediação, que norteiam os objetivos desta investigação. A perspectiva enunciativo-discursiva, representada por Mikhail Bakhtin, também foi essencial para que conseguíssemos observar, a partir da voz dos sujeitos, como outras vozes os constituíam. Os conceitos de dialogismo, suas discussões sobre os processos de interlocução e alteridade foram fundamentais para afinar nosso olhar para uma análise dos enunciados proferidos pelos estudantes.

Ressaltamos também o escasso número de pesquisas que levam em conta a voz do sujeito em determinados cursos como é o caso da graduação em Administração. O ineditismo em utilizar-se do método biográfico na área de Contabilidade, aos nossos olhos, tornou a

pesquisa diferenciada, uma vez que permitiu que tanto a pesquisadora e docente quanto os discentes fossem ressignificando suas ações.

Nossas análises trazem reflexões sobre como se deram as trajetórias escolares dos sujeitos participantes, a escolha do curso de administração e suas dificuldades nas disciplinas de contábeis. As narrativas ajudaram-me a entender como a trajetória de vida, as lembranças, os percalços, o contexto social vivido, pode (ou não) interferir nas escolhas dos sujeitos. Também permitiu identificar como os enunciados dos sujeitos participantes vão sendo ressignificados acerca da escolha do curso e da profissão a partir de suas vivências e da narrativa. Apesar das dificuldades encontradas nas disciplinas, a incerteza da escolha do curso, as relações familiares, o contexto em que estão inseridos, contribuíram para que o objetivo de cada um fosse alcançado.

Sob esse olhar é que é preciso repensar esse espaço universitário. Torna-se necessário que as universidades percebam o perfil dos estudantes que chegam ao ensino superior e promovam um ensino de qualidade que signifique aos estudantes. De nada adianta a memorização de fórmulas e conceitos se estes não perceberem a funcionalidade do que ali se ensina, ou melhor, transmite-se. Por isso, a necessidade de pesquisas que deem continuidade às indagações realizadas em busca de tornar o ensino superior um espaço de diálogo, de escuta e de interação. Essas reflexões só foram possíveis uma vez que, a partir da voz do outro, compreendi que cada sujeito constitui-se a partir das suas relações sociais e que, para a constituição da minha identidade, eu busco no outro a minha completude.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem** 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1981.

_____. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

BRAIT, Beth. Análise e Teoria do Discurso. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

BRASIL. **Resolução CNE/CES nº 4/2005 do Conselho Nacional de Educação**, de 13 de julho de 2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces004_05.pdf>. Acesso em: 28.11.18

DOMINICÉ, Pierre. O que a vida lhes ensinou. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. p.189-222.

_____. O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais. In: NÓVOA, A; FINGER, M. (orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa, Ministério da Saúde, p. 51-61.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Orgs.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Natal, RN: UFRN; São Paulo: Paulus, 2010, p. 31-57.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção; RAMOS, Bruna Sola. **Bakhtin Partilhado**. Curitiba: Editora CRV, 2017.

_____. Nos textos de Bakhtin e Vigotski. In: BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin: dialogismo e construção de sentido**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M.W.; GASKELL, G. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

KOHL, Marta de Oliveira. **Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 2010.

LÚRIA, A. R. Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Lúria. Porto Alegre: ArtMed, 1986.

NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: PASSEGGI, M.C.; SILVA, V.B. (Orgs.). **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

SIRGADO, Angel Pino. **O social e o cultural na obra de Vigotsky**. Educação e Sociedade. Ano XXI, n. 71. jul./00.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **O (im)próprio e o (im)pertinente na apropriação das práticas sociais**. Cadernos Cedes, ano XX, n. 50, abr./00.

VIGOTSKY, L. S. Manuscrito de 29. **Educação e Sociedade**. Ano XXI, n. 71. Campinas, jul./00.

_____. **A construção do pensamento da linguagem**. Tradução Paulo Bezerra. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

_____. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1998.